



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Comunicação Social

Camile Carvalho Nascimento

**A percepção do livro enquanto objeto sagrado na tradição védica**

Rio de Janeiro

2020

Camile Carvalho Nascimento

**A percepção do livro enquanto objeto sagrado na tradição védica**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Souza Gonçalves

Coorientador: Prof. Dr Edgard Leite Ferreira Neto

Rio de Janeiro

2020

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

N244 Nascimento, Camile Carvalho  
A percepção do livro enquanto objeto sagrado na tradição védica /  
Camile Carvalho Nascimento. – 2020.  
121 f.

Orientador: Márcio Souza Gonçalves  
Coorientador: Edgard Leite Ferreira Neto

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.  
Faculdade de Comunicação Social.

1. Literatura védica - Teses. 2. Livro digital - Teses. 3. Hinduísmo –  
Teses. I. Gonçalves, Márcio Souza. II. Ferreira Neto, Edgard Leite. III.  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação  
Social. IV. Título.

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta  
dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Camile Carvalho Nascimento

**A percepção do livro enquanto objeto sagrado na tradição védica**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Comunicação.

Aprovada em 27 de fevereiro de 2020.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Márcio Souza Gonçalves (Orientador)  
Faculdade de Comunicação Social - UERJ

---

Prof. Dr. Edgard Leite Ferreira Neto (Coorientador)  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

---

Prof. Dr. Fernando do Nascimento Gonçalves  
Faculdade de Comunicação Social – UERJ

---

Prof. Dr. José Rubens Turci Júnior  
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Rio de Janeiro

2020

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à Shri Yamuna Devi, minha fortaleza e que esteve sempre ao meu lado, mesmo quando as dificuldades surgiram.

Aos meus pais, que sempre acreditaram nos meus sonhos e me incentivam diariamente a continuar seguindo em frente.

Agradeço à família Shukla que me recebeu com carinho na Índia e, mesmo sem compreender exatamente sobre o que eu pesquisava, me acolheu e me ensinou tudo o que podiam sobre a tradição védica, incluindo o delicioso *chai*.

Ao Bhuvnesh, que nesta jornada se tornou mais que um grande mestre e que nunca largou minha mão quando eu mais precisei.

À minha querida amiga Laila, que esteve sempre presente com suas palavras doces e firmes, me ajudando a lembrar que *todo rio corre pro mar...*

Ao meu querido amigo Caitanya, que animou minhas tardes no Programa de Estudos Indianos tocando sua flauta e que é uma inspiração com sua devoção.

Agradeço, de coração, ao meu orientador Márcio Souza Gonçalves, por confiar em mim e me guiar nesta jornada acadêmica.

E ao meu coorientador, Edgard Leite, por acreditar no meu potencial e me acolher no Programa de Estudos Indianos da UERJ.

Agradeço também ao professor e amigo Fernando Gonçalves, com quem passei muitas horas (necessárias) meditando.

Agradeço à CAPES pelo apoio financeiro, sem o qual grande parte deste trabalho não poderia ter sido realizado.

E a todos os meus amigos e amigas, professores e professoras que eu não citei aqui: só tenho a agradecer por fazerem parte da minha vida.

Namami Yamuna maham, sakala siddhi  
hetum muda  
Murari pada pankajafurada manda renut  
katam

“Eu me curvo alegremente a Shri Yamuna, a  
doadora de todos os poderes divinos. Suas  
areias brilham como os pés de lótus do  
Senhor Krishna.”

*Yamunastakam, Sri Vallabhacarya*

## RESUMO

NASCIMENTO, Camile Carvalho do. *A percepção do livro enquanto objeto sagrado na tradição védica*. 2020. 121f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

A literatura sagrada indiana em sânscrito é considerada uma das mais antigas e extensas obras literárias do mundo, sendo conhecida como *Vedas*. Originária de uma cultura na qual o livro é um objeto de adoração, representando a manifestação do próprio Deus, esta pesquisa consiste em observar a percepção do sagrado no livro impresso pela comunidade Vaishnava brasileira, e quando este passa a ser publicado em formato digital, levando em consideração questões de afeto, posse e materialidade do livro. Para muitos leitores ainda há uma resistência na substituição do livro físico pelo *e-book*, já que há uma questão afetiva pela materialidade do papel e dos sentidos atrelados a ele. O recorte da pesquisa delimita um leitor que está inserido em uma tradição cultural milenar de respeito e adoração por objetos, sejam eles livros, imagens ou estatuetas, as quais carregam uma representação mística e mitológica, além de considerar o livro como objeto de comunicação.

Palavras-chave: Literatura Védica. Livro Digital. Hinduísmo. Índia. Sagrado.

## ABSTRACT

NASCIMENTO, Camile Carvalho do. *The perception of the book as a sacred object in the Vedic tradition*. 2020. 121f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

This research aims to present the debates about the materiality of religious books of Hinduism, their habits, ways of reading and their appropriations, presenting the ancient Vedic traditional education system, in addition to discussing how religious reading practices take place. Indian literature originated with the production of the Vedas, an extensive work that for at least three thousand years was transmitted from Guru to disciple orally, being seen, until today, as the greatest religious authority of Hinduism. The focus of the research was specifically the Vaishnava community with its traditional Indian works, in order to understand how affection for such texts occurs, how their personal libraries are composed and how the arrival of the digital book influenced their relationship with the sacred book, observing the differences of affection for these works on paper and in digital format, trying to fill a gap that, when it comes to the materiality of the books, little is said about the religious and, when it comes to the cult of devotional objects, little is said about the books. The facility of using a digital support to store a library can cause a change in behavior. Traditional Indian texts, previously obtained only through oral transmission, are now translated and commented on by various western authors and available in digital format on the internet. However, there is a gap to be filled when dealing with materiality, since when we transport the physical book to the digital medium, there is a sensory loss in the reader's relationship with his book. The senses that were previously stimulated during reading are limited to what the digital device offers. This study, therefore, is relevant because it deals with a reader of millennial canonical works in a scenario of new reading technologies which is on a wall that, if on the one hand there is tradition, affection, respect and adoration for the book as an object by often placing it on altars with deities and sacred images, on the other hand there is the emergence of new forms of reading bringing with it the ephemerality and ease of access to works previously restricted to a select group of monks.

Keywords: Digital Book. Vedic Literature. Sanskrit. Hinduism.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Tabela da escrita <i>Devanagari</i> .....	20
Figura 2: Pintura retratando Vyasa Deva, o compilador dos <i>Vedas</i> .....	21
Figura 3: Vyasa narrando o épico <i>Mahabharata</i> a <i>Ganesha</i> .....	24
Figura 4: Como a literatura sagrada do Hinduísmo se organiza .....	26
Figura 5: Fotografia de uma parte do <i>Rigveda</i> manuscrito .....	28
Figura 6: Professor ensinando a seus discípulos no sistema de <i>Gurukula</i> na Índia	44
Figura 7: Estudantes entoando mantras védicos utilizando gestos com as mãos...	46
Figura 8: Professor ensinando versos védicos .....	47
Figura 9: Templo <i>Sri Gauravani Gaudiya Matha</i> , no Rio de Janeiro .....	59
Figura 10: Leitura e canto de mantras com consulta ao livro.....	60
Figura 11: Devotos no templo realizando a leitura de uma canção .....	62
Figura 12: Estande de venda de livros no templo.....	63
Figura 13: Livros e almofadas disponíveis para visitantes.....	64
Figura 14: <i>Keshighat</i> , localizado às margens do rio Yamuna em Vrindavana, Índia .....	68
Figura 15: Acharya Siddhartha Shukla explicando sobre a tradição a um grupo de turistas da Bengala .....	69
Figura 16: Acharya Siddhartha Shukla no templo de Yamuna.....	70
Figura 17: Acharya Rahul Shukla realizando a cerimônia em sua residência.....	71
Figura 18: Acharya Bhuvnesh Shukla cuidando do altar e os livros sagrados na direita, embrulhados por um tecido .....	73
Figura 19: Livraria e editora Ras Bihari Lal & Sons em Vrindavana .....	74
Figura 20: Representação de <i>Swami Prabhupada</i> traduzindo a <i>Bhagavad-Gita</i> para o inglês .....	76
Figura 21: Acharya Bhuvnesh Shukla lendo mantras em sânscrito durante uma cerimônia no rio Yamuna .....	96
Figura 22: Edição impressa de um livro sagrado traduzido para o Hindi .....	99
Figura 23: Momento da leitura dos livros sagrados pela manhã pelo Acharya Bhuvnesh Shukla .....	101

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
1 HISTÓRIA DA LITERATURA VÉDICA .....	14
1.1 Os <i>Vedas</i> .....	14
1.2 A tradição oral .....	15
1.3 O sânscrito como língua sagrada .....	16
1.4 O advento da escrita .....	18
1.5 A escrita <i>Devanagari</i> .....	19
1.6 Vyasa: o compilador .....	21
1.7 O mito sobre <i>Ganesha</i> : o pai da escrita .....	22
1.8 Os tipos de texto: <i>Shruti</i> x <i>Smriti</i> .....	24
1.9 Os <i>Vedas</i> originais ( <i>Shruti</i> ) .....	26
1.9.1 <u>Os <i>Samhitas</i></u> .....	26
1.9.2 <u>Os <i>Brahmanas</i></u> .....	29
1.9.3 <u>Os <i>Aranyakas</i></u> .....	31
1.9.4 <u>As <i>Upanishad (Vedanta)</i></u> .....	32
1.10 A literatura Hindu ( <i>Smriti</i> ) .....	34
1.11 Os <i>Puranas</i> .....	35
1.12 Os épicos: <i>Ramayana</i> e <i>Mahabharata</i> .....	35
1.13 A <i>Bhagavad-Gita</i> .....	36
1.14 <i>Srimad Bhagavatam (Bhagavata Purana)</i> .....	38
2 AS PRÁTICAS DE LEITURAS E A COMUNIDADE RELIGIOSA .....	40
2.1 Os livros e os leitores .....	40
2.2 As práticas de leitura religiosa .....	42
2.3 A educação Védica tradicional .....	43
2.4 A questão da materialidade .....	46
2.5 A comunidade Hindu e o Movimento Bhakti .....	48
2.6 A comunidade <i>Vaishnava</i> e as quatro <i>Sampradayas</i> .....	49
2.7 A escola <i>Gaudiya</i> de <i>Caitanya Mahaprabhu</i> .....	51
2.8 Os livros sagrados para a comunidade <i>Vaishnava</i> .....	52
3 MÉTODO DA PESQUISA .....	54
3.1 Etapa 1: pesquisa bibliográfica .....	54
3.2 Etapa 2: observação participante no Brasil .....	55
3.3 Etapa 3: entrevistas no Brasil .....	55

3.4	<b>Etapa 4: observação participante na Índia</b> .....	56
3.5	<b>Etapa 5: entrevista com <i>Vaishnavas</i> indianos</b> .....	57
4	<b>APRESENTAÇÃO DE DADOS E ANÁLISE DE RESULTADOS</b> .....	58
4.1	<b>Análise da comunidade no Brasil</b> .....	59
4.2	<b>Análise da comunidade na Índia</b> .....	65
4.3	<b>Entrevistas no Brasil</b> .....	76
4.3.1	<u>Entrevistado 1</u> .....	77
4.3.2	<u>Entrevistado 2</u> .....	81
4.3.3	<u>Entrevistado 3</u> .....	84
4.3.4	<u>Entrevistado 4</u> .....	86
4.3.5	<u>Entrevistado 5</u> .....	90
4.3.6	<u>Entrevistado 6</u> .....	91
4.3.7	<u>Entrevistado 7</u> .....	93
4.4	<b>Entrevista com o sacerdote indiano: Acharya Bhuvnesh Shukla</b> .....	95
4.5	<b>Entrevista com o devoto indiano Rasaraj Gaura Das</b> .....	102
4.6	<b>Análise das entrevistas e discussão final</b> .....	104
	<b>CONCLUSÃO</b> .....	114
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	116
	<b>ANEXO A: QUESTIONÁRIO DA PESQUISA</b> .....	119

## INTRODUÇÃO

Originária de uma tradição oral, a literatura indiana iniciou-se com a produção dos *Vedas*, uma extensa obra que por pelo menos três mil anos foi transmitida de mestre para discípulo oralmente com nenhuma ou poucas interpolações. Ainda que a história das religiões indianas tenha sofrido muitas transformações ao longo do tempo desde a civilização Védica, os *Vedas* continuam sendo vistos como a maior autoridade religiosa em todos os ramos do Hinduísmo (DASGUPTA, 1992, p.10).

*Veda*, em sânscrito, significa conhecimento, e esta obra é o alicerce da tradição cultural indiana influenciando as quatro principais religiões locais: Hinduísmo, Budismo, Jainismo e Siquismo, tratando de assuntos sobre filosofia, astronomia, medicina, mitos, prescrições rituais, ciência, leis entre outros.

Por muito tempo toda esta literatura foi considerada tão sagrada que registrá-las em forma escrita era considerado um sacrilégio, fazendo com que sua transmissão permanecesse apenas na forma oral e restrita aos sacerdotes (DASGUPTA, 1992, p.12).

De acordo com Barbier, a partir do momento em que as organizações sociais se tornaram mais complexas, fez-se necessário desenvolver uma forma de registro mais eficiente que o modelo oral utilizado (BARBIER, 2008, p. 27). Foi então que surgiram as primeiras formas de escrita no mundo, o que facilitou o fluxo de atividades administrativas e econômicas, além de documentar a história vivida por tais sociedades.

Assim como em outras culturas, ainda hoje a tradição dos estudos da literatura tradicional indiana se mantém atrelada a um professor qualificado a fim de se preservar a fidelidade dos ensinamentos. Porém, apesar da importância de um professor tradicional, pode-se facilmente encontrar os textos sagrados originários destes manuscritos pela internet.

Na maioria das tradições religiosas indianas ainda se propaga o respeito em relação aos textos sagrados, devendo o livro ser tratado com reverência tendo normas culturais como jamais apontar os pés em sua direção ou colocá-los diretamente no chão. Há, em muitos templos, almofadas específicas para apoiar os livros, sendo estas escritas dotadas de poder e de sacralidade. Também, em alguns templos, estes livros devem ser guardados em um local acima da cabeça e é de bom tom que seus

usuários façam higiene das mãos e boca, num gesto de purificação, antes de manipulá-los.

Percebe-se, portanto, que o livro físico carrega em si uma questão material afetiva, uma aura que atua no imaginário de seu leitor e isso pode ser observado com intensidade em relação aos livros de literatura védica, embora hoje tais obras se encontrem disponíveis também na versão digital.

É verdade que o suporte é importante e que influencia na forma como o leitor se relaciona com o texto, conferindo-lhe diferentes experiências de leitura de acordo com o formato, manuseio e interação. Como diz Furtado,

Ao lermos um livro, temos a experiência do texto usando tanto os nossos olhos como as nossas mãos. Quando um documento é em papel, podemos ver a dimensão, manusear as páginas para calcular o seu tamanho, podemos dobrar o canto de uma página enquanto procuramos outra seção do texto (FURTADO, 2006, p. 140).

Para Lyons, "por muito tempo a humanidade atribuiu poder mágico à palavra escrita" (LYONS, 2011, p.7), no entanto, com o surgimento do *e-book*, é possível que a relação dos estudantes de filosofia indiana com seus livros sagrados tenha sofrido alguma transformação.

A facilidade de usar um suporte digital para armazenar uma biblioteca pode provocar uma mudança de comportamento, de como o indivíduo se apropria do livro impresso. Os textos tradicionais indianos, antes obtidos apenas através da transmissão oral entre mestre e discípulo, atualmente encontram-se traduzidos e comentados por vários autores ocidentais e disponíveis em formato digital na internet. Se antes um devoto precisava banhar-se e entoar mantras de purificação para então manipular seus manuscritos, hoje o estudante pode baixá-lo para seu e-reader em apenas alguns cliques em uma loja virtual.

No entanto, ainda há uma lacuna a ser preenchida ao se tratar da materialidade, já que ao transportarmos o livro físico para o meio digital, há uma perda sensorial na relação do leitor com seu livro. Os sentidos que antes eram estimulados durante uma leitura, como o tato ao tocar, sentir a textura e virar as páginas, o olfato, ao sentir o cheiro da tinta no papel e a visão, ao apreciar de forma completa o trabalho de editoração da obra ficam limitados à forma que o dispositivo digital oferece.

Além disso, o afeto antes direcionado ao objeto livro é diferente daquele direcionado ao suporte digital, o que faz com que muitos leitores tradicionais não se adaptem ao *e-book*. Um monge tradicional mantém até hoje o costume de lavar suas

mãos antes de manipular um livro sagrado impresso, mas não tem a mesma atitude ao abrir um arquivo digital da mesma escritura em seu tablet.

Da mesma forma é possível posicionar um livro sagrado sobre um altar indicando uma sacralidade naquele objeto, mas é difícil visualizar um altar com um tablet posicionado entre deidades contendo um arquivo digital de um texto sagrado.

Por outro lado, há um outro tipo de leitor: aquele que valoriza apenas conteúdo do texto, não se importando se está impresso em papel ou na tela de seu smartphone. É importante ter a cautela em não apontar substituições de suportes e rompimentos bruscos, mas sim uma coexistência, um entremeio de preferências, de usos e comportamentos, como afirma Santaella:

Embora haja uma sequencialidade histórica no aparecimento de cada um desses tipos de leitores, isso não significa que um exclui o outro, que o aparecimento de um tipo de leitor leva ao desaparecimento do tipo anterior. Ao contrário, não parece haver nada mais cumulativo do que as conquistas da cultura humana. O que existe, assim, é uma convivência e reciprocidade entre os três tipos de leitores, embora cada tipo continue, de fato, sendo irreduzível ao outro, exigindo, aliás, habilidades perceptivas, sensório-motoras e cognitivas distintas (SANTAELLA, 2004, p.19).

Apesar das facilidades de uma biblioteca digital, muitos estudantes da filosofia védica ainda têm apego, respeito e preferência pelo livro físico, como um resgate saudosista à tradição. Para muitos leitores ainda há uma resistência na substituição do livro físico pelo *e-book*, já que há uma questão afetiva pela materialidade do papel e dos sentidos atrelados a ele. O recorte da pesquisa delimita um leitor que está inserido em uma tradição cultural milenar de respeito e adoração por objetos, sejam eles livros, imagens ou estatuetas, as quais carregam uma representação mística e mitológica.

O objetivo desta pesquisa, é analisar a relação de Hinduístas no Brasil, mais especificamente da tradição *Vaishnava*, com as obras tradicionais indianas, de modo a compreender como se dá o afeto por tais textos, como são compostas suas bibliotecas pessoais e como a chegada do livro digital influenciou sua relação com o livro sagrado.

Este é um leitor de obras canônicas em um cenário de novas tecnologias de leitura o qual encontra-se sobre um muro que, se por um lado há a tradição, o afeto, o respeito e adoração pelo objeto livro sagrado o colocando em altares, por outro há o surgimento de novas formas de leitura trazendo consigo a efemeridade do digital e a facilidade de acesso a obras antes restritas a um grupo de intelectuais.

Livro digital é um tema atual no campo acadêmico, visto que há um aumento tanto do número de obras disponibilizadas em *e-book* quanto de novas tecnologias que permitem a leitura destes textos em diferentes dispositivos. Por este motivo, questões sobre a materialidade do livro e o campo afetivo do leitor começam a ser levantadas.

Como há uma dificuldade da percepção do livro digital como objeto de arte, para muitos leitores ainda há uma resistência na substituição do livro físico pelo *e-book* por ser mais difícil desenvolver afeto pelo suporte digital, já que há uma questão afetiva pela materialidade do papel e dos sentidos atrelados a ele.

Este estudo, portanto, é relevante por tratar de um leitor de obras canônicas milenares em um cenário de novas tecnologias de leitura o qual encontra-se sobre um muro que, se por um lado há a tradição, o afeto, o respeito e adoração pelo objeto-livro por muitas vezes o colocando em altares com deidades e imagens sagradas, por outro há o surgimento de novas formas de leitura trazendo consigo a efemeridade e a facilidade de acesso a obras antes restritas a um grupo seleto de monges.

Com isso, este trabalho visa analisar a relação de *Vaishnavas* brasileiros com seus livros tradicionais observando as diferenças de afeto por estas obras em papel e em formato digital tentando preencher uma lacuna que, ao se tratar de materialidade de livros, não se abordam os religiosos e, ao se tratar de culto a objetos devocionais, pouco se fala sobre os livros.

Apesar da abrangência do tema e a interdisciplinaridade, já que as referências passam por historiadores, sociólogos, linguistas e outros campos, é importante ressaltar que este estudo tem a proposta de manter o livro como objeto de comunicação.

## 1 HISTÓRIA DA LITERATURA VÉDICA

Quando se trata de grandes obras literárias, é importante direcionar o olhar para o oriente, mais especificamente para a Índia, berço de uma das maiores e mais antigas tradições literárias do mundo: os *Vedas*. De raiz etimológica *vid*, que significa “saber”, os *Vedas* são vistos como obras de conhecimento da humanidade, não apenas restrito ao Hinduísmo (PRASOON, 2008, p.12). Esta literatura influenciou as quatro grandes tradições religiosas originárias no território indiano: o Hinduísmo, o Budismo, o Siquismo e o Jainismo.

Historicamente, o momento histórico da produção destas obras é um período que se define pela tradição cultural do saber baseado nos hinos contidos nos *Vedas*. Certas referências astronômicas que constam nestes textos dão a entender que a maior parte destes hinos foi composto no quarto milênio a.C., e que alguns deles talvez datem até do quinto milênio a.C., tendo ocorrido o encerramento de sua produção por volta do ano 2500 a.C. por ocasião de uma catástrofe natural: o esgotamento do rio *Saraswati*, região na qual a civilização pré-védica se localizava até então. Devido a mudanças climáticas e tectônicas, a região transformou-se no grande Deserto de Thar (FEUERSTEIN, 2006, p.102).

### 1.1 Os Vedas

Diferente dos outros textos sagrados indianos, os *Vedas* são classificados pela tradição como de origem não-humana (*apaurusheya*), sendo cada uma de suas palavras consideradas sagradas. Por muito tempo os sacerdotes brâmanes mantiveram este conhecimento oculto da sociedade por considerar que o povo comum era espiritualmente indigno (FEUERSTEIN, 2015, p.57). Sua recitação era realizada apenas por sacerdotes qualificados e escolhidos, embora toda sociedade, exceto os sem-castas, pudessem participar das cerimônias como ouvintes.

Outro fator que impedia a popularização destes textos sagrados era que o sânscrito utilizado em sua composição era uma língua arcaica, tornando praticamente impossível a compreensão total dos versos por quem não tinha instrução suficiente. Sendo assim, apenas uma pequena parcela da população, os intelectuais e a elite, tinham acesso à literatura védica e conseqüentemente, à revelação divina. Para eles,



Deus escolhia os brâmanes para atuarem como uma espécie de guardiões de suas palavras e ensinamentos.

Se por um lado a não difusão dos *Vedas* por parte dos sacerdotes apontava para um elitismo social, por outro, havia o argumento de que o conhecimento espiritual contido nos *Vedas* deveria ser protegido contra a corrupção por pessoas desqualificadas, já que havia o temor de que a divulgação dos conhecimentos espirituais a qualquer pessoa poderia levar a erros de interpretação, o que significaria o fim da tradição, sendo então essa atitude de fechar-se em um núcleo secreto uma estratégia de proteção ao ensinamento revelado.

A classe sacerdotal, no período védico, não estava organizada em templos ou instituições, mas consistia em brâmanes independentes que controlavam não apenas a espiritualidade, mas também a educação, pois estes eram alfabetizados e tinham o controle do ensino da história de acordo com sua perspectiva de vida.

A literatura canônica védica é maior que qualquer outra obra religiosa já produzida, sendo ela dividida em *Samhitas* (coletânea de versos, ou mantras), *Brahmanas* (textos rituais), *Aranyakas* (textos para ascetas que viviam nas florestas) e *Upanishad*, que abrigam mais de duzentos textos, todos considerados sagrados. A estes quatro conjuntos chama-se o corpus da literatura védica (FEUERSTEIN, 2015, p.58), sobre os quais se abordará mais adiante.

## 1.2 A tradição oral

A oralidade tem um papel fundamental nas tradições antigas. Desde brâmanes cerimonialistas que recitavam versos sagrados até os bardos viajantes que espalhavam as notícias dos reinos, o poder da composição de histórias se fez relevante para se preservar e difundir diferentes culturas. Ao se pensar sobre a tradição escrita, há um sentimento de local, de suporte que atua como um mecanismo de armazenamento da informação que poderá, no futuro, ser resgatada. No entanto, ao se tratar da oralidade, o suporte não-palpável se faz presente, gerando questionamentos sobre como as tradições orais tiveram a mesma função material da escrita, quando a informação era guardada na fala.

Para Havelock, uma vez que os costumes populares são cuidadosamente guardados, constituem a tradição pela qual a sociedade humana nutre e é nutrida e, além disso, esta tradição também é validada pela autoridade divina (HAVELOCK,

(1996, p. 75). Sendo assim, é muito comum observar-se em sociedades antigas, como a indiana e a grega, toda tradição cultural e religiosa em formatos de composições orais preservados por sacerdotes que validam a sacralidade destes versos. Além do contexto religioso, Havelock também afirma que grande parte do conteúdo temático destas composições orais ocorre sob um contexto político-social atuando como um reforçador de regras a serem seguidas pela comunidade a fim de se manter a ordem.

Os estudantes das filosofias indianas são sempre confrontados com uma vasta literatura que abarca inúmeras tradições cuja cronologia, em quase todos os casos, não é muito clara. Uma das principais razões para esta dificuldade por parte dos historiadores da Índia é que o pensamento indiano, diferentemente do pensamento filosófico recente, não estava comprometido com a autoria e nem com a escrita, mas sim com a mensagem, o que dificulta a realização da datação de forma mais acurada.

Há também, na história da literatura védica, frequentes casos de interpolações, como a história de *Ganesha*, compilador do *Mahabharata*, grande épico recitado pelo sábio Vyasa, que possivelmente foi adicionado à história num período posterior quando a prática de seu culto estava eminente.

### 1.3 O sânscrito como língua sagrada

O sânscrito é uma das línguas indo-europeias pertencendo ao mesmo tronco linguístico da maioria das línguas da Europa. Sua variedade pré-clássica, ou sânscrito védico (devido ao seu período histórico), é uma das mais antigas línguas registradas.

Vale ressaltar que, ainda hoje, mesmo com toda tecnologia de impressão de livros e publicações digitais com os mantras védicos em sânscrito, ainda existem escolas tradicionais que preservam este conhecimento na forma oral, sendo a entoação tradicional dos *Vedas*, inclusive, Patrimônio Cultural da Humanidade proclamado em 2003 pela UNESCO.

Sendo assim, para que todo este conhecimento fosse preservado, foi de extrema importância manter a estrutura rígida de pronúncia da língua sânscrita, assim como a métrica, ritmo, acentuação, tom e gestos corporais como gestos específicos com as mãos (*mudra*) e movimentos com a cabeça de acordo com a entoação. Toda essa estratégia de memorização foi importante para que, não apenas o conhecimento permanecesse inalterado, mas também que o som dos mantras recitados tivesse o efeito ritualístico desejado. Como explica Oliveira,

em relação aos *Vedas*, estes eram, e ainda são, transmitidos fidedignamente devido à exatidão poética, por meio da métrica estrita e o ritmo detalhadamente marcado, a cargo das famílias de “poetas” (os *Rishis*), da camada social sacerdotal, os brahmanas, para os quais a memória é sagrada, pois, é seu dharma (“dever ritualístico”) estudá-los, memorizá-los e transmiti-los para outros brahmanas, além de ser sua via de libertação (moksha) do ciclo repetitivo de nascimentos e mortes (samsara). (OLIVEIRA, 2009).

É importante ressaltar que durante milênios a língua sânscrita só existiu em sua forma oral, e que toda tradição védica se sustentou pela repetição destes versos, não apenas os textos mais antigos, mas todas as obras posteriores contendo comentários, explicações e interpretações sobre eles. Nota-se, portanto, que para o pensamento da época, a tradição oral representava uma solidez e a fidedignidade de um bloco de conhecimento que se mantinha intacto e inalterável por gerações de mestres e discípulos, não podendo ser ameaçado pela escrita que, embora utilizasse de um suporte físico, na prática representava uma ameaça à estrutura védica vigente.

Quanto à sua natureza, os *Vedas* não têm o propósito de ser um veículo de propagação de uma crença ou religião, mas de se tornar um meio de conhecimento para todos os campos da sociedade abordando temas referentes à humanidade e ao universo. Segundo a tradição, os poemas não foram compostos por pessoas comuns, mas por sábios videntes chamados *Rishis* que, por meio de estados alterados de consciência obtidos através da meditação, obtinham a visão dos versos que eram então memorizados e repetidos de forma integral sem quaisquer alterações na pronúncia, métrica, ritmo, rima e tom. Para Feuerstein,

Os heróis espirituais do povo védico não eram os sacerdotes, embora fossem estes altamente estimados, mas sim os sábios ou “videntes” (rishi) que “viam” a verdade, que percebiam com o olho do coração a realidade oculta por trás da cortina de fumaça da existência manifestada. (...) Eles eram os sábios iluminados cuja sabedoria promanou numa poesia rítmica e numa linguagem altamente simbólica: os impressionantes hinos dos *Vedas*. (FEUERSTEIN, 2016, p.145)

O período védico, portanto, foi uma época em que tais poesias foram compostas – ou intuídas – sendo o mais antigo o *Rigveda*, cujos hinos atuam como um manual de rituais, seguido posteriormente pelo *Yajurveda*, com foco na liturgia, rituais e sacrifícios, o *Samaveda*, *Vedas* dos cânticos e melodias, e por último, o *Atharvaveda*, que são os *Vedas* dos sacerdotes, nos quais aparecem as primeiras citações sobre o ferro e a medicina.

#### 1.4 O advento da escrita

De acordo com a história cultural dos livros, Barbier explica que a partir do momento em que as organizações sociais se tornaram mais complexas, fez-se necessário desenvolver uma forma de registro mais eficiente que o modelo oral utilizado (BARBIER, 2008, p. 27). Foi então que surgiram as primeiras formas de escrita no mundo, o que facilitou o fluxo de atividades administrativas e econômicas, além de documentar a história vivida por tais sociedades.

No entanto, por muito tempo os Sacerdotes foram resistentes à escrita dos *Vedas*, pois, segundo eles, o conhecimento poderia ser deturpado. A justificativa era que, durante o processo da leitura, alterações fonéticas, erros de pronúncia ou variações linguísticas prejudicariam o conteúdo original, já que o sistema de versos na literatura védica exige a pronúncia exata de cada sílaba, assim como a acentuação, o tom e o ritmo original, para produzir o efeito ritualístico desejado e manter o conhecimento vivo.

Macdonnel afirma que nesta cultura, o conhecimento das sagradas escrituras só poderia ser adquirido através da boca de um professor, e jamais por um manuscrito e que apenas o saber memorizado, transmitido de mestre para aluno, seria dotado de valor (MACDONNEL, 1972, p.16).

Em meados de 2000-1500 a.C. a escrita foi autorizada devido ao risco iminente de sacerdotes não qualificados deturparem o conhecimento contido em suas obras para benefício próprio, como estava acontecendo em algumas escolas filosóficas, além da previsão de que as gerações futuras perderiam a capacidade de memorização. Para isso foram utilizadas folhas de palmeiras e casca de bétula de acordo com a região na Índia e o sistema de escrita *Devanagari*, cuja palavra significa “morada dos deuses”, sendo estes manuscritos considerados atualmente por historiadores e linguísticos a mais antiga literatura da língua indo-europeia.

Apesar da possibilidade de difusão dos manuscritos e, posteriormente, edições em códex em maior escala, por muito tempo sua distribuição permaneceu restrita aos templos e famílias de intelectuais, já que a erudição em sânscrito sempre foi um requisito para a leitura, interpretação e transmissão destas obras.

Além disso, o domínio da escrita, da leitura e da memorização de versos como objeto de status sempre esteve presente na cultura indiana, marcada pelas

estratificações sociais nas quais o brâmane detinha o poder sobre o povo devido ao seu conhecimento e erudição.

### 1.5 A escrita *Devanagari*

Em se tratando da Índia, apesar da preferência, na época, pela transmissão oral do conhecimento, a escrita sempre teve muita importância. Ainda que os brâmanes considerassem a escrita inferior à fala, segundo Fischer, não é possível listar e descrever as inúmeras escritas do subcontinente indiano, e se houvesse um trabalho no qual descrevessem toda a história das escritas do mundo em cinco volumes, as escritas indianas ocupariam três deles (FISCHER, 2009, p. 96).

Em certo momento da história, o *Devanagari* se tornou a principal escrita Hindu, sendo usada não apenas como suporte para a língua sânscrita, mas também de outras, como o Hindi, uma das mais populares no território indiano e as línguas Caxemira, Nepalês, Marata, Sindi entre outras.

Até os dias atuais, a maioria dos livros sagrados da tradição Hindu são editados com os versos dos mantras no original em sânscrito utilizando a escrita *Devanagari*. Alguns são adicionados abaixo a transliteração para o alfabeto romano para que os leitores que não tenham o conhecimento do sânscrito consigam ler e pronunciar corretamente.

Figura 1: Tabela da escrita *Devanagari***Devanāgarī script****Independent vowel signs, anusvāra and visarga**

अ	a	आ	ā	इ	i	ई	ī	उ	u	ऊ	ū
ऋ	ṛ	ॠ	ṝ	ऌ	ḷ						
ए	e	ऐ	ai	ओ	o	औ	au				
ं	m̐	अं	aṁ	:	ḥ	अः	aḥ				

**Virama and dependent vowel signs**

क्	k	का	kā	कि	ki	की	kī	कु	ku	कू	kū
कृ	kṛ	कृ	kṝ	क्लृ	klṛ						
के	ke	कै	kai	को	ko	कौ	kau				
कं	kaṁ	कः	kaḥ								

**Basic consonant signs**

क	ka	ख	kha	ग	ga	घ	gha	ङ	ṅa
च	ca	छ	cha	ज	ja	झ	jha	ञ	ña
ट	ṭa	ठ	ṭha	ड	ḍa	ढ	ḍha	ण	ṇa
त	ta	थ	tha	द	da	ध	dha	न	na
प	pa	फ	pha	ब	ba	भ	bha	म	ma
य	ya	र	ra	ल	la	व	va		
श	śa	ष	ṣa	स	sa	ह	ha		

Fonte: The Sanskrit Library, acesso em 26 de dez 2019<sup>1</sup>

Utilizada restritamente para fins religiosos, o sânscrito também foi chamado *Devabhasa*, ou língua dos deuses, e sua mais antiga gramática data do século V a.C., conhecida por Gramática de Panini, sendo ela uma gramática descritiva que retrata os usos linguísticos em várias regiões da Índia durante o período clássico e também das formas já em desuso do período védico.

Devido a mudanças climáticas e rearranjos de assentamentos, o centro da civilização védica deslocou-se para o leste, para as férteis margens do Rio Ganges e dos seus afluentes. Neste período, a classe sacerdotal transformou-se numa elite profissional, altamente especializada que logo dominou a cultura e religiões védicas. As especulações teológico-mitológicas e as ocupações rituais dos sacerdotes consubstanciaram-se na literatura dos *Brahmanas*. (FEUERSTEIN, 2006, p.103)

Tendo em vista que o sânscrito, segundo a tradição, é uma língua sagrada assim como a sua escrita *Devanagari*, uma questão a ser levantada é a importância da presença do *Devanagari* nos livros sagrados impressos ou digitais. Seria o livro considerado mais sagrado caso presente em seu conteúdo os versos escritos em *Devanagari*? Ou será que uma transliteração, ou até mesmo sua tradução para outra

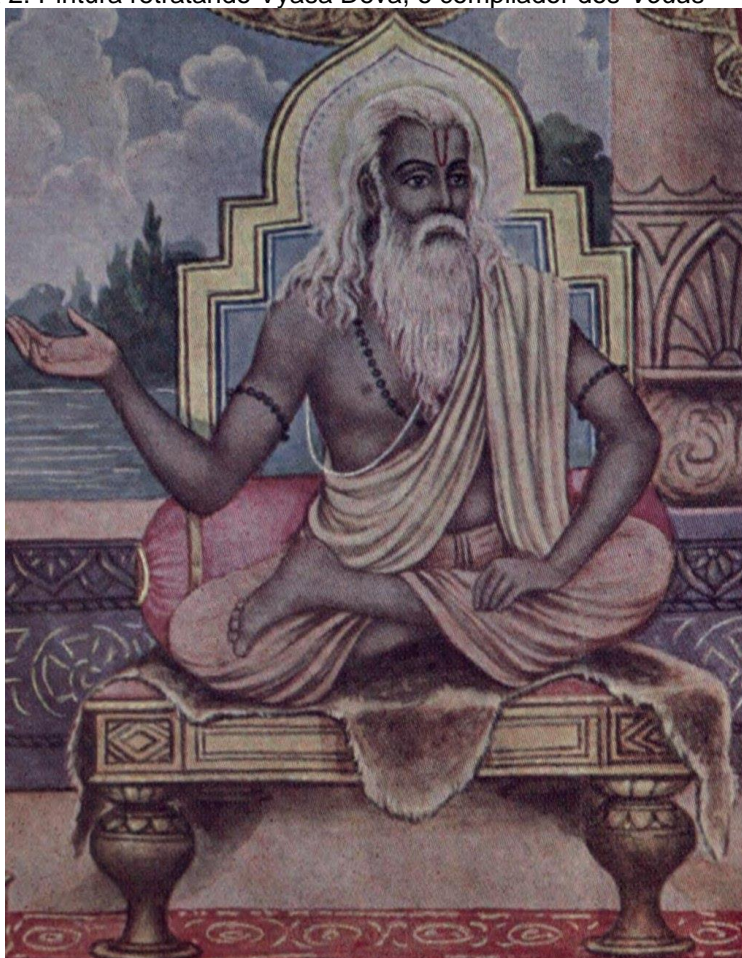
<sup>1</sup> The Sanskrit Library: <https://www.sanskritlibrary.org/Sanskrit/script/devchars/index.html>

língua seria o suficiente para manter o conteúdo com um grau de sacralidade elevada? Este é um dos tópicos abordados na pesquisa durante as entrevistas, as quais serão discutidas adiante no capítulo 4.

### 1.6 Vyasa: o compilador

Considerado, na tradição védica, como o detentor da maior de todas as mentes humanas, Vyasa Deva é uma personalidade de extrema importância na literatura sagrada indiana e seu crédito está atribuído à produção literária. Segundo conta a lenda, Vyasa editou grande parte da literatura védica ao longo de milênios, atribuindo-lhe o título de imortal, sendo ele a pessoa que classificou todo o conhecimento da humanidade.

Figura 2: Pintura retratando Vyasa Deva, o compilador dos *Vedas*



Fonte: Vyasa Online<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> <https://www.vyasaonline.com/about/>, acesso em 08 de março de 2020.

É importante fazer uma ponte entre as narrativas da tradição védica e a história dos livros. É fato que os *Vedas* carregam a assinatura de *Vyasa*, porém, seu próprio nome significa "aquele que organiza", ou "o compilador", sendo muito comum na época em que prevalecia a literatura oral e na transição para a literatura escrita, não haver a preocupação com autoria como observada nos dias atuais.

Muitas vezes, era utilizado o nome de uma única pessoa como assinatura de um trabalho coletivo, e sobre *Vyasa*, Feuerstein aponta que

a onisciência atribuída a *Vyasa* o situa além da esfera humana e ao mesmo tempo dá margem à crença popular de que sua epopeia tinha a mesma origem divina que se alegava tradicionalmente em favor da revelação védica (*Shruti*) (...) o *Vishnu Purana*, um dos textos mais antigos do gênero, proporciona uma lista de 28 nomes, começando com o do próprio Brahma. Os outros *Vyasas* são ou divindades menores ou grandes sábios, que têm o status de divindade e, portanto, são, como *Vyasa Dvaipayana*, dotados de onisciência. (FEUERSTEIN, 2015, p. 51).

Sendo assim, fica claro que a história da literatura védica está sempre permeada pelos mitos coletivos, sendo de difícil tarefa separar o real da fantasia. No entanto, a proposta deste trabalho não é a de identificar o que é mito e o que é um fato histórico, nem tampouco de estabelecer um juízo de valor, mas sim de apresentar uma cultura e suas histórias que influenciam, de certa forma, no pensamento da comunidade apresentada no próximo capítulo.

Outro ponto importante sobre *Vyasa*, é que ele não apenas organizou os *Vedas*, mas, segundo as histórias folclóricas, também compôs mentalmente o *Mahabharata*, um dos grandes épicos, durante três anos e, ao terminar, o recitou a *Ganesha*.

### 1.7 O mito sobre *Ganesha*: o pai da escrita

*Ganesha*, segundo a mitologia Hindu, é o filho de *Shiva* (patrono do yoga) e se apresenta com uma cabeça de elefante. Inserido em uma cultura rica em simbolismos, o elefante significa o intelecto, a memória e a sabedoria, e por tal motivo *Ganesha* é representado desta forma. No entanto, sua história é mais complexa, apresentando diferentes versões, mas que carregam os mesmos significados no geral.

Segundo a escritura *Shiva Purana*, Parvati, esposa de *Shiva*, banhava-se no rio Ganges e pediu uma bênção ao rio sagrado para que tivesse um filho. Como seu



esposo havia se retirado para as montanhas com a finalidade de meditação por anos, Parvati construiu um boneco de barro às margens do rio e, ao ter suas preces atendidas, o barro tomou vida e *Ganesha* surgiu como um belo rapaz, realizando o desejo materno de Parvati.

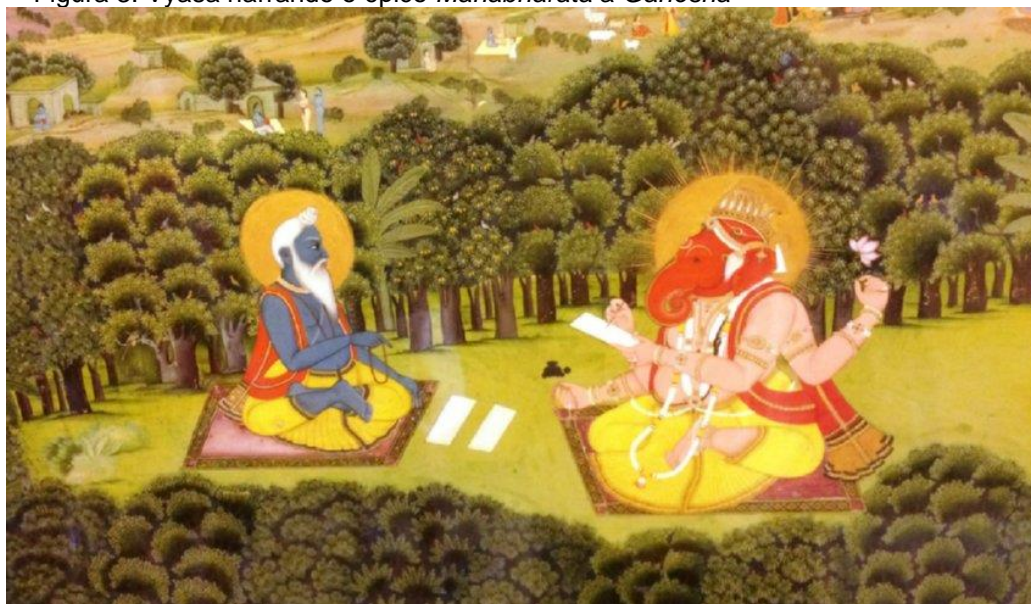
Certo dia, ao banhar-se, Parvati pediu que seu filho se posicionasse na porta de casa e que não deixasse que nenhum desconhecido se aproximasse. Neste momento, *Shiva* apareceu retornando das montanhas e, por não o conhecer, *Ganesha* impediu sua entrada, o que deixou o pai dos iogues irado e, desferindo-lhe um golpe, cortou sua cabeça. Parvati, ao chegar no local e encontrar Ganesha sem a cabeça, explica a *Shiva* que este é seu filho. Shiva então envia seus soldados na floresta a fim de encontrar um animal que pudesse ceder-lhe uma cabeça, tendo como retorno uma cabeça de elefante.

Há diferentes adaptações da história de *Ganesha*, com diversas interpretações, sendo a principal delas o fato de que *Shiva* presenteia seu filho com a cabeça do animal que representa a inteligência e a memória. Sendo assim, detentor da qualidade do intelecto, *Ganesha* tem papel de destaque na história da escrita dos livros indianos.

É parte, também, dos mitos Hindus, a passagem em que Vyasa Deva, que continha em sua memória todos os *Vedas* incluindo o épico *Mahabharata*, sentiu que era chegada a hora de torná-lo uma obra escrita, já que no futuro correria o risco deste ser perdido por estar guardado apenas na memória e sendo transmitido de forma oral.

Vyasa, neste momento, convoca um voluntário para transcrever o *Mahabharata*, sendo *Ganesha* quem se apresentou. Não possuindo um material de escrita adequado, quebra uma de suas presas de elefante e o utiliza para escrever o épico narrado por Vyasa, o que o torna também um símbolo do altruísmo e sacrifício pessoal por um bem maior, neste caso, produzir a literatura manuscrita.

Figura 3: Vyasa narrando o épico *Mahabharata* a *Ganesha*



Fonte: site *Veda Pulse* (<https://Veda-pulse.fi/ayurVeda-ama/>) acesso em 26 dez 2019

É interessante notar que a história da oralidade e da escrita dos textos védicos está constantemente mesclada com o folclore, havendo sempre uma explicação mítica e/ou espiritual quando muitas vezes não há como saber o verdadeiro fato histórico por se tratar de um período muito antigo. No entanto, o próprio registro oral e escrito da época que narra a si mesmo pode conter algumas pistas para se compreender como era organizada a sociedade védica e alguns fenômenos.

A figura de *Ganesha* para os escritores e estudantes na Índia é de tamanha importância, visto que tradicionalmente, sempre que se inicia a leitura de um livro sagrado, os primeiros mantras de reverências entoados são destinados a ele, assim como é comum escritores Hindus entoarem preces a *Ganesha* ao dar início à escrita de suas obras.

### 1.8 Os tipos de texto: *Shruti* x *Smriti*

Para se compreender melhor a complexidade da literatura védica, é importante falar sobre sua organização. Além disso, a forma como elas foram compostas também é relevante já que atua diretamente no âmbito da fé.

Quanto à sua forma de produção, há duas classificações da literatura Hinduísta: *Shruti*, ou "aquilo que é ouvido", que são as obras intuídas por sábios meditadores da antiguidade, e a *Smriti*, que significa "aquilo que é memorizado",

referentes a obras que foram aprendidas através de textos já escritos. O núcleo principal da literatura védica pertence ao tipo *Shruti*, já que pertence à tradição oral propriamente dita, cujas obras são consideradas uma revelação divina, também chamado de *Vedas Originais*.

Como a literatura védica era transmitida oralmente, ela precisava ser memorizada através da audição, sendo tais textos vistos como sagrados e revelados. Segundo narra a própria tradição, acredita-se terem sido

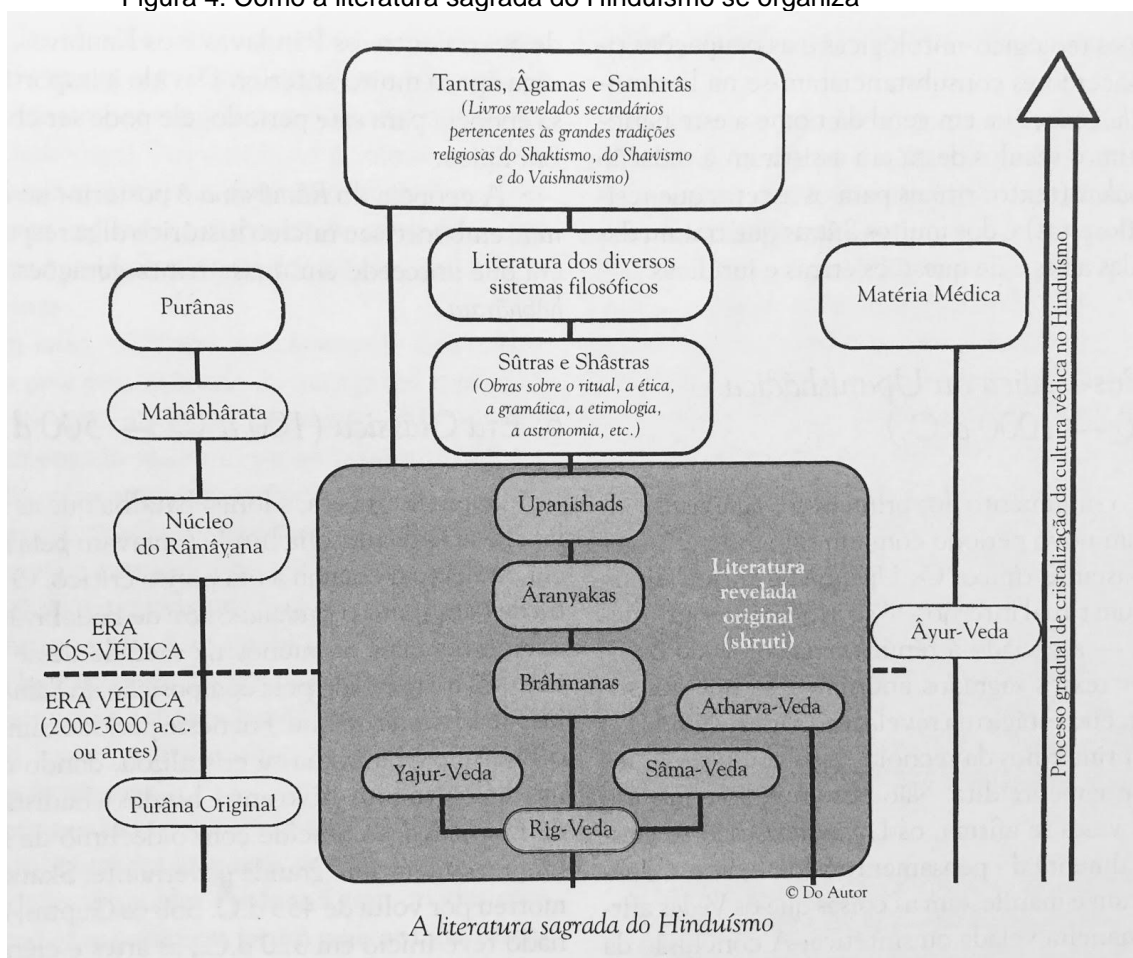
recebidos, intuídos, ou vistos por adeptos altamente realizados que os transmitiram a seus discípulos num contexto iniciatório. Essas obras constituem o próprio núcleo do brahmanismo, a tradição da casta sacerdotal (brahmana)" (FEUERSTEIN, 2015, p.56).

Tais adeptos altamente realizados, aos quais o autor se refere, são chamados *Rishis*, ou grandes sábios. Segundo consta nos próprios *Vedas*, apenas estes *Rishis* eram aptos a enxergar a verdade e a realidade, tendo condições de explicar tal conhecimento aos seus iniciados (PRASOON, 2008, p.12).

A autoria destas obras classificadas como *Shruti*, segundo a própria tradição, era atribuída ao divino, e não ao humano. Como explicado anteriormente, grandes iogues receberam tais versos durante estados profundos de meditação ou transe e os recitavam estabelecendo uma sucessão discipular aos seus escolhidos aprendizes, que transmitiam os *Vedas* de forma fidedigna.

Já o *Smriti* são os textos compostos por pensadores posteriores ao período védico que refletiram sobre o material original e compuseram suas obras, em sua maioria, de cunho filosófico, sendo estes textos a base das escolas Hinduístas hoje. A seguir, a Figura 4 apresenta a organização das obras pertencentes à literatura védica divididas entre *Shruti* – a Literatura revelada original (em cinza escuro) e *Smriti* (todo o restante).

Figura 4: Como a literatura sagrada do Hinduísmo se organiza



Fonte: FEUERSTEIN, 2016, p.103

## 1.9 Os Vedas originais (*Shruti*)

Formando o cerne de toda literatura védica, os textos originais são divididos em quatro, sendo eles os *Samhitas* (hinos), os *Brahmanas*, os *Aranyakas* e as *Upanishad*, sendo os *Samhitas* subdivididos em *Rigveda*, *Samaveda*, *Yajurveda* e *Atharvaveda*, como será detalhado a seguir:

### 1.9.1 Os Samhitas

Os *Samhitas*, ou a coletânea de versos, são considerados o núcleo do corpus védico, ou os hinos propriamente ditos. Divididos em quatro grupos, são organizados de acordo com o estilo de composição, sendo eles o *Rigveda*, *Yajurveda*, *Samaveda* e *Atharvaveda*. Todos têm em comum a finalidade de recitação oral, e para isso utiliza

o sistema mnemônico de ritmo, rima, métrica etc. para facilitar a memorização pelos recitadores. São conhecidos como os hinos, o núcleo principal de toda literatura védica.

Nesta cultura, o conhecimento das sagradas escrituras só poderia ser adquirido através da boca de um professor, e jamais por um manuscrito e que apenas o saber memorizado, transmitido de mestre para aluno, seria dotado de valor (MACDONELL, 1972, p.16).

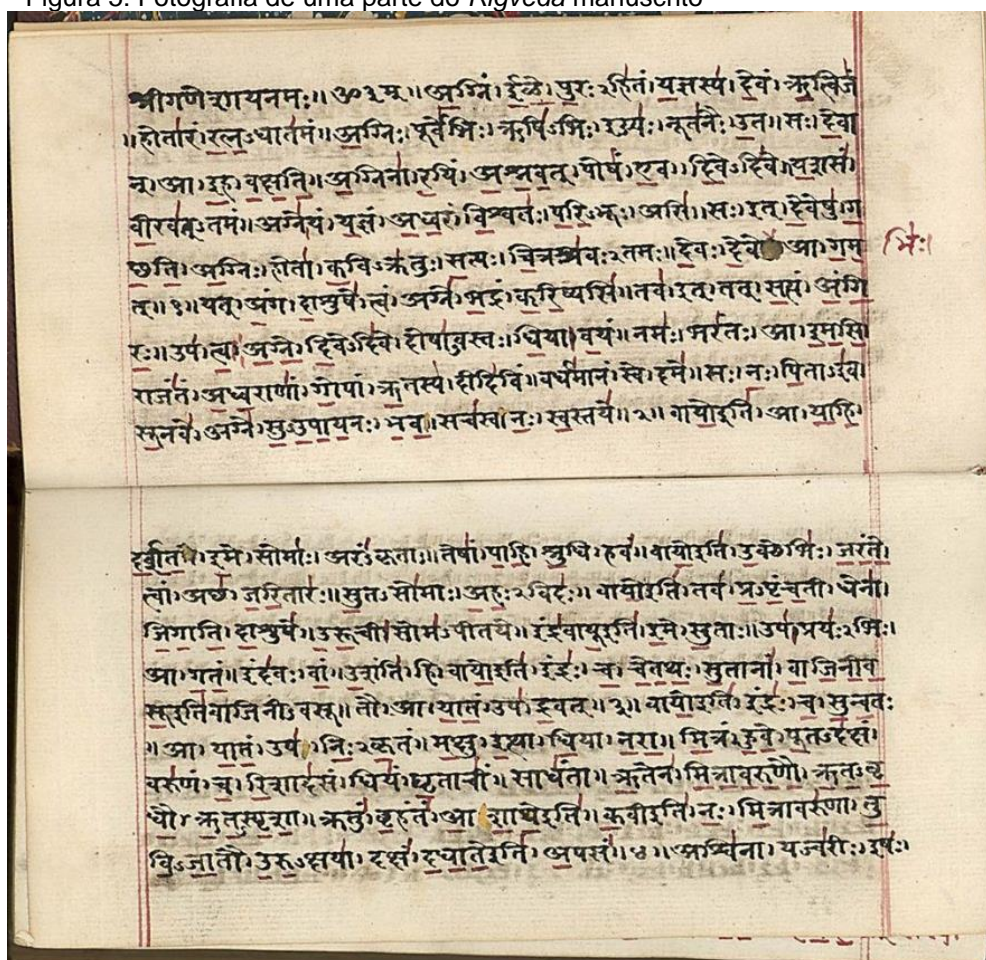
#### 1.9.1.1 O Rigveda

O *Rigveda* (4500-2500 a.C.) é o mais antigo e mais importante texto indiano, sendo a sua composição de duração mais longa entre os quatro *Samhitas*. Composto na Era Védica, retrata uma comunidade nômade da região onde hoje localiza-se o Punjab, contendo 1028 hinos organizados em 10 livros ou *Mandalas* (FEUERSTEIN, 2016, p.102).

Esta longa coleção de hinos, apesar de direcionada majoritariamente à adoração de Deuses, também contém referências a eventos históricos, particularmente os conflitos entre os Arianos, povo védico antigo e seus inimigos (ainda desconhecidos), os *Dasa* (PRASOON, 2008, p.44). Seus principais es adorados eram *Agni*, *Indra* e *Soma*.

Com preces em composição métrica (poemas) direcionados a Deuses superiores, esta parte do *Samhita* é feita de hinos a serem recitados fidedignamente, de modo que um simples erro na pronúncia dos versos poderia corromper o ritual obtendo efeitos indesejáveis. Por este motivo, apenas sacerdotes qualificados e muito bem preparados tinham a permissão de conduzir as cerimônias, como será explicado mais adiante.

É importante ressaltar que por muito tempo a língua sânscrita só existiu em sua forma oral, e que toda tradição védica se sustentou pela repetição destes versos, não apenas do *Rigveda*, mas de todo o conjunto e mais as obras posteriores contendo comentários, explicações e interpretações sobre eles. Durante milênios a escrita destes hinos foi inexistente, pois era vista como uma atividade que poria risco à memorização, sendo a recitação a única opção possível durante alguns milênios.

Figura 5: Fotografia de uma parte do *Rigveda* manuscrito

Fonte: Site Wikipedia (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Rigveda>) acesso em 04 fev 2020

### 1.9.1.2 O Samaveda

O *Samaveda* é conhecido como o livro dos cânticos por conter melodias fixas (DASGUPTA, 1992, p.12), porém, não difere muito do *Rigveda*, já que muitos versos são semelhantes, porém com características líricas. A palavra Sama, do sânscrito, significa "hino com métrica", ou "canção de adoração". Contendo 1549 versos (*stanzas*) retiradas quase inteiramente do *Rigveda* (apenas 78 são inéditas), muitos versos se repetem, somando no total 1875. Apesar da repetição, a pronúncia em ambos os textos é diferente, além de haver uma forma específica para se cantar nos vilarejos (*uhagana*) e nas florestas (*uhyagana*) (PRASOON, 2008, p. 57).

### 1.9.1.3 Yajurveda

O *Yajurveda* é conhecido como as preces dos sacrifícios, já que seus versos são arranjados de acordo com os Deuses a quem são endereçadas as cerimônias. Por exemplo, observam-se poemas direcionados a *Agni*, o Deus do fogo, em seguida a *Indra* etc. É um material de característica litúrgica e ritualística, já que ensina também como executá-los. É no *Yajurveda* que se encontram conceitos de números longos, como um trilhão e o conceito do infinito, ao se definir *purna* (plenitude).

#### 1.9.1.4 Atharvaveda

Já o *Atharvaveda*, a quarta parte da coleção (*Samhita*), tem sua produção mais tardia que os outros três, sendo também considerado um texto mais primitivo, com 5987 versos. Enquanto o *Rigveda* direciona-se a uma classe sacerdotal refinada, o *Atharvaveda* é um livro de encantamentos e magias mais ligadas às forças da natureza, sendo, no entanto, estes dois textos complementares e os mais importantes entre os quatro *Samhitas* (DASGUPTA, 1992, p.13).

#### 1.9.2 Os Brahmanas

Por volta do ano 2500 a.C, com o colapso dos assentamentos védicos às margens dos rios *Indo* e *Saraswati*, o centro da civilização védica deslocou-se para as margens do rio Ganges, ao leste, provocando mudanças no sistema social. Com essas mudanças, a classe sacerdotal dos Brâmanes transformou-se em uma elite especializada que dominou a tradição védica (FEUERSTEIN, 2016, p. 103), iniciando a produção dos textos chamados *Brahmanas*.

Estes textos diferem dos *Samhitas* em sua forma literária, já que foram escritos em prosa e têm como finalidade explicar o significado dos diferentes rituais apresentados nos *Samhitas* àqueles que ainda não estavam familiarizados. É considerado uma literatura complementar à coletânea principal, ou seja, aos quatro *Vedas* (*Samhitas*), assim como a maioria dos textos compostos a partir desse momento que variam entre explicações dos *Samhitas* ou reflexões filosóficas baseadas em seus versos. Os *Brahmanas*, portanto, seriam as explicações sobre os hinos contidos nos *Samhitas*, sendo eles (PRASOON, 2008, p.66-73):

*Rigveda*

1. *Aitareya Brahman*
2. *Shakhayan Brahman*

*Shukla Yajurveda*

1. *Shatpatha Brahman (Kanva Shakha)*
2. *Shatpatha Brahman (Madhyandin Shakha)*

*Krishna Yajurveda*

1. *Taitteriya Brahman*
2. *Madhyavarti Brahman*

*Samaveda*

1. *Tandya Brahman*
2. *Shadvinsh Brahman*
3. *Samvidhan Brahman*
4. *Arsheya Brahman*
5. *Mantra Brahman*
6. *Daivatadhyaya Brahman*
7. *Bansh Brahman*
8. *Samhitopanishad Brahman*
9. *Jaiminiya Brahman*
10. *Jaiminiya-Upanishad Brahman*

*Atharvaveda*

1. *Gopatha Brahman*
2. *Purva Brahman*
3. *Uttara Brahman*

Neste período uma nova classe de poder emergia na Índia: os Brâmanes, ou sacerdotes, detentores do conhecimento, da língua sânscrita e das escrituras, colaborando para que todo este conhecimento, incluindo o próprio idioma, fosse envolto em uma aura mística, sacra e elevada. O próprio surgimento do sânscrito é



envolto em mitos, os quais afirma-se ser uma língua de poder, pela qual através de seu som, pode-se entoar mantras para diversas finalidades místicas.

Nos *Brahmanas*, as explicações sobre as cerimônias são tão detalhadas, que chamam a atenção de Dasgupta quando comenta que

as cerimônias de sacrifício provavelmente nunca foram tão elaboradas na época em que os hinos antigos foram compostos. Porém, quando as coleções dos hinos começaram a ser transmitidos de geração em geração, as cerimônias se tornaram mais e mais complicadas" (DASGUPTA, 1992, p.13).

Para o autor, é possível que se especule que neste momento o sistema de castas começou a se estabelecer devido aos sacrifícios cada vez mais refinados os quais apenas os sacerdotes Brâmanes eram habilitados e tinham o conhecimento suficiente para realizar.

### 1.9.3 Os Aranyakas

Considerados os textos das florestas, foram compostos provavelmente por pessoas mais idosas que se retiravam da sociedade e estavam incapacitados de realizar rituais elaborados, tanto por causa de restrições físicas pela idade mais avançada quanto à escassez de material disponível para uma cerimônia completa.

Neste momento, portanto, substituições de utensílios começaram a ser empregadas e os próprios rituais de sacrifícios foram, aos poucos, sendo substituídos por símbolos, que chegaram a ser considerados superiores. Dasgupta ilustra esta situação dizendo que:

no início do *Brhadaranyaka* encontramos que ao invés da performance de sacrifício de cavalo (*asvamedha*), há instruções para meditação sobre o amanhecer (*Usas*) como a cabeça do cavalo, o ar como sua vida e assim por diante (DASGUPTA, 1992, p.14).

Isso mostra que foi por volta da época da produção dos *Aranyakas* que a especulação meditativa começou a avançar sobre as performances das complicadas cerimônias de sacrifício obtendo também bons resultados. Um dos aspectos que mais marcam esta fase foi a do início do livre pensamento, o que ajudou a pavimentar o terreno para as especulações filosóficas nos *Vedas* e o desenvolvimento do pensamento filosófico característicos das *Upanishad*, "fonte de toda filosofia que surgiu no mundo do pensamento Hindu" (DASGUPTA, 1992, p. 14).

É importante ressaltar que as mudanças ocorridas na forma de rituais prescritos nos *Brahmanas* para a forma de pensamento registrado nos *Aranyakas* apontam uma transferência dos valores sacrificiais e materiais, para formas de representações simbólicas. Isso pode significar uma transição da sociedade que dependia de adorações externas em formas de sacrifícios, fogueiras e um número imenso de aparatos e objetos, para atividades mentais como a meditação e visualização de símbolos, configurando uma forma mais alegórica e abstrata de lidar com o sagrado.

Da mesma forma que os *Brahmanas Granthas*, há várias produções *Aranyakas* para cada um dos quatro *Samhitas*, sendo elas (PRASOON, 2008, p.74-75):

#### *Rigveda*

1. *Aitareya Aranyaka*
2. *Kaushitaki Aranyaka*

#### *Krishna Yajurveda*

1. *Taittiriya Aranyaka*
2. *Katha Aranyaka*
3. *Maittrayaniya Aranyaka*

#### *Samaveda*

1. *Talavakara Aranyaka*

#### 1.9.4 As Upanishad (Vedanta)

O período pós-védico ou upanishádico data entre 1500 e 1000 a.C., sendo considerada uma fase em que o ritual interno foi considerado importante e seus textos sagrados anônimos são classificados também como *Shruti*, ou "aquilo que foi revelado" (FEUERSTEIN, 2016, p.104).

As *Upanishad*, na literatura védica, são geralmente consideradas um apêndice dos *Aranyakas*, que também são vistos como uma continuação dos *Brahmanas*. Pela similaridade de temas presentes tanto nos *Brahmanas* quanto nos *Aranyakas*, é possível que o processo de desenvolvimento destas três literaturas tenha ocorrido

como parte de uma única obra, ainda que existam diferenças consideráveis que as qualificariam como distintas (DASGUPTA, 1992, p.28).

Com um olhar mais apurado é possível observar que os *Brahmanas* são mais direcionados àqueles que vivem em sociedade e com suas famílias, os *Aranyakas* têm um contexto mais apropriado para aqueles que já atingiram uma idade mais avançada e vivem nas florestas e as *Upanishad* dialogam mais com aqueles que renunciaram ao mundo para obter a salvação através de processos meditativos.

No entanto, independentemente destas características, é notório que as *Upanishad* formam um corpus distinto com características próprias, merecendo também um lugar de destaque na literatura védica. Enquanto os ensinamentos védicos antigos falam sobre a importância dos rituais para se obter os resultados, nas *Upanishad* não há a necessidade de realizar performances ou quaisquer tipos de ações, já que a verdade última sobre a realidade vem através do conhecimento, o qual emancipa o ser humano.

As *Upanishad* também são chamadas de *Vedanta* (anta=parte final, conclusão), sendo, portanto, vistas como a parte final dos *Vedas*, ou a sua conclusão, o que também vai nomear a importante forma de pensar sobre os *Vedas*: a Filosofia *Vedanta*.

Para filósofos como *Shankara*, as ideias contidas nas *Upanishad* são a culminação intelectual da grande época, com a característica do pensamento reflexivo, na qual escolas de pensamentos filosóficos baseados nos *Vedas* começaram a ser formadas de acordo com seus pensadores.

O estilo literário das *Upanishad* é a prosa, ainda que existam alguns textos compostos em versos de forma bastante similar às produções em sânscrito clássico, e quanto mais antiga a obra, mais arcaica é sua linguagem. Suas leituras eram realizadas nas florestas (*aranyas*) com a presença de um mestre o qual permanecia sentado em um plano superior enquanto seus alunos mantinham-se aos seus pés, por isso o nome *Upanishad*, que literalmente significa "sentado abaixo e ao lado" (PRASOON, 2008, p. 78).

No geral, as *Upanishad* propagam a filosofia monista, na qual há apenas a realidade última, única, que para a mente não-iluminada parecem ser muitos. Isto também é admitido na *Bhagavad-Gita*. No entanto, esta esforça-se para tornar esta realidade última tangível à mente humana, personificado na forma do condutor da carruagem *Krishna*, associando-o à encarnação e corporificação do Divino (*Vishnu*).

(FEUERSTEIN, 1974, p. 26). Seus ensinamentos são a representação perfeita do modelo *Guru-Shishya-Parampara*, que é a tradição de ensinamento de professor para aluno, na qual se discute temas como filosofia, meditação, natureza e as formas de Deus. *Upanishad* é a contemplação mística e espiritual dos *Vedas*, sendo considerada uma doutrina secreta restrita apenas àqueles que podiam encontrar um mestre, aproximar-se dele e obter o conhecimento diretamente de sua boca. Classificado como *Vedanta*, é a parte final ou conclusão dos *Vedas*.

Sobre as reflexões contidas nas *Upanishad*,

enquanto alguns deles estão ocupados colocando grande esforço sobre a doutrina monística do ser como a única realidade, há outros que se debruçam sobre as práticas de Yoga, ascetismo, o culto a *Shiva*, a *Vishnu* e a filosofia ou anatomia do corpo, e que podem ser chamados respectivamente de Yoga, *Shiva*, *Vishnu* e *Sharira Upanishad*. Estes, no total, contam 108 (DASGUPTA, 1992, p.39).

No entanto, ao contrário do que parece, "as *Upanishad* não se afastam radicalmente do pensamento védico. Antes, apenas explicam e manifestam as coisas que os *Vedas* afirmam de maneira velada ou sintética" (FEUERSTEIN, 2016, p.104).

Quanto ao tamanho, é dito que originalmente havia 1131 textos, porém, apenas 275 foram encontrados. Destes 275, 108 são famosos e aceitos como autênticos, enquanto 11 dos 108 são os mais importantes (PRASOON, 2008, p.78). São eles:

1. *Isha Upanishad*
2. *Kena Upanishad*
3. *Kahta Upanishad*
4. *Mundak Upanishad*
5. *Mandukya Upanishad*
6. *Prashna Upanishad*
7. *Aitareya Upanishad*
8. *Taitteriya Upanishad*
9. *Chandogya Upanishad*
10. *Brihadaranyaka Upanishad*
11. *Shwetaswar Upanishad*

#### 1.10 A literatura Hindu (*Smriti*)

Com a literatura *Smriti*, ou memorizada, inicia-se um novo período em que agora, não mais os versos considerados sagrados foram intuídos pelos sábios *Rishis*, mas compostos por eles. Enquanto a literatura *Shruti* permanece sempre a mesma, atrelada à sua época de composição, os *Smriti* se renovam conforme a sociedade se transforma. Para Prasoona, a grandiosidade dos *Smriti* está no fato de que eles explicam, elucidam e clarificam muitos segredos e significados dos mantras dos *Vedas*, os quais não estariam totalmente claros (PRASOON, 2008, p. 133).

Não apenas o Hinduísmo, mas as religiões surgidas no subcontinente indiano, em geral, têm influência dos *Smriti*. Contendo temas sobre conduta moral, comportamento social e expiações, muitas leis, como o Código de Manu (*Manu Smriti*) surgiram desta literatura.

### 1.11 Os Puranas

É dito que é nos *Puranas* que os *Vedas* encontram toda sua expressão e análise completa. São neles que estão escritos a história da criação, do cosmos, da vida, galáxias, energias e do mundo. São narrativas baseadas em figuras divinas consideradas de tempos imemoriais. Com a efervescência do pensamento metafísico e ético na Índia, iniciou-se um período de intensos debates entre as diferentes escolas religiosas e filosóficas. Foi neste período entre os anos 1000 e 100 a.C. que os grandes épicos indianos (*Itihasas*, as histórias populares), como o *Mahabharata* e *Ramayana*, foram compostos, sendo conhecido como Era Épica, ou dos *Puranas* (FEUERSTEIN, 2016, p.104).

### 1.12 Os épicos: Ramayana e Mahabharata

O *Ramayana* (a vida de Rama), composto pelo poeta Valmiki, apresenta-se em 24 mil versos distribuídos em 7 capítulos que contam sobre uma história trágica de amor cujo herói é Rama. Considerada uma obra relevante para a identidade indiana, o *Ramayana* serviu como um protótipo para posteriores poetas.

Provavelmente composta um pouco antes da era cristã, sua história narra acontecimentos muito antigos e apresenta um ideal espiritual voltado ao ascetismo e sacrifício pessoal (FEUERSTEIN, 2005, p. 192).

Já o *Mahabharata* é um épico composto em sânscrito que, junto com o *Ramayana* corporifica a essência da cultura indiana. Pode ser compreendido como uma narrativa moral e filosófica, não apenas histórica. Composto em versos originalmente de forma oral, é considerado uma das maiores obras da literatura mundial, tendo 18 livros e 100 mil versos e 1,8 milhões de palavras, sendo considerada a maior obra literária do mundo em um único volume, sendo oito vezes mais extenso que a *Ilíada* e a *Odisseia* reunidas (BUCK, 2014, p.13) e quase três vezes maior que a Bíblia (FEUERSTEIN, 2015, p. 3).

Porém, sua importância se dá para além de sua extensão, devido ao capítulo mais famoso conhecido como *Gita*, ou a *Bhagavad-Gita* (Canção do Senhor), que está inserido no épico e tem total relevância no campo religioso, já que se trata da revelação de *Krishna* como o próprio Deus e os ensinamentos espirituais e éticos momentos antes do início da grande batalha de *Kurukshetra*.

O *Mahabharata* é destacado pela sua importância cultural, ética, moral e religiosa. Como comenta Aurobindo:

não é somente a história dos *Bharatas*, o épico de um acontecimento remoto que se tornou uma tradição nacional, mas sim, em imensa escala, a epopeia da alma, da mentalidade religiosa e ética, dos ideais sociais e políticos, da cultura e da vida na Índia. Diz-se popularmente acerca dele, sem fugir muito à verdade, que tudo o que há na Índia se encontra no *Mahabharata*. O *Mahabharata* não é a criação e a expressão de uma única mente individual, mas da mente de uma nação; é o poema que um povo inteiro escreveu sobre si mesmo. (AUROBINDO *apud* FEUERSTEIN, 2015, p.4).

### 1.13 A Bhagavad-Gita

Embora sua classificação oficial seja como *Smriti*, ou literatura composta e memorizada (não fazendo parte da literatura original), a *Bhagavad-Gita*, há muito tempo vem sendo honrada como uma obra revelada por motivos religiosos. Como é parte do *Mahabharata*, sua categoria se enquadra em literatura lembrada ou tradicional. No entanto, "no encerramento de cada um de seus livros, ele [*Krishna*] reivindica para si a autoridade independente de uma doutrina secreta" (FEUERSTEIN, 2015, p.56).

Ainda que tenha sua datação estipulada entre 400 e 300 a.C. (FEUERSTEIN, 2015, p.14), sua história narra um episódio ocorrido muito tempo antes, quando teria acontecido a guerra dos *Bharatas*, estimado em aproximadamente 1500 a.C. Com o apoio da arqueologia, descobriu-se em 1998, uma cidade submersa no noroeste da

Índia identificada como *Dwarka*, local onde a guerra possivelmente teria acontecido. Estima-se que após este episódio, canções sobre a batalha teriam sido compostas, o que se desenvolveu como o *Mahabharata* e no *Gita* como se conhece hoje (FEUERSTEIN, 2015, p.17).

A *Bhagavad-Gita* é composta por apenas 700 versos, sendo uma obra pequena em relação a outras literaturas védicas, no entanto, todas as escolas de filosofia indiana são baseadas neste texto. Nenhum pensador filosófico do Hinduísmo se arrisca a ignorá-la.

Para que uma nova escola de pensamento seja formada, o líder filósofo precisa, em primeira instância, compreender como colocar seus pensamentos baseados nos *Vedas*, de forma a validar sua nova forma de pensar, o que também aconteceu sobre a *Bhagavad-Gita*.

Exemplo disso são pensadores como *Íshvara Krishna* (Sec II a.C.), que estabeleceu o pensamento ateísta chamado *Samkhya*, *Madhva*, que propôs o dualismo e o filósofo *Shankara*, que pregou o não-dualismo extremo. Apesar de todos esses sistemas terem pontos-de-vista contraditórios, totalmente inconciliáveis, todos têm seu devido respeito por todas as tradições por estarem associados aos *Vedas*. (FEUERSTEIN, 1974, p.27)

Por aproximadamente dez séculos, povos das duas tradições estiveram em conflito lutando pelo controle e domínio do pensamento indiano (ZIMMER, 2018, p.272). Sendo assim, o pensamento védico bramânico absorveu não apenas personalidades do panteão védico primitivo, mas também pensamentos filosóficos e devocionais mais complexos, sendo a *Bhagavad-Gita* um documento que aponta essa adaptação da sociedade.

Hoje, “seu ensinamento é tido como uma doutrina esotérica; contudo, tornou-se a expressão mais autorizada, popular e memorizada dos princípios básicos que norteiam a vida religiosa indiana” (ZIMMER, 2018, p. 274).

A *Bhagavad-Gita* foi traduzida muito remotamente para línguas indianas derivadas do sânscrito, mas foi no século XVIII que a obra ganhou sua primeira tradução para uma língua europeia, o inglês, por Sir Charles Wilkins, que a publicou em 1785. Wilkins foi considerado o primeiro europeu a compreender o sânscrito e foi também o pioneiro na fusão de tipos para a impressão dos alfabetos em Bengalês e Persa (FEUERSTEIN, 2015, p. 68), sendo um personagem relevante para a história da literatura indiana.

A *Bhagavad-Gita* nunca esteve associada a uma única escola filosófica. É considerada como uma tentativa de reviver o estilo de vida dos tempos védicos, embora nunca tenham sido totalmente perdidos na sociedade devido à continuidade dos ensinamentos através das escolas que os mantinham de forma oral. Para Dasgupta,

a Gita não é para ser vista sob um sistema filosófico esquematizado, mas como um manual de conduta correta e perspectivas das coisas à luz de uma abordagem mística a Deus em autorresignação, devoção, amizade e humildade. (DASGUPTA apud FEUERSTEIN, 1974, p. 39)

Há questionamentos sobre a verdadeira datação da *Bhagavad-Gita* e se ela realmente compõe, de forma integral, o *Mahabharata* ou se houve interpolações ao longo da história, como acréscimos ou subtrações. Há ainda acadêmicos que questionam se a *Bhagavad-Gita* não seria uma obra posterior ao *Mahabharata*, hipóteses estas que acabam por perderem a força ao se observar que há inúmeras referências à *Bhagavad-Gita* no corpus do *Mahabharata* e que há uma concordância não apenas linguística entre ambas as obras, mas também de pensamento e palavras, o que fortalece a ideia de que o texto sempre esteve incluído no *Mahabharata* desde sua composição (FEUERSTEIN, 1974, p. 38).

Dentro do contexto indiano, a *Bhagavad-Gita* é também o texto mais importante da tradição *Vaishnava*, a tradição religiosa e cultural que se desenvolveu em torno do culto a *Vishnu* manifesto como *Krishna*. Esta linhagem espiritual teve sua difusão para fora da Índia através da escola *Gaudiya Vaishnava*, escola originária no estado da Bengala, fundada pelo monge renunciado *Caitanya Mahaprabhu* no século XV e trazida ao ocidente na década de 70, assunto que será aprofundado mais adiante.

#### 1.14 Srimad Bhagavatam (Bhagavata Purana)

O *Srimad Bhagavatam* é uma obra composta no século X que exalta o grande ideal da devoção de amor (*Bhakti*) por Deus (*Bhagavata*), e nenhum outro texto, exceto a *Bhagavad-Gita*, é tão popular quanto esta obra pela comunidade *Vaishnava*. Segundo Feuerstein, o *Bhagavata Purana* é uma obra magnífica e extensa conhecida como “o maior tesouro que se oculta no seio dos seres libertos, um consolo incomparável para a alma perturbada” (FEUERSTEIN, 2016, p. 349).

Tamanha é sua importância que nenhum outro texto, exceto a *Bhagavad-Gita*, se mostrou tão popular ao longo dos séculos, obra esta que ressalta a importância da



devoção como o meio supremo para a libertação, e apresenta o ideal de amor por Deus, tema explicado com mais profundidade no tópico sobre *Bhakti*, apresentado no capítulo dois.

Sendo assim, neste capítulo foi apresentado o corpus da literatura védica mostrando sua dimensão e importância para a tradição religiosa indiana, além de evidenciar as três maiores e mais importantes escrituras (*Grantha Trai*), sendo elas: o *Ramayana*, o *Mahabharata* (com a *Bhagavad-Gita* inclusa) e o *Srimad Bhagavatam*, conhecidos como a quintessência das escrituras indianas. Tudo o que se sabe sobre o Hinduísmo é baseado nestas três grandes obras (PRASOON, 2008, p. 253).

## 2 AS PRÁTICAS DE LEITURAS E A COMUNIDADE RELIGIOSA

O presente capítulo tem como objetivo apresentar os debates sobre a materialidade dos livros, os hábitos e formas de leitura e suas apropriações, apresentando o sistema de educação tradicional védica tanto no passado quanto no presente, além de discutir como se dão as práticas de leituras religiosas.

Aqui, também se apresentará a comunidade védica explicando o Hinduísmo, a chegada do *Movimento Bhakti* que fez com que emergissem escolas populares de cunho devocional enfatizando a importância de *Caitanya Mahaprabhu*, monge missionário que popularizou o *Vaisnhavismo* pela Índia. Também se aborda a chegada desta tradição no oriente e posteriormente no Brasil. Este capítulo, portanto, trata da comunidade religiosa e dos seus leitores.

### 2.1 Os livros e os leitores

A experiência pessoal de um leitor é importante na percepção do livro não influenciando apenas na apreensão da leitura, mas também sobre o que se tem como referência de um livro. No caso dos livros sagrados, eles carregam um imaginário no qual a materialidade é o veículo da própria divindade possibilitando a comunicação do homem com o divino, atuando na identidade de uma comunidade. Para Cardoso,

Os textos também são percebidos enquanto objetos identitários. Essa faceta, ligada à textualidade, revela a capacidade de imagens religiosas formarem comunidades de fé, congregando-as ao redor de uma mesma insígnia. O símbolo da fé torna-se objeto pelo qual definem-se os grupos e, por consequência, a espiritualidade envolve o culto centralizado nesse objeto. (CARDOSO, 2017, p. 340)

Quando assumimos que o livro é sagrado e o elevamos à condição de imagem religiosa, incorporamos nele a experiência do divino. Seu imaginário, portanto, é formado tanto pelo que a tradição diz ser sagrado quanto pela percepção individual do leitor de acordo com sua bagagem, já que diversos fatores podem influenciar na apreensão do significado do livro para cada leitor.

Para McKenzie, a conformação material dos textos tem um papel importante na produção de efeitos socioculturais e de sentido (MCKENZIE apud ALTIERI, 2013, p. 39). Diferentes experiências de leitura são observadas ao se modificarem, ainda que minimamente, as formas de ler. Os diferentes tipos de letras, a qualidade do papel, o tamanho das páginas e o peso são alguns dos fatores importantes na

construção do sentido da obra para seu leitor, e se, em apenas uma releitura do mesmo texto a apreensão é diferente, ao se modificar, ainda que minimamente, suas características físicas, o livro também provocará mudança na forma da leitura.

Para Chartier,

uma vez escrito e saído das prensas, o livro, seja ele qual for, está suscetível a uma multiplicidade de usos. Ele é feito para ser lido, claro, mas as modalidades do ler são, elas próprias, múltiplas, diferentes e segundo as épocas, os lugares, os ambientes. (CHARTIER, 2003, p. 173).

As práticas de leitura consistem nos hábitos de leitura, que responderiam questões acerca do quê se lê, onde e quando, e das formas de leitura, que se observa como se lê (ALTIERI, 2013), sendo este último de característica mais aprofundada. Nesta pesquisa, tanto os hábitos quanto as formas de leitura são investigados, além de se buscar compreender como se dão as diferentes apropriações dos textos sagrados em suportes físicos e digitais.

Um mesmo texto, ao ser lido por pessoas diferentes, jamais causará o mesmo impacto. Tentar buscar uma resposta única sobre o que uma determinada comunidade pensa sobre o livro, tornar-se-á frustrante à medida em que subjetividades são observadas nas respostas destes leitores. Cardoso, sobre a imaginação, comenta que

Toda leitura é um exercício de imaginação. Ao se distinguir o formato das letras e sua combinação de palavras e frases, o resultado não é um conceito abstrato, mas uma imagem que se forma em nossa mente. É essa imagem formada em nossa mente, o que chamamos “imaginação”, que caracteriza o significado do texto. (CARDOSO, 2017, p. 331)

Sendo assim, sobre as apropriações, a diversidade de leitura diz respeito não apenas sobre o que aquele livro significa, mas também sobre a subjetividade de seus leitores, que carregam em si uma realidade multifacetada. Há várias maneiras de se ler o livro sagrado, seja ele impresso ou digital.

De um modo geral, é notório que a materialidade media a crença, ou seja, objetos físicos representam a própria presença divina nas mais diversas religiões, o que não é diferente nas de origem védica.

Assim, além de estátuas, rios, pedras e outros objetos sagrados, o livro impresso também ganha esse status, conferindo-lhe uma experiência de fé por meio do seu tocar, sentir, ler e folhear, dando uma oportunidade ao humano de ter um encontro, neste momento, com o divino, por meio da sua veiculação do poder, tornando-se um canal de comunicação (CARDOSO, 2017).

A relação de um leitor com seu livro pode ir além da sua função principal, que é exercer o papel de objeto de leitura. A partir do momento em que há o afeto, a coleção, a adoração e outros comportamentos, nota-se que seus usos não são restritos ao armazenamento e transmissão de informações, mas sim múltiplos, sendo vistos como objetos adorados, sagrados ou não, livros religiosos que ficam nos altares, os que ficam abertos sobre um suporte e sequer são lidos, mas que mantêm a função de lembrar-se da presença de Deus, ou sendo o próprio objeto, o divino manifesto em suas páginas. Sobre o hábito de leitura,

Na contramão da leitura extensiva, leitores de textos religiosos costumam ler intensivamente o cânone de sua religião. Muitos mantêm horários regulares de leitura diária (individualmente, em família ou em grupos); alguns já leram a obra inteira diversas vezes ao longo da vida; outros estudam os textos minuciosamente, buscando interpretações de cada mínimo detalhe; já outros recitam os textos repetidamente a fim de memorizá-los, retomando uma prática comum em épocas em que a oralidade prevalecia sobre a leitura (VECCHIO, 2003).

Ao se transportar os textos para um suporte digital, é esperado que haja uma transformação. No entanto, nenhuma mudança na história dos livros e da leitura ocorre de forma brusca, sendo influenciada não apenas pela chegada de um novo suporte, ou uma nova tecnologia, mas também por mudanças culturais e pelo tempo. Sendo assim, não há como apontar que a leitura no digital seja diferente apenas devido às mudanças do suporte, já que o próprio leitor passa por mudanças a nível educacional, cultural, tecnológico e emocional.

## **2.2 As práticas de leitura religiosa**

Com a chegada das novas tecnologias, a diversidade dos suportes de leituras aumenta, tornando o leitor cada vez mais independente do livro impresso, podendo realizar sua leitura em dispositivos móveis como smartphones, tablets, leitores digitais entre outros, que suportam arquivos digitais e proporcionam uma experiência de leitura diferente daquela obtida no livro impresso.

Com leitura de livros religiosos não foi diferente. Hoje, obras religiosas bastante conhecidas no ocidente, como a Bíblia, o Alcorão, a Torá entre outros, são facilmente encontrados em suas versões digitais e disponibilizadas pela internet para download ou leitura em sites. Há também aplicativos para smartphone com todo o conteúdo

destas escrituras sagradas, o que facilita a rotina do devoto de fazer sua leitura cotidiana.

A leitura religiosa tem sua peculiaridade, já que remonta a tempos antigos quando o ensino era feito de forma oral ou leituras realizadas de forma intensiva, muitas vezes com a finalidade de memorização e estudo aprofundado da obra sagrada. Para Chartier,

na segunda metade do século XVIII, à leitura intensiva haveria de suceder outra, qualificada e extensiva. O leitor intensivo é confrontado com um corpus limitado e fechado de textos lidos e relidos, memorizados e recitados, ouvidos e sabidos de cor, transmitidos de geração em geração. Os textos religiosos, e em primeiro lugar a Bíblia nos países protestantes, são os alimentos privilegiados desta leitura, fortemente marcada pela sacralidade e autoridade. (CHARTIER, 1994, p. 189).

Os textos sagrados são bastante relevantes na história da leitura e dos livros. Sendo compostos, muitas vezes, em versos para serem recitados de forma oral, muitas destas obras atravessaram os séculos – e muitas, milênios – passando por diferentes processos como a compilação manuscrita em materiais originários de folhas de árvores, papiros, rolos de pergaminho, pedras, madeira e outros materiais.

O importante, nota-se, é que o conteúdo cruze a fronteira do tempo e fique registrado conferindo-lhe uma materialidade, como se a partir daquele momento, o texto ficasse mais palpável e protegido do esquecimento da memória.

### 2.3 A educação Védica tradicional

O sistema educacional védico tem suas peculiaridades. Os *Gurukula*, que em uma tradução livre significa “aos cuidados do mestre”, são um tipo de escola com características de internato nas quais crianças iniciam sua educação.

Diferentemente das escolas modernas e ocidentais, as crianças eram entregues aos *Gurukula* que tinham, como direção, um mestre que cuidaria de sua educação que podia durar de 12, 36 ou 48 anos, segundo o Código de Manu (BÜHLER<sup>3</sup>). Atualmente observa-se um movimento de ressurgimento deste tipo de educação na Índia, embora este sistema nunca tenha acabado. Alguns monastérios permaneceram em sua forma tradicional desde os tempos antigos.

---

3 The laws of Manu: Sacred books of the east. Disponível em: <http://www.sacred-texts.com/hin/manu.htm>. Acesso em 15 agosto 2018

Figura 6: Professor ensinando a seus discípulos no sistema de *Gurukula* na Índia



Fonte: Parmarth Niketan Ashram

No processo de memorização, são utilizadas as características mnemônicas da própria literatura, como a acentuação, o tom e o ritmo próprios do texto oral quanto técnicas performáticas do próprio corpo, como movimento de cabeça, de braços, símbolos feitos com as mãos e dedos (*mudra*) e expressões faciais, configurando uma aprendizagem que une tanto aspectos da mente quanto do corpo, como uma espécie de estado meditativo.

Nos *Gurukula* o jovem vive um estilo de vida no qual em todo momento se aprende através de suas experiências com o meio, e que, em momentos específicos é levado a um determinado local, com uma determinada configuração a fim de se criar um hábito que favoreça a memorização, preparando a mente e o corpo para receber os ensinamentos.

Nota-se, portanto, que há uma relação muito próxima entre *Guru* e estudante, sendo essa tradição conhecida como *Guru-shishya* (discípulo do mestre), ou *Guru-shishya parampara* (tradição discipular), na qual *shishya* significa discípulo e *parampara*, “linhagem”, “sucessão”. *Guru*, neste sentido, é aquele que ensina o conhecimento.

A formalidade para se dar início a este tipo de educação se dá através de uma iniciação, na qual o aluno aceita seu mestre e devota-lhe o respeito e, da mesma forma, o mestre aceita seu aluno assumindo uma responsabilidade sobre ele. Citando a Bhagavad-Gita, “*evam paramparā-prāptam imam rājarṣayo viduḥ*”, ou “esta ciência foi assim recebida através da corrente de sucessão discipular, e os santos videntes compreenderam-na dessa maneira”. (FEUERSTEIN, 2016).

É a partir deste contrato que se inicia a educação védica, a qual é feita através do ensinamento oral conhecido como *Shruti*, “aquele que escuta”, ou “aquele que presta atenção”, denominando o sistema no qual o mestre ensina ao discípulo todo o conhecimento dos *Vedas* apenas através da recitação oral, sem fazer uso de manuscritos, mantendo a tradição como nos tempos remotos.

Vale lembrar que só o *Rigveda*, que constitui uma pequena parte dessa literatura, possui 10589 versos, levantando a questão do desafio da memorização deste conhecimento védico que, se não fosse por causa de suas características de memorização, incorporação e técnicas mnemônicas, talvez este conhecimento não chegaria até os dias atuais.

Visto o desafio de se preservar o conhecimento védico através da memorização, e que a prática de recitação diária dos *Vedas* permanece até hoje, a UNESCO reconheceu, em 2003, a recitação védica como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. Segundo a UNESCO, o valor desta tradição não está relacionado apenas ao imenso e rico conteúdo dos mantras, mas também nas técnicas empregadas pelos brâmanes para manter este conhecimento inalterado, que vão desde entonações até técnicas corpóreas. Quanto a isso, Ong diz que:

para se decorar textos védicos não necessariamente se precisa ter fluência no sânscrito. O mais difícil é decorar a acentuação, o tom e o ritmo, porém, são esses detalhes que facilitarão a compreensão e a memorização dos textos. Há textos védicos mais cantados, o que facilita na memorização. Textos védicos decorados são verdadeiramente incorporados na pessoa, tornando-se eternos. A transmissão oral dos *Vedas* é um processo ritualístico de internalização. A memória oral tem um componente somático comparado à memória simplesmente textual, e movimentos corpóreos são técnicas sinestésicas para memorização (...). Às vezes, também, na verbalização oral, o mínimo de movimentos é por si só um gesto poderoso. (ONG, 2005, p.67)

Figura 7: Estudantes entoando mantras védicos utilizando gestos com as mãos



Fonte: <https://jagannathpurihkm.wordpress.com>

## 2.4 A questão da materialidade

Ao se tratar de materialidade, é notório que o papel, o livro físico e o impresso carregam um sentido de solidez, de estrutura rígida que dificilmente sofrerá alterações. No entanto, ao se estudar a tradição oral védica e todas as estruturas em torno deste conhecimento, fica visível que, ainda que seja uma tradição oral sem a materialidade, esta carrega um sentido sólido e uma preocupação de não sofrer, de forma alguma, qualquer tipo de alteração.

Com o grande volume de versos nos *Vedas*, há que se manter uma tradição de recitação oral baseada no corpo, nos gestos, nos olhares, na métrica, entonação e tantos outros aspectos mnemônicos. Porém, quando se faz um estudo linguístico e histórico dos manuscritos, percebe-se uma série de alterações de acordo com as escolas de pensamentos filosóficos às quais os textos estão associados.

Debates sobre a produção tardia da *Bhagavad-Gita* em relação ao *Mahabharata*, por exemplo, é um dos pontos de alerta sobre a fragmentação da produção literária quando esta passou a ser escrita. Há, também, versões de textos



védicos com números divergentes de versos, configurando subtração ou adição de passagens durante o processo da compilação.

Os poderes que se tornam líquidos passaram do sistema para a sociedade, fazendo com que as estruturas que mantínhamos de forma dependente tornem-se maleáveis e fluidos de que tal forma as gerações anteriores não experimentaram (BAUMAN, 2001). A aceleração, cada vez mais presente na difusão, produção e interpretação do conhecimento faz com que estruturas sólidas, como a recitação tradicional védica seja ameaçada e vista como atividade antiquada, principalmente em se tratando de uma visão ocidental sobre os fatos.

Como em uma experiência meditativa, o treinamento da mente para a memorização de um longo texto aprendido em forma oral exige que se trabalhe não apenas de forma abstrata, a nível do intelecto, mas também através da corporalização, unindo a materialidade ao sutil, tornando esta situação uma experiência física e não apenas um pensamento. Para Varela, essa associação do corpo e da mente torna-se uma relação ontológica, na qual é possível estar no momento presente trazendo para um único foco de atenção a mente e a ação corpórea (VARELLA, 1991, p.58).

Figura 8: Professor ensinando versos védicos



Fonte: Angeet Natak Akademi, New Delhi, India

Sendo assim, repetições de sílabas, gestos de mãos, braços e cabeça, a acentuação, o tom e o ritmo dos mantras, fazem com que a experiência de internalização do som não fique apenas no plano abstrato, mas sim, de forma completamente corporalizada e em estado meditativo, unindo o corpo e a mente para uma única finalidade.

## 2.5 A comunidade Hindu e o Movimento Bhakti

Hinduísmo é um termo usado para se referir ao conglomerado de culturas religiosas baseadas, em sua teoria, na tradição sagrada dos brâmanes, ou a tradição védica. No entanto, devido ao fato de englobar uma massa amorfa de ideias, filosofias e práticas, o uso do termo Hinduísmo se tornou um tema polêmico pela dificuldade de se definir o que, de fato é Hinduísmo e quem pode ser considerado um Hindu.

Se, para alguns, Hindu é toda e qualquer pessoa que compartilhe das mesmas crenças oriundas da tradição védica, ainda que não tenha nascido na Índia, para outros, só pode ser considerado Hindu aqueles que nasceram em terras indianas e que têm origem familiar também de indianos, exceto aqueles que se associam com outras tradições religiosas, como o budismo e o islamismo, por exemplo.

Sob um ponto de vista mais específico, para Feuerstein, o nome Hinduísmo se aplica às inúmeras tradições vinculadas historicamente com a cultura védica, as quais foram se moldando e assumindo uma forma no primeiro milênio a.C. (FEUERSTEIN, 2016, p. 100).

Também é característica do Hinduísmo a flexibilidade ideológica, tendo seu povo a capacidade de assimilar dentro de si filosofias diferentes e até mesmo opostas, como é o caso do pensamento filosófico de *Shankaracarya*, que defende o não-dualismo e a filosofia *Sâmkyá* completamente dual e ateísta, que ainda assim é assimilada pelo Hinduísmo. Isso é possível através do termo *Darshana*, ou “ponto de vista”, palavra usada para designar os seus seis princípios filosóficos.

Durante a Era Sectária (1300-1700 d.C.), um novo caminho se abriu na história cultural indiana: o movimento *Bhakti*. Caracterizado pela efervescência da devoção religiosa, houve o ápice das aspirações monoteístas das grandes comunidades sectárias jainistas, *Shivaístas* e *Vaishnavas*. A principal característica do *Movimento Bhakti* foi a inclusão da dimensão emocional no processo espiritual, tornando assim a

conexão com o divino um movimento devocional, antes pouco aparente no cenário védico.

Foi neste período que se deu início a uma nova literatura. Se antes as cerimônias eram baseadas nos textos védicos tradicionais, o *Movimento Bhakti* surge com a proposta da expressão devocional e a produção de poesias, músicas e literaturas extáticas. Citado em cinco versos do *Rigveda*, Vishnu ganhou força junto a uma vasta literatura devido a este movimento.

Nesse movimento popular da *Bhakti*, ou da devoção, a intenção é sempre voltada à pessoa divina: *Visnhu*, no caso do *Movimento Bhakti* dos *Vaishnavas*. A meditação é feita através da contemplação de sua forma e do cântico de mantras.

Este tipo de devocionalismo que emergiu das camadas mais baixas da sociedade, também atuou como uma forma de se opor ao sistema de castas, já que era possível, para qualquer pessoa, incluindo os iletrados, a demonstrarem afeto, devoção e amor de forma individual sem a necessidade de intermediários. Com a *Bhakti*, portanto, observou-se a permissão do encontro do devoto com o divino, além de permitir-lhe que produzisse sua própria forma de devoção através da expressão artística.

No entanto, o movimento que surgiu em um sentido de baixo para cima na pirâmide da sociedade, passou a ser discutida também pelos intelectuais, que deram início ao desenvolvimento de doutrinas filosóficas sofisticadas (FEUERSTEIN, 2016, p.357).

## 2.6 A comunidade *Vaishnava* e as quatro *Sampradayas*

*Vaishnavismo* é a denominação dada aos devotos de Vishnu, o aspecto mantenedor de Deus. Contendo uma vasta e complexa literatura, tem como principal obra a *Bhagavad-Gita*, ou “A Canção do Senhor”, o mais popular texto devocional e mais antiga obra sobre Yoga. Composto há aproximadamente 2500 anos, foi fonte de inspiração a posteriores gerações de poetas (FEUERSTEIN, 2016, p. 348).

A literatura *Vaishnava* é tão importante para seus seguidores, que um dos seus princípios é a relevância da meditação em seus versos com a finalidade de encontrar a paz eterna em Deus. Sendo assim, uma das principais práticas *Vaishnavas* é a leitura e recitação de versos que fazem o devoto aproximar-se do divino, já que o

sentimento de separação e de afastamento é um dos propulsores à busca deste reencontro transcendental.

Assim como os adoradores de *Shiva* do sul da Índia produziram música e poesia expressando sua devoção, o mesmo ocorreu com a comunidade adoradora de *Visnhu*, os *Vaishnavas*, no norte da Índia. É dito que

os cinco hinos dedicados ao *Visnhu* no *Rig-Veda* foram os primeiros brotos da árvore da sabedoria *Vaishnava*. Muitos séculos tiveram que passar-se para a seguinte grande obra literária do *Vaishnavismo* viesse à luz. Essa obra foi o *Bhagavad-Gita* (“Cântico do Senhor”), o mais popular de todos os textos que tratam de Yoga. Composto – na versão que temos hoje, há uns 2500 anos, inspirou as gerações posteriores de místicos a gerar outras obras devocionais incomparáveis, como a poesia dos Alvars e dos Bauls, o *Bhagavata-Purana* e o *Gita-Govinda*. (FEUERSTEIN, 2016, p. 347).

A maior expressão deste movimento de separação e aproximação de Deus pode ser encontrado na figura de *Radha*, esposa de *Krishna*, que representa a complementação e união sagrada em seu aspecto masculino e feminino, principal objeto de adoração pelos devotos *Vaishnavas*.

Os primeiros e mais ilustres professores *Vaishnavas* foram *Nimbarka* (Séc XXII d.C.), *Madhva* (1197-1273 d.C.), *Namdeva* (1269-1295 d.C.), *Jnaneshvar* (1275-1296 d.C.) e *Ramananda* (1360-1450 d.C.), os quais iniciaram o movimento no Norte da Índia (FEUERSTEIN, 1974, p.32). Outro personagem memorável foi *Caitanya Mahaprabhu* (1485-1533 d.C.), fundador da escola *Gaudiya*, o qual pregou que o mundo material transcende a compreensão humana e ensinava aos seus discípulos a buscarem a conexão direta com Deus através do amor e devoção. Suas palavras sensibilizaram não apenas a comunidade Hindu, mas também grande parte da população muçulmana da Índia que se converteu e aceitou instrução.

No contexto Hinduísta, a palavra *Sampradaya* pode ser traduzida como linhagem, sistema religioso, muito relacionado ao que Smith fala sobre “tradição cumulativa”:

quando digo “tradição cumulativa” quero dizer toda a massa de dados objetivos evidentes que constituem o depósito histórico da vida religiosa passada da comunidade em questão: templos, escrituras, sistemas teológicos [...] e assim por diante; qualquer coisa que pode ser e é transmitida de uma pessoa, ou uma geração, para outra, e que um historiador pode observar. (SMITH *apud* SILVESTRE, 2015 p. 216).

Sendo assim, uma *Sampradaya* é a forma de se conferir legitimidade de uma tradição e sua forma de pensamento filosófico fidedigna ao seu preceptor. Dentro da tradição *Vaishnava*, há quatro *Sampradayas* oficiais, sendo elas *Sri Sampradaya*,

*Nimbarka Sampradaya* (ou *Sanaka*), *Rudra Sampradaya* e *Madhva Sampradaya* (ou *Brahma*), esta última, sendo a que *Caitanya Mahaprabhu*, que fundou a sub-escola da *Gaudiya*, pertence.

Estar enquadrado em uma dessas quatro tradições é de extrema importância, visto que nas próprias escrituras védicas se reafirma a legitimidade de mestres e mantras transmitidos de acordo com o pertencimento a uma delas. Como afirma no *Padma Purana*, “Aqueles mantras que estão desvinculados de uma *Sampradaya* são considerados infrutíferos. Portanto, na era de *Kali*, haverá quatro fundadores de *sampradayas* – *Sri, Brahma, Rudra e Sanaka*” (SILVESTRE, 2015, p. 225).

## 2.7 A escola Gaudiya de Caitanya Mahaprabhu

A escola *Gaudiya*, fundada no século XVI pelo mestre espiritual *Sri Krishna Caitanya*, conhecido como *Caitanya Mahaprabhu*, hoje carrega o status de uma *Sampradaya* independente devido à nítida diferença filosófica em relação à sua linhagem-mãe, *Madhva Sampradaya*, embora a própria escola afirme ser um braço desta.

Ao longo da história da tradição védica e das religiões baseadas nos textos sagrados indianos, observa-se uma transformação na relação dos devotos com a divindade. Se antes a sociedade dependia da classe dos brâmanes para executarem os ritos prescritos nos *Vedas* originais, o culto a Deus passou a ser adaptado por aqueles que foram viver nas florestas e uma fragmentação do controle religioso começou a ser observado na era das *Upanishad*, quando mestres passaram a pensar sobre os *Vedas* e produzir sua própria literatura criando assim diferentes correntes de pensamentos que eram sustentadas por debates e por seus seguidores.

Alguns pensadores são importantes até os dias atuais, formando escolas sólidas no campo da filosofia védica, mas foi através do *Movimento Bhakti* que o povo conquistou uma certa liberdade em relação à produção literária devocional.

*Caitanya Mahaprabhu* foi um dos preceptores do *Vaishnavismo* e do *Movimento Bhakti* na região da Bengala, e representante da escola *Gaudiya Vaishnava*. Com grande visibilidade, foi um dos líderes a saírem pela Índia com a intenção de disseminar a importância do amor a Deus através de cânticos e poemas.

*Mahaprabhu*, diferente de outros mestres, apesar de ter sido um ilustre pensador sobre a filosofia védica, não deixou muitos escritos, e sua instrução era mais

direcionada à devoção individual em uma relação de entrega amorosa e sentimental à divindade.

Sua doutrina serviu de base para o movimento moderno de *Bhakti* que ultrapassou as fronteiras da Índia e chegou ao ocidente no século XX através do monge conhecido como *Srila Prabhupada*, que fundou a *International Society for Krishna Consciousness* (ISKCON) em 1965 na Califórnia, movimento este conhecido até os dias atuais como Movimento *Hare Krishna*.

Como a característica principal da escola *Gaudiya* era a difusão do amor a Deus através de peregrinações, diferentemente de outros sectos que mantinham suas atividades restritas a templos e residências, este movimento se expandiu de tal forma que chegou no ocidente. Hoje, há no Brasil, alguns templos da *Gaudiya*, não apenas da instituição ISKCON, mas também de outras instituições pertencentes à esta tradição.

É importante frisar que no Brasil encontram-se templos e instituições apenas da *Gaudiya*, tendo outras escolas uma representatividade praticamente nula de devotos isolados que provavelmente passaram pelo processo de iniciação formal na Índia, já que não há representações no Brasil.

Vale ainda observar que em maio de 2019, um representante da *Sri Sampradaya*, o *Paramahansa Sri Swami Vishwananda*, da escola *Bhakti Marga*, inaugurou um templo no Brasil, na Chapada dos Veadeiros em Goiás<sup>4</sup>. No entanto, a representatividade desta *Sampradaya* ainda é pequena no Brasil, sendo a *Gaudiya* a de maior escala até então sendo, portanto, utilizada no recorte desta pesquisa.

## 2.8 Os livros sagrados para a comunidade *Vaishnava*

É importante ressaltar que o sentimento de entrega, respeito e devoção amorosa entre os *Vaishnavas*, não são características direcionadas apenas a Deus, mas a tudo que é considerado sagrado na tradição, como imagens, objetos e livros da tradição védica, sendo o último, recorte da pesquisa.

---

<sup>4</sup> Para mais informações, visitar: < <http://Bhaktimarga.org.br/> > Acesso em: 8 de agosto de 2019.

Segundo a tradição, tanto a literatura revelada (*Shruti*) quanto a produzida baseada no núcleo védico, ganham um status elevado a partir do momento em que se afirma que os *Vedas* são a própria manifestação divina em forma de versos, e as reflexões acerca desta literatura também são sagradas por terem sido compostas por grandes mestres filósofos, sendo atribuído a eles uma responsabilidade de compreensão dos *Vedas* para que possa produzir suas conclusões.

Portanto, toda literatura védica ou posterior é considerada sagrada não apenas por *Vaishnavas*, mas dentro da tradição Hinduísta em geral. O respeito ao livro é comumente claro ao se observarem normas de conduta e comportamento em relação ao objeto de leitura. Almofadas e suportes no chão, capas para proteção, hábitos de lavar as mãos e as bocas num símbolo de purificação e entoação de mantras são comumente percebidos nas comunidades *Vaishnavas* como preparação para tocar, ler, recitar ou estudar essa literatura.

Porém, outro hábito vem sendo observado no ocidente: a prática de leitura de livros digitais como alternativa à aquisição do livro físico. Essa transformação no hábito de leitura desperta uma curiosidade em relação aos rituais antes direcionados ao livro impresso, que agora não está sendo substituído pelo digital, mas convivendo com novos hábitos de leitura. Assim, este capítulo apresentou a história da comunidade *Vaishnava* e o sistema educacional védico, além de debater sobre a materialidade dos livros e os hábitos de leitura religiosa.

### 3 MÉTODO DA PESQUISA

Esta pesquisa insere-se no método qualitativo, tendo como tema um fenômeno contemporâneo das transformações do livro e de seus leitores com a chegada do livro digital e seus novos suportes.

Porém, ao mesmo tempo em que se insere em um cenário atual, também remete a um passado por ter como objeto todo o *corpus* de livros sagrados milenares da tradição indiana. Sendo assim, a pesquisa visa compreender a questão da relação entre livro sagrado indiano e seus leitores, investigando nuances de afeto, devoção e respeito quando esta passa a ser digital.

A investigação baseia-se em observar a disponibilidade dos livros sagrados religiosos indianos em suporte digital, as práticas de leitura dos devotos *Vaishnavas* no Brasil e o impacto das novas tecnologias sobre a leitura religiosa tendo como ponto de partida a opinião dos leitores religiosos sobre a literatura védica em versão digital. Além disso, a comparação com as práticas de leitura na Índia também serão levadas em consideração, já que trata-se do local originário desta literatura.

Foram consideradas obras digitais os *e-books* em diferentes suportes: *Kindle*, *smartphones*, *tablets* e as versões *on-line* em formato PDF, softwares para leituras no computador ou aplicativos para smartphones.

Optou-se por seguir etapas definidas com a finalidade de se cumprir os objetivos propostos no projeto inicial. No entanto, algumas modificações foram feitas ao longo do processo devido à oportunidade de uma viagem à Índia na qual pôde-se observar a própria tradição em forma de imersão.

A primeira etapa realizada foi a pesquisa bibliográfica, a segunda, de observação participante nos templos. A terceira etapa constitui-se de entrevistas em profundidade com frequentadores e membros de instituições *Vaishnavas* no Brasil. A quarta etapa, incluída durante o andamento da pesquisa, foi a de observação participante em templos e residências indianas na cidade de *Vrindavana*, no estado de *Uttar Pradesh*, e entrevistas com *Vaishnavas* da região.

#### 3.1 Etapa 1: pesquisa bibliográfica

A pesquisa bibliográfica foi importante como primeira etapa para traçar um panorama geral das transformações dos hábitos de leitura com a chegada do livro



digital e um mapeamento de autores que trabalham com a história do livro e da leitura a serem trabalhados durante a pesquisa.

O outro pilar bibliográfico da pesquisa foi a história da literatura védica e da tradição indiana, sendo importante realizar o mapeamento de autores historiadores que abordam a história da Índia, da filosofia indiana e das religiões Hinduístas, observando o comportamento de diferentes grupos de poder que se formaram ao longo da história indiana que tinham como pano de fundo o domínio sobre o conhecimento da literatura védica, da língua sânscrita e da escrita, além da tradição do respeito e reverência por objetos sagrados, incluindo o objeto livro.

### 3.2 Etapa 2: observação participante no Brasil

A segunda etapa da pesquisa, a observação participante, consistiu em frequentar os templos *Vaishnavas* no Rio de Janeiro nas programações semanais e festivais e interagir com frequentadores e membros, observando como se dá o comportamento deles com os livros sagrados da tradição, como armazenam, se há bibliotecas, se há suportes ou almofadas para que o livro não entre em contato direto com o chão, entre outros pontos.

### 3.3 Etapa 3: entrevistas no Brasil

A terceira etapa consistiu nas entrevistas empíricas com frequentadores e membros de instituições *Vaishnavas* no Brasil. O critério para a seleção dos entrevistados brasileiros foi: 1) ser frequentador de um templo *Vaishnava*; ou 2) ser membro da comunidade *Vaishnava*, ou seja, ter passado pelo processo formal de iniciação através de cerimônia específica (*Harinama* ou *Diksha*<sup>5</sup>); 3) ser leitor das obras sagradas da tradição.

Essas escolhas foram feitas levando em consideração o comprometimento em relação aos textos clássicos e o respeito pela tradição, além de presumir que estas

---

<sup>5</sup> *Harinama* é o processo de iniciação em que se recebe um nome sagrado indiano, como um batismo, no qual o devoto recebe, através do processo *Shruti* (escutando da boca do *Guru*), o mantra sagrado. *Diksha* é a iniciação formal que, na tradição *Gaudiya Vaishnava*, qualifica o devoto como brâmane, o qual recebe, também através do processo *Shruti*, uma série de mantras secretos.

peças já formaram uma biblioteca pessoal com textos tradicionais, seja ela física, digital ou mista. É importante ressaltar que os nomes dos entrevistados, por motivos de privacidade foram alterados.

Ao todo, foram realizadas sete entrevistas qualitativas com questões semiabertas sobre comportamento afetivo e hábitos de leitura do livro sagrado impresso e digital. Das sete entrevistas, seis foram gravadas em áudio e uma foi realizada através da internet por dificuldade de encontro presencial (Entrevistado 7). Tais entrevistas ocorreram de fevereiro até outubro de 2019.

Foi feito um roteiro com perguntas que começavam pela identificação do perfil do entrevistado como idade, ocupação, nível de escolaridade e depois entrando em assuntos relacionados à sua atuação na comunidade religiosa. As questões percorreram por temas como percepção do livro como objeto sagrado, percepção do sânscrito como língua sagrada, hábitos de leitura, preferências de livros e, por fim, a percepção do livro digital como sagrado. Por fim, pediu-se ao entrevistado que relatasse sua opinião a respeito da relação entre impresso e digital nas obras sagradas e finalizou com a pergunta se a disseminação das obras védicas é benéfica ou prejudicial para a tradição.

Em seguida foi feita uma análise mais aprofundada do material coletado observando tanto respostas semelhantes entre os entrevistados quanto possíveis contradições.

### 3.4 Etapa 4: observação participante na Índia

A quarta etapa consistiu em duas viagens à Índia com a finalidade de seguir a metodologia da observação participante e de entrevistas com indianos que vivem esta tradição. A primeira viagem foi realizada em março de 2019 e pôde-se vivenciar a rotina de um *ashram*<sup>6</sup> na primeira metade da viagem e a rotina de uma família de brâmanes tradicionais na segunda metade. A segunda viagem foi realizada após a qualificação da pesquisa, no mês de outubro de 2019 com a finalidade de

---

<sup>6</sup> *Ashram*, segundo a Enciclopédia de Yoga do Pensamento (FEUERSTEIN, 2005, p. 44), vem da palavra sânscrita *shrama*, ou esforço. Na prática é um eremitério onde um adepto instrui discípulos que se dedicam a um caminho sagrado. É uma comunidade espiritual.

aprofundamento na tradição e vivência em algumas residências e *ashrams*, além de aprofundar o que foi observado através das entrevistas.

A oportunidade de se realizar esta pesquisa não apenas no Brasil, mas também na Índia, teve a importância de compreender como os indianos se relacionam com os livros sagrados evitando assim idealizações sobre um suposto modelo perfeito de comportamento apenas por serem indianos tradicionais, evitando também que se debruce o olhar sobre o Brasil como uma potencial deturpação da tradição.

Assim, pôde-se observar o fluxo natural de transformações em ambas as comunidades que fazem uso destes mesmos textos e os consideram igualmente sagrados, embora o público principal da pesquisa continue sendo a comunidade *Vaishnava* no Brasil.

### 3.5 Etapa 5: entrevista com *Vaishnavas* indianos

A oportunidade de estar em contato direto com a comunidade indiana *Vaishnava* na cidade de Vrindavana, na Índia, também favoreceu a aproximação com os sacerdotes que diariamente realizam as cerimônias tradicionais em locais sagrados, como os templos e os *Ghat* (portos sagrados).

A escolha de entrevistar um sacerdote indiano se deu pelo fato de este ser considerado uma autoridade no assunto referente à sua religião, podendo explicar com clareza o posicionamento da tradição *Vaishnava* quando aos livros sagrados e as diferenças, em seu ver, entre o livro impresso e o digital.

Foi escolhido, para esta pesquisa, o Acharya Bhuvnesh Shukla, Brâmane, instrutor e *pujari* (sacerdote) do Templo de Yamuna (*Yamuna Mandir*) na região do *Keshighat*, em Vrindavana, para a realização da entrevista, ainda que outros Acharyas (professores) também tenham colaborado com a pesquisa através de suas opiniões sobre o tema, porém de modo informal.

Foi entrevistado, também, o indiano Rasaraj Gaura Dasa, residente da cidade de Delhi que, apesar de não ocupar uma posição de autoridade da tradição *Vaishnava*, é praticante da religião.

Sendo assim, a pesquisa contou com duas entrevistas a indianos: um na posição de sacerdote e outro na posição de praticante, o que acrescenta e enriquece a discussão final ao serem observados os resultados.

#### 4 APRESENTAÇÃO DE DADOS E ANÁLISE DE RESULTADOS

Neste capítulo, apresentam-se os dados obtidos na observação do cotidiano do templo no Brasil, na cidade de Vrindavana, na Índia e nas entrevistas, assim como uma breve descrição do perfil dos entrevistados. Quando se desenvolve um projeto de pesquisa, é normal que expectativas e idealizações sobre possíveis comportamentos por parte da comunidade a ser observada sejam criados. É esperado, portanto, que se pense que provavelmente a Índia mantém sua tradição de respeito e adoração a objetos sagrados, incluindo os livros impressos védicos, e que talvez o livro digital não tenha tanta presença nas comunidades mais tradicionais como no ocidente.

É normal, também, ao direcionarmos o olhar para o ocidente, pensarmos sobre as possíveis fragmentações e distorções que ocorrem ao longo do percurso de uma tradição que tem sua origem em um determinado território e que passa por diversas barreiras culturais, linguísticas, territoriais e de crenças, para chegar ao seu destino final, no caso da pesquisa, no Brasil.

No entanto, criar uma imagem de perfeição da tradição na Índia e distorção no Brasil não é um ponto de partida adequado em uma pesquisa, podendo, ao decorrer das entrevistas e observações, ser surpreendente à medida em que os resultados coletados começam a desconstruir esta idealização.

Este capítulo se organiza em três partes, sendo a primeira delas um comentário sobre o que foi registrado através da observação participante no templo *Sri Gauravani Gaudiya Matha* do Brasil e na comunidade indiana, com alguns apontamentos sobre o que mais chamou a atenção nas falas e comportamentos individuais dos brasileiros e dos indianos. Esta, portanto, é a parte em que se analisa a comunidade como um todo e o comportamento de seus membros em relação aos livros sagrados impressos e digitais.

A segunda parte consta de uma análise dos tópicos mais subjetivos obtidos nas entrevistas, com detalhes comportamentais mais difíceis de serem observados apenas pela observação nas comunidades, como as questões mais íntimas acerca da fé, definições sobre o sagrado e as práticas de leitura.

A terceira e última parte faz uma análise sobre a percepção do livro como objeto sagrado, cruzando dados obtidos nas observações da comunidade e nas entrevistas

individuais a fim de se obter um panorama sobre a relação do leitor devoto com os livros impressos e digitais.

#### 4.1 Análise da comunidade no Brasil

Através da observação participante nos anos de 2018 e 2019 no templo *Sri Gauravani Gaudiya Matha*<sup>7</sup>, também conhecida como Templo do Castelinho, localizado no Alto da Boa Vista no Rio de Janeiro, foi possível observar que membros e frequentadores *Vaishnavas* reúnem-se diariamente para a leitura de uma escritura sagrada, seguindo um calendário no qual, a cada dia da semana, há um estudo específico. Ao entrar na sala do templo é possível verificar a programação semanal fixada na porta.

O templo abriga devotos permanentes, que residem no local. Alguns trabalham fora e outros colaboram no próprio templo fazendo o que chamamos de *seva*, o serviço devocional. Estes dividem seus afazeres entre a limpeza e manutenção do templo, cozinha, cuidado com o altar, realização do *puja* (cerimônia), entre outros.

Figura 9: Templo *Sri Gauravani Gaudiya Matha*, no Rio de Janeiro



Fonte: A autora, 2019

---

<sup>7</sup> O templo *Sri Gauravani Gaudiya Matha* (Castelinho) localiza-se na Avenida Edison Passos, 742, Alto da Boa Vista, Rio de Janeiro.

A ideia de morar em um templo e participar das atividades faz com que o devoto vivencie uma rotina espiritual disciplinada, aproximando-se culturalmente do que se encontra na Índia, fazendo com que o devoto tenha a oportunidade de se aprofundar e se dedicar às práticas devocionais e dos estudos religiosos.

Durante a semana, o movimento de visitantes é menor, embora diariamente ocorra, estudos sobre determinados livros sagrados, que iniciam às 18h. Já aos sábados e domingos a frequência é maior por ser o fim de semana, tendo o estudo da *Bhagavad-Gita* aos sábados, cujo professor conduz a aula semanalmente e fica responsável por fazer a leitura e explicar os versos. Cada semana segue-se o estudo de uma parte da *Bhagavad-Gita* de forma continuada.

Figura 10: Leitura e canto de mantras com consulta ao livro



Fonte: A autora, 2019

O dia de maior frequência na programação do templo, no entanto, é no Festival de Domingo, quando ocorre uma programação mais longa com cantos devocionais, aula de filosofia védica na qual há o revezamento dos professores de acordo com o tópico escolhido ou o festival a ser comemorado, cerimônia no altar e jantar vegetariano para os presentes, chamado *prasada*. É também no domingo que o *Refeitório Ramana Bihari*, no local, é aberto para os visitantes que, em sua maioria, têm afinidade com a cultura e a culinária indiana, aproveitando para conhecer o templo

e a tradição espiritual. Aulas de yoga gratuitas também são oferecidas no local com a finalidade de oferecer bem-estar à comunidade e atrair o público para o templo.

Durante as aulas de filosofia védica, é possível notar a relação dos devotos com os livros sagrados. No início, o professor entoava uma série de mantras antes da leitura, chamados *Pranam*, ou reverências a Deus e a todos os mestres da sucessão discipular que transmitiu o conhecimento védico até chegar aos dias atuais. O professor fica em uma posição de destaque, à frente do público, com o livro sagrado apoiado em um suporte e usa em sua testa o símbolo feito de argila chamado *tilaka*, que indica a qual escola pertence, neste caso, a escola *Gaudiya Vaishnava*. O comportamento, as vestimentas e marcações sagradas no corpo representam o respeito que o indivíduo tem pela literatura védica a ser estudada e recitada no momento.

O manejo com o livro sagrado é feito de forma cuidadosa, apoiando-o no suporte para que não seja colocado diretamente no chão. Observa-se que enquanto a maioria dos participantes da aula acompanham atentamente à explicação do professor, outros levam seus próprios livros, os quais permanecem apoiados sobre uma almofada para que não toquem no chão.

Ao serem indagados sobre a necessidade do uso da almofada, um dos devotos explicou que não se pode colocar os livros sagrados diretamente no chão, pois configuraria uma ofensa ao conhecimento e ao mestre espiritual.

Antes de se iniciarem as aulas, canções devocionais são cantadas para preparar o ambiente e purificar a mente. Tais cânticos seguem um roteiro representando a hierarquia de quem é reverenciado, desde o *Guru* até *Krishna*. É interessante notar que todos utilizam o mesmo livro de canções chamado *Sri Gaudiya Giti-Guccha*, publicado pela editora própria Gaudiya Vedanta Publications. Estes livros também são considerados literatura sagrada pois, além de conter versos em Sânscrito, Hindi e Bengali, são canções compostas pelos principais mestres representantes do *Movimento Bhakti* do *Vaishnavismo*.

Como de costume, alguém do grupo se oferece para cantar a próxima canção, cita o nome e o número da página e, antes de cantar, faz a leitura da tradução para o português para que todos compreendam sobre o que será cantado. Um dos devotos presentes explicou que assim conseguimos compreender melhor o significado e nos conectamos emocionalmente com o momento, pois a intenção é a da entrega devocional, uma das principais características do *Movimento Bhakti*.

Figura 11: Devotos no templo realizando a leitura de uma canção



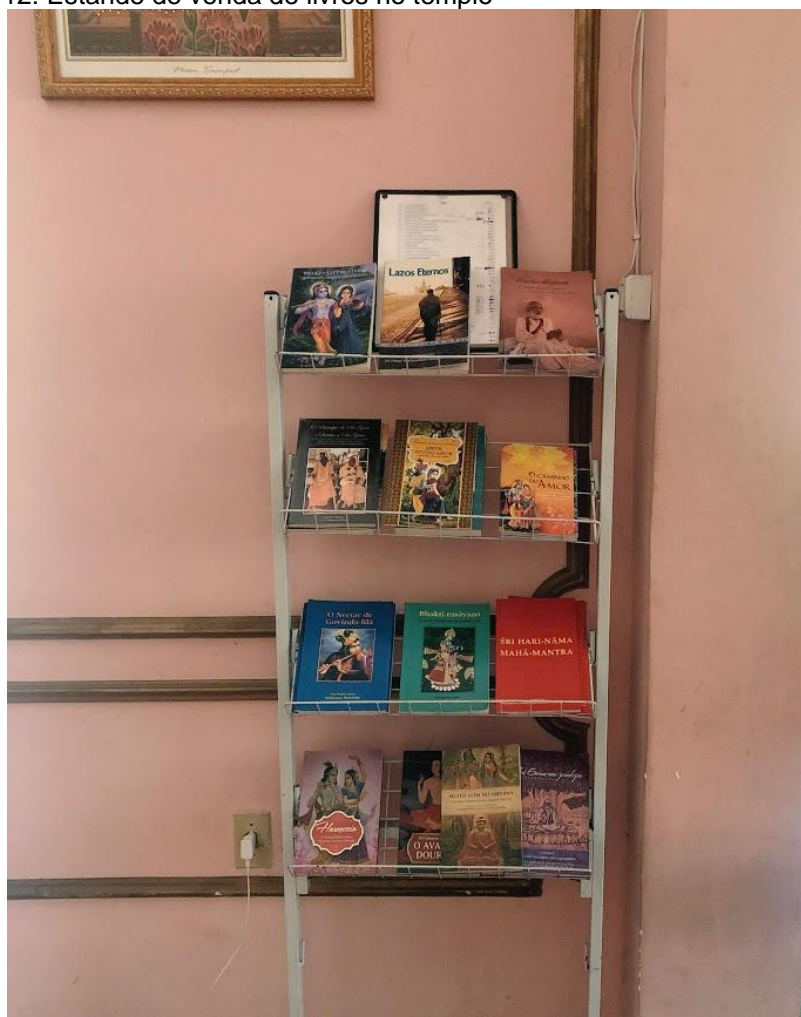
Fonte: a autora, 2019.

Ao finalizar todas as canções, as aulas se dão através da exposição do tema seguindo a tradição védica, com a fala exclusiva do professor e abrindo para perguntas no fim da exposição. No entanto, devido a diferenças culturais entre o Brasil e a Índia, nem sempre é possível seguir este modelo de aula, já que muitos ouvintes não conhecem a tradição e estão visitando o templo pelas primeiras vezes, fazendo então suas perguntas e comentários durante a aula, o que no caso do Brasil não configura um desrespeito como seria na Índia, já que algumas adaptações se fazem necessárias no Brasil devido à cultura diferente.

É possível notar que neste salão principal do templo, o mesmo local onde ocorrem as atividades, há um discreto estande para a venda de livros com uma tabela de preços como mostra a *Figura 12*. Na tentativa de comprar um deles, foi informado que poderia pegar o livro e depositar o dinheiro na caixa de doações do templo, localizada em frente ao altar.



Figura 12: Estande de venda de livros no templo



Fonte: a autora, 2019.

Nota-se, que a atividade comercial relacionada aos livros neste templo é quase inexistente, e a impressão é a de que os livros estão disponibilizados para venda àqueles que têm a curiosidade e interesse em se aprofundar em algum tópico, diferente do Movimento *Hare Krishna* fundado por *Swami Prabhupada* que tem como uma das metas principais a distribuição de livros nas ruas em troca de doações. Para eles, o livro é a principal forma de pregação da tradição.

Por outro lado, há também no templo uma biblioteca com diversas obras da tradição *Vaishnava* e de filosofia védica, incluindo obras acadêmicas de autores renomados. No entanto, esta biblioteca ainda está em fase de organização e terá seu acesso disponível em breve a quem quiser realizar consultas.

Os frequentadores do templo, em geral, apresentam o comportamento de respeito em relação aos objetos sagrados. O que se nota é que mesmo os que são novos e ainda estão começando a frequentar, acabam por observar e repetir o

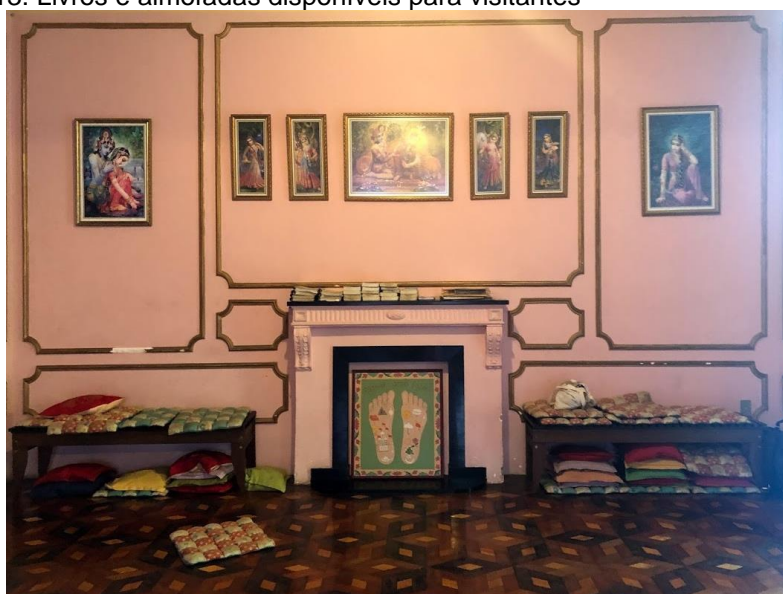
comportamento dos mais antigos, já que nem sempre as ações são óbvias e naturais para uma cultura ocidental.

Em relação aos livros o mesmo acontece. Embora não tenha observado o uso de livro digital durante as aulas e cerimônias, há bastante uso de livros impressos, tanto escrituras sagradas quanto livros de canções devocionais sendo estes mais usados pelo público em geral durante o momento do canto das músicas, os quais são usados como base de leitura das letras das canções e poesias, geralmente escritas na língua Bengali devido à forte influência do *Movimento Bhakti* de *Caitanya Mahaprabhu*, originário do estado da Bengala.

Neste momento, observa-se que grande parte dos presentes utilizam-se de almofadas para apoiar os livros e, caso algum frequentador novo apoie o livro no chão, rapidamente é instruído a utilizar a almofada, observando-se, então, que o ensino das normas comportamentais é bastante horizontal, vindo dos próprios frequentadores e membros, não partindo de uma autoridade centralizada.

Há ainda, próximo à entrada do salão, um local onde os livros de canções e alguns mantras são disponibilizados para empréstimo durante o canto das canções a quem ainda não os adquiriu. Ali também se encontram as almofadas utilizadas como apoio dos livros, como mostra a *Figura 13*, as quais também são utilizadas para sentar-se.

Figura 13: Livros e almofadas disponíveis para visitantes



Fonte: A autora, 2019.

Vale ressaltar que não há a presença fixa de um representante espiritual, como um Acharya, já que os mestres espirituais que regularmente visitam o templo têm residência na Índia e viajam por diversos países durante o ano, incluindo o Brasil durante alguns meses no ano.

Apesar de não ter observado o uso de livros sagrados digitais no templo, foi observado que durante as canções devocionais, alguns membros que fazem parte do grupo de músicos e que realizam ensaios antes da programação ou em dias separados, fazem uso de smartphone com arquivos digitais ou aplicativos dos livros de canções. Fora este detalhe, não foi observado em nenhuma aula o uso de *tablets* ou smartphones nem leitores digitais, nem por parte do professor e nem por parte dos presentes que assistiam às aulas.

No entanto, durante o ano de 2019 houve uma programação nova no templo na qual, duas vezes por mês estudiosos e leigos interessados no aprofundamento acerca da filosofia védica reuniram-se em um grupo de estudos védicos aos sábados. Neste grupo, estudamos sobre a cultura da Índia, sobre a classificação dos *Vedas*, sobre o que é o Hinduísmo e outros temas relacionados, em uma tentativa bem-sucedida de levarmos informação e esclarecimento àqueles que tivessem interesse em adentrar no conhecimento védico. O grupo de estudos foi idealizado pelo presidente do templo, Mangala Nilay Dasa que é mestre em pedagogia e graduando em História na UERJ, o qual obteve apoio de alguns membros e frequentadores.

Nestes encontros observamos a forte presença de suportes digitais: além do conteúdo ser exposto pelo professor através de projetor, a maioria dos participantes utilizavam seus smartphones ou *tablets* para fazer as anotações das aulas. Além disso, cópias de livros digitais foram distribuídas no grupo do Whatsapp criado com esta finalidade: compartilhar informações sobre os próximos encontros e material digital sobre a filosofia védica.

#### **4.2 Análise da comunidade na Índia**

Nos meses de março, outubro e novembro de 2019, foram realizadas duas viagens à Índia para a Vrindavana distrito da cidade de Mathura, no estado de Uttar Pradesh, no Norte indiano. Localizada a 140 quilômetros ao Sul da capital Nova Delhi, e contendo 12 florestas, Vrindavana é um local peculiar por ser a cidade mais importante para a tradição *Vaishnava* pelo fato de ter sido neste local que *Krishna*,

principal deidade adorada pela comunidade, viveu parte de sua vida, como descrito nas principais literaturas védicas: *Srimad Bhagavatam* e *Garga Samhita*.

Sendo assim, a cidade de 3.800 km<sup>2</sup> recebe milhares de pessoas atraídas pelo turismo religioso com a finalidade de visitar os templos, participar das cerimônias e fazer o *Parikrama*, ou seja, a peregrinação ao redor da cidade que dura em média de três a quatro horas e passa pelos principais pontos turísticos religiosos.

Os meses mais importantes para a tradição e para cidade são março - quando acontece o festival do *Holi* - e outubro/novembro, quando ocorre o mês de *Kartika*, seguindo o calendário tradicional védico que descasa com os meses do Calendário Gregoriano, o nosso padrão ocidental. Sendo assim, é possível nestes períodos observar a presença de estrangeiros – principalmente russos – e de indianos de outras cidades, em sua maioria de Nova Delhi ou do estado da Bengala, que chegam em grupos de excursão e participam dos eventos religiosos junto aos nativos que atuam na organização e recepção destes visitantes.

A cidade de Vrindavana, tradicionalmente faz parte do que se chama Círculo de *Vraja*, ou na língua local, *Vraja-Mandala*, um perímetro que abarca vilarejos sagrados e que, segundo a crença Hinduísta, é a réplica na Terra da morada de Deus no plano espiritual. Há, portanto, além da caminhada circulando Vrindavana, o circuito que engloba toda *Vraja*, acarretando em uma peregrinação maior e mais demorada, demandando mais tempo, dinheiro e organização para que se complete com sucesso.

É neste local, portanto, que acontecem as histórias de *Krishna* narradas nos *Puranas* desde seu nascimento até sua saída da cidade para assumir como rei em Dwaraka, local onde se passam as histórias narradas pelo épico *Mahabharata*, de onde foi extraído o diálogo de *Krishna* com *Arjuna*, condensado na Bhagavad-Gita, o texto mais importante para a tradição *Vaishnava* e para as escolas de yoga.

Apesar de sua saída para *Dwaraka*, é dito nas próprias escrituras que, na verdade, *Krishna* nunca sai de Vrindavana e que todos os contos - conhecidos pelos devotos como passatempos de *Krishna* - apresentados na literatura sagrada, continuam acontecendo eternamente neste local, ainda que em uma dimensão espiritual não visível a olhos comuns, porém manifestos apenas para alguns iogues videntes.

É importante apontar como toda cidade e seu turismo, que leva milhões de pessoas a fazerem a peregrinação (Vrindavana *Parikrama*), são baseados nas histórias da literatura, ressaltando a importância e forte influência dos textos védicos

que originaram de forma oral, passaram pelo manuscrito, pelo impresso e atualmente estão presentes no digital, têm não apenas sobre uma cidade, mas sobre todo o país.

Isso leva a uma reflexão sobre como uma literatura ancestral e preservada até os dias atuais pode impactar no funcionamento de um local e de sua economia, o qual só tem o status de sagrado por causa da validação através da literatura que até hoje é transmitida não apenas em escolas e monastérios e recontada nos lares de forma oral, de pais para filhos, mas também através dos livros digitais disponíveis na internet através de websites, blogs e redes sociais.

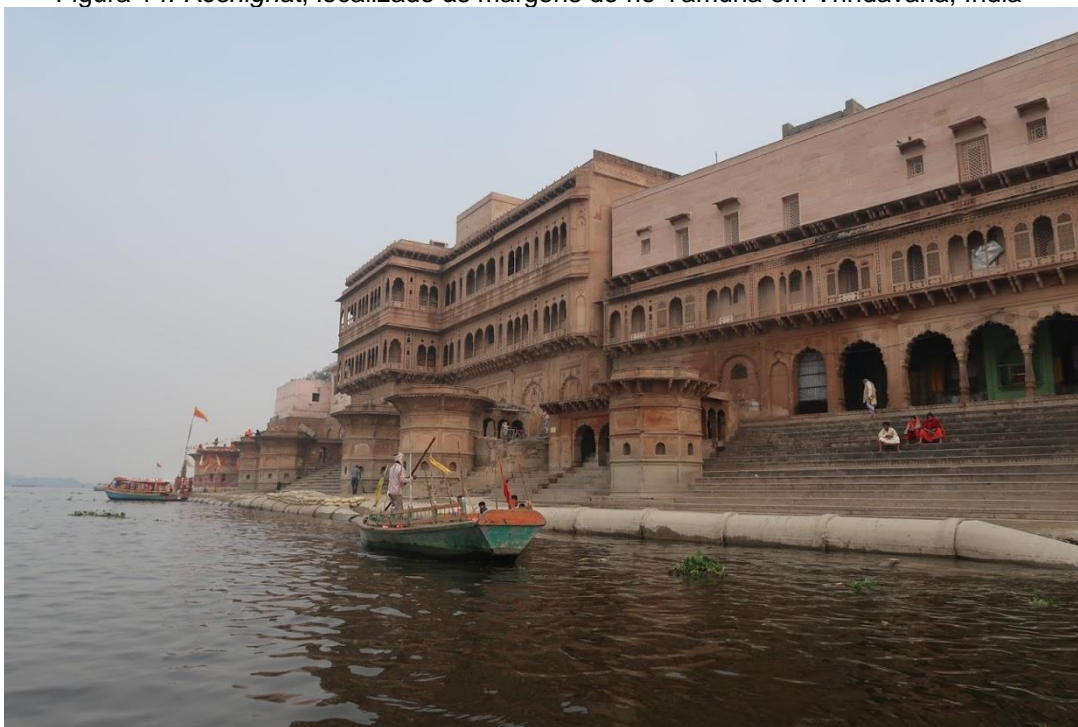
Os nativos de Vrindavana são chamados de *Vrajavasis* e são considerados, por muitos, descendentes daqueles que viveram nas terras sagradas na época ou antes de *Krishna*, ou que, através de muitas práticas devocionais em vidas passadas, obteve o merecimento de, nesta vida, nascer na região. Sendo assim, para os devotos Hindus, ter o contato diretamente com os *Vrajavasis* é espiritualmente benéfico, assim como pisar em suas terras santas e banhar-se em seus rios sagrados, no caso de Vrindavana, no Rio Yamuna.

Na cidade de Vrindavana há mais de 5 mil templos tradicionais e sua maioria foi construída após o ano 1000 d.C. Entre templos pequenos e antigos, alguns não passando de uma simples sala com uma deidade milenar, há também templos mais recentes que formam grandes complexos onde é possível hospedar-se.

Por uma questão histórica, os templos mais antigos foram fundados pelas escolas mais antigas *Vaishnavas*, como a *Nimbarka*, que construiu templos no local e preserva suas estruturas e deidades, mantendo-os em atividade até hoje. Já os complexos mais recentes são construções *Gaudiya Vaishnava*, a mais nova, tradição presente no Brasil e com cujos devotos foram realizadas as entrevistas.

Entre as construções antigas encontra-se o *Keshighat*, local de grande importância para a pesquisa, já que foi nesta região fizemos a observação participante e imersão em uma família de brâmanes do local.

Figura 14: *Keshighat*, localizado às margens do rio Yamuna em Vrindavana, Índia



Fonte: A autora, novembro de 2019

O complexo chamado *Keshighat*, apresentado na Figura 14, que inclui o templo Jugal Kishor, foi construído no século XVII pelo imperador Akhbar após fazer uma visita à cidade. É neste local em que se passa a lenda descrita no *Srimad Bhagavatam* e no *Garga Samhita*, a qual conta que *Krishna* matou um ser demoníaco chamado *Keshi* e logo após se banhou no rio sagrado Yamuna. A partir desta história religiosa, o local tornou-se ponto de peregrinação e banhos pelos devotos, além de abrigar barqueiros que oferecem o passeio pelo rio e as escadarias onde se realizam as tradicionais cerimônias diárias, conhecidas como Yamuna Arati, que é a cerimônia do fogo e o *Deepdan*, oferenda das lamparinas no rio.

O local *Keshighat* também dá nome ao bairro, onde por suas ruas encontram-se dezenas de templos em meio a casas de seus moradores locais. Foi nesta região em que passei 3 meses vivendo imersa na família dos brâmanes administradores do *Keshighat*.

Alternando entre duas casas da mesma família localizadas na mesma viela, tive a oportunidade de experimentar e observar a vida dos *Vrajavasis* e como se dá a rotina espiritual e devocional da família Shukla, que têm como função principal a condução das cerimônias oficiais diárias tanto em suas residências quanto nas escadarias do *Keshighat* e no Templo de Yamuna (*Yamuna Mandir*).

Figura 15: Acharya Siddhartha Shukla explicando sobre a tradição a um grupo de turistas da Bengala



Fonte: a autora, março de 2019

Os Acharyas da família Shukla com os quais tive mais contato foram o Acharya Rahul Shukla, Acharya Siddhartha Shukla e Acharya Bhuvnesh Shukla, todos sendo considerados pela comunidade autoridades espirituais e condutores das cerimônias tradicionais. No complexo do *Keshighat* há muitos templos, mas o principal é chamado *Yamuna Mandir*, templo que abriga a deidade de Yamuna Devi, manifestação do rio sagrado que banha o local como mostrado na Figura 16.

É interessante reparar a importância que a comunidade Hindu confere a manifestações físicas, como pedras, estátuas, água do rio de fenômenos espirituais imateriais. Parece que, ao mesmo tempo em que se lida com a transcendência e com o impalpável, há uma necessidade ou reconhecimento de que o etéreo se manifesta no material, ponto importante para a discussão sobre a percepção dos indianos na questão do sagrado nos livros físicos e digitais.

Figura 16: Acharya Siddhartha Shukla no templo de Yamuna



Fonte: a autora, outubro de 2019

Sendo assim, o olhar sobre a tradição no local e como os nativos se relacionam com seus livros sagrados foi de forma profunda, já que se pôde observar o comportamento da família não apenas como eles exteriorizam aos seus discípulos e aos devotos *Vaishnavas* que os procuram em busca de aconselhamento e orientação religiosa, mas também como se comportam dentro da própria casa entre eles, quando não estão atuando em seus papéis na sociedade e quando nenhum olhar de fora debruça sobre si.

A rotina diária na casa dos brâmanes varia de acordo com o compromisso que cada um assumiu. No caso do Acharya Siddhartha Shukla, que no período de outubro e novembro assumiu a cerimônia das 6h da manhã no Templo de Yamuna, era o primeiro a acordar e logo saía para cumprir suas funções. Já seu irmão mais velho, o



Acharya Rahul Shukla, após banhar-se e entoar os mantras, iniciava sua rotina em casa cuidando do altar localizado em um cômodo específico da casa. As construções na Índia, em geral, já têm um local específico onde será instalado o altar da família, como era o caso das duas casas onde realizei a observação.

Figura 17: Acharya Rahul Shukla realizando a cerimônia em sua residência



Fonte: a autora, outubro de 2019

A rotina começa com a higiene pessoal que consiste no banho e no canto de mantras individuais, e só então se inicia o cuidado com o altar. Com as deidades, o *Pujari* (aquele que realiza cerimônia), limpa cada uma delas, aplica pasta de sândalo e acende lamparinas de fogo feitas de algodão e óleo, além de oferecer incensos, alimentos e perfumes. Após completar o ritual, dá-se início à leitura de uma escritura sagrada, podendo variar de acordo com o dia ou com o que se deseja estudar. Para isso, uma nova purificação é feita com o canto de outros mantras e da água sagrada,

no caso deles, sempre usando água do Rio Yamuna, para então dar início à leitura da obra que permanece guardada em uma estante quando não está sendo lida.

Já na casa do Acharya Bhuvnesh Shukla, que localiza-se ao lado, a rotina é um pouco diferente. Após acordar cedo, tomar banho e purificar-se com os mantras e com água sagrada do Rio Yamuna, o sacerdote inicia a entoação de uma série de mantras e reverências, deixando os cuidados específicos do altar e das deidades com sua mãe que exerce esta função na casa.

Como sua rotina é longa, as tarefas são distribuídas entre os membros da família e ele concentra-se apenas no cântico dos mantras e, em seguida, na leitura do *Srimad Bhagavatam*. Pode-se observar que o cuidado com os livros sagrados é o mesmo em ambas as casas e, ao visitar outras famílias e templos, nota-se que o comportamento se repete na comunidade. A impressão é que o manejo com os livros e a forma de leitura segue uma orientação muito naturalizada pelos seus leitores, e que qualquer outra forma diferente do já praticado seria visto como algo estranho e, quem sabe, desrespeitoso.

Durante a leitura, o livro é sempre apoiado em um suporte de madeira e então é cuidadosamente removido o tecido que o embrulha. Ao ser perguntado sobre a necessidade de cobrir os livros, a resposta foi que tal ato mostra o respeito e afeto não apenas com o objeto de papel, mas com o próprio Deus, já que o livro é a própria manifestação divina. A leitura então prossegue e o mesmo trecho ou capítulo é repetido diversas vezes de acordo com o objetivo da leitura ou do momento do ano, pois que alguns meses que são considerados pela tradição mais auspiciosos, exigem uma maior dedicação na leitura para que se obtenham as bênçãos.

Ao se concluir a recitação, presta-se reverência ao livro e este é novamente embrulhado no tecido e amarrado com uma corda. O livro, então é tocado na testa como forma de respeito e agradecimento e colocado de volta no local onde é armazenado, no caso da casa do Acharya Bhuvnesh Shukla, em seu altar, ao lado direito da deidade principal e também abaixo, apoiado em uma mesa de madeira como mostra a Figura 18.

Figura 18: Acharya Bhuvnesh Shukla cuidando do altar e os livros sagrados na direita, embrulhados por um tecido



Fonte: A autora, novembro de 2019.

Além dos livros que ficam nos altares, em ambas as casas há uma biblioteca para outro tipo de literatura sagrada, mas que não é usada diariamente na recitação durante o ritual. Composta de livros de estudos filosóficos, história da tradição e outros temas, também são considerados sagrados por eles por fazerem parte da tradição védica, embora não sejam *shastras*, ou escrituras reveladas.

Estes livros também ganham um local especial na casa, sendo acomodados em prateleiras ou estantes. A diferença percebida é que, embora eles afirmem que não há diferença, e que também são sagrados, não se observa o mesmo ritual completo de entoação de mantras ou as purificações com água sagrada antes de manipulá-los. Lavar as mãos é o suficiente antes de abrir um desses livros e começar os estudos, embora afirmem que o ideal seria fazer o ritual completo, o que nem sempre é feito.

O que se observa é que, pelo fato dos outros livros estarem dentro do altar e participarem do ritual diário como objetos de adoração e reverência, talvez a percepção de sagrado, ainda que de forma inconsciente, seja mais forte em se comparando com os outros materiais de consulta e estudos que ficam nos quartos, em suas estantes.

Os estudos destas obras que não estão nos altares são feitos em geral à noite, antes de dormir, pois é um momento de mais tranquilidade em casa, menos movimento, e silêncio, favorecendo o aprendizado. Além disso, segundo o Acharya Bhuvnesh Shukla, ler este tipo de literatura à noite garante uma melhor qualidade de sono, preparando a mente para recomeçar a rotina no dia seguinte.

Em Vrindavana há muitas livrarias e basicamente só se encontram livros sagrados, de História da Índia, ciências védicas como Astrologia, *Ayurveda* e Matemática e de ensino de idiomas como o Sânscrito, o Hindi e o Bengali. Foram realizadas várias visitas a uma das principais livrarias e editoras de Vrindavana localizada no *Loi Bazar*, o centro comercial da cidade, a *Ras Bihari Lal & Sons*, ou RBL&S.

Figura 19: Livraria e editora Ras Bihari Lal & Sons em Vrindavana



Fonte: a autora, novembro de 2019

Como mostra a Figura 19, a livraria de três andares tem sessões pouco definidas, sendo difícil encontrar os livros desejados, principalmente quando há uma

camada de livros na frente e outros diferentes atrás, embora seus vendedores os busquem rapidamente dentro de sua lógica de organização. O aspecto caótico da livraria se contrapõe com a ideia de que grande parte de seu acervo é de livros sagrados que, num futuro, muitos deles serão colocados em um altar, cobertos com um tecido e tratados com respeito e devoção.

A visita foi feita na companhia do Acharya Bhuvnesh Shukla que escolheu os livros que deveriam ser adquiridos para uma compreensão melhor sobre a tradição, inclusive para servir de material de referência para esta pesquisa.

Além disso, um fato importante a ser registrado é que ao encontrar livros de uma outra editora, o sacerdote informou que estes eram confiáveis e que poderiam ser comprados sem receio, já que tal editora era a mais confiável da Índia por não alterar suas obras e por prezar pela neutralidade e imparcialidade das traduções. Ao chegar em casa, alguns dos livros adquiridos foram selecionados por eles e levados para o altar e, na cerimônia seguinte, foi realizado um ritual em sua dedicação, muito parecido com um batismo.

Quanto ao *Garga Samhita* recém-adquirido, foi instruído que deveria ser guardado sempre com um tecido o cobrindo e que jamais deveria ser colocado no chão. Um suporte de madeira ou almofada seria necessário durante sua leitura, e que deveria ser evitado leva-lo de um lugar para o outro como se fosse um livro comum. Foi instruído também que, antes de realizar a leitura diária, seria necessário lavar as mãos e prestar reverências, pois este livro, apesar de muito parecido com os outros, não era apenas um conjunto de papeis impressos, mas o próprio Deus manifesto em suas páginas.

Outro local visitado durante a estadia, foi o templo antigo da tradição *Gaudiya* onde o monge missionário *Swami Prabhupada* permaneceu e escreveu a primeira tradução da *Bhagavad-Gita* para o Inglês. Em seu antigo quarto, hoje aberto para visitaçã, mantém-se os móveis inalterados da mesma forma como eram durante sua vida e, tamanha é a importância desta obra na difusão da tradição védica no ocidente, que se fez necessário criar-se uma estátua do monge representando o período em que foi realizada esta tradução. Sua estátua debruçada sobre papeis enquanto escreve um texto, como mostra a Figura 20, é uma das mais famosas representações de *Swami Prabhupada*, devido à sua reconhecida relevância na difusão da literatura védica para o ocidente, sendo ele, até hoje, uma referência para estudantes iniciantes no Brasil e no mundo.

A importância do livro é tamanha que, uma das instruções deixadas por *Swami Prabhupada* a seus discípulos foi de que, após a sua morte, continuaria exercendo sua função de mestre espiritual, instruindo-lhes através de seus livros. E assim, nota-se que, para a comunidade *Vaishnava*, o significado e importância de um livro transcende o objeto e a ideia de um simples armazenamento do conhecimento, mas também como a representação dos ensinamentos não apenas dos sábios que os compuseram, mas da palavra do próprio Deus.

Figura 20: Representação de *Swami Prabhupada* traduzindo a *Bhagavad-Gita* para o inglês



Fonte: A autora, março de 2019

### 4.3 Entrevistas no Brasil

As entrevistas realizadas no Brasil somam-se em sete e uma delas foi realizada através da internet devido à incompatibilidade de horário para o encontro presencial (Entrevistada 7) e as outras seis foram realizadas presencialmente no templo *Sri Gauravani Gaudiya Matha*, localizado no bairro do Alto da Boa Vista no Rio de Janeiro durante o ano de 2019. As questões apresentadas aos entrevistados englobam temas como a importância dos livros sagrados, da língua sânscrita, hábitos de leitura no livro

impresso e no digital, preferência de suporte, biblioteca pessoal entre outras. O questionário original encontra-se na parte em anexo deste trabalho.

A seguir, será apresentado um breve resumo sobre cada um dos entrevistados e as principais falas sobre as questões abordadas e que tenham pertinência à pesquisa. Todas as entrevistas foram registradas em áudio e posteriormente transcritas. As reflexões sobre os resultados obtidos serão apresentadas mais adiante.

O critério para a seleção dos entrevistados foi: ser frequentador do templo ou membro da comunidade *Vaishnava* (ter iniciação formal na tradição) e leitor das obras sagradas da tradição. A escolha foi realizada tentando equilibrar moradores do templo e frequentadores, iniciados e não-iniciados. Por motivo de privacidade, os nomes dos entrevistados estão preservados, como acordado antes de iniciar a gravação, fato que não altera os resultados obtidos por se tratar de um dado não relevante para as entrevistas. A seguir, as principais falas dos entrevistados:

#### 4.3.1 Entrevistado 1

A Entrevistada 1 é do sexo feminino, tem 27 anos, mestranda em psicologia clínica na PUC e judia de nascimento. Frequenta o templo desde 2016, mas estuda a filosofia védica desde 2009, pois é professora de Yoga, o que a fez se identificar com a tradição Hinduísta *Vaishnava*.

Apesar de sua família ter como origem outra religião, a entrevistada tem identificação por *Krishna* como um avatar de Deus e atualmente recebe instruções diretamente da Índia por seu mestre espiritual. Quando questionada sobre com que religião se identifica, afirmou que se vê como judia, mas que é ligada à tradição Hinduísta e associada à espiritualidade indiana. Acrescenta que pensa ser provável num futuro se considerar pertencente à comunidade Hinduísta.

Para ela, o que faz um livro ser considerado sagrado é seu conteúdo e a importância no desenvolvimento espiritual do ser humano. Diferentes tradições consideram diferentes livros como sagrados, e afirma que, ao se deparar com um livro religioso de outra tradição, ainda que não tenha relevância espiritual para ela, maneja com respeito por ser importante pra outras pessoas.

A entrevistada diz que considera a *Bhagavad-Gita* como a obra mais relevante para a tradição *Vaishnava* e que é seu preferido, já que apresenta pensamentos e

ensinamentos de forma clara e organizada, além de ser a palavra que vem direto de *Krishna* (Deus). É um livro simples e que não abre muito espaço para fantasias e especulações, embora tenha suas interpretações de acordo com cada escola em que é ensinado. Revela ainda que foi o primeiro livro que leu sobre Hinduísmo, realizando a leitura em único dia e que chorou de emoção, sendo então uma obra que marcou a vida. Completa, ainda que, se existe alguma dúvida espiritual, com toda certeza em alguma parte da *Bhagavad-Gita*, *Krishna* dá algum ensinamento chave para a resolução do problema.

Em suas duas casas (no Rio de Janeiro e em Petrópolis) há um altar em seu quarto com incensos, deidades, sino e parafernália pra fazer cerimônia (arati). Tem também vários livros sagrados, como a *Bhagavad-Gita*, a Torá, o Alcorão, a Bíblia, Salmos, Sri Isopanishad (literatura védica) entre outros, mas não os deixa separados dos livros comuns, eles ficam na mesma prateleira.

A entrevistada revela um episódio em sua vida em que certa vez foi chamada a atenção por um rabino quando morou em Jerusalém por ter deixado um livro virado de cabeça pra baixo e isso a marcou negativamente, pois percebeu que a bronca por causa de um livro atrapalhou a sua ligação com Deus naquele momento, tornando-o distante e inacessível, ao invés de aproximá-lo. A partir daí passou a ver o livro como algo físico apenas, embora mantenha o respeito e o cuidado para não cometer ofensas, principalmente em se tratando de outras pessoas, já que o respeito pela fé alheia é fundamental.

Sobre seu hábito de leitura, conta, acerca do episódio em Jerusalém, que a partir de então, quanto mais lia a Torá em casa, menos se preocupava com a forma como lia. Para ela, o livro é feito para ser lido, usado, e que a palavra escrita é importante, porém o conhecimento contido no livro transcende a escrita.

Sobre livros escritos por *Gurus*, mestres e personalidades importantes na religião acredita não serem sagrados. A entrevistada os coloca na caixa mental de "conteúdo espiritual" apenas, não tendo o mesmo grau de relevância dos livros sagrados revelados por Deus, os considerando apenas comentários do corpus sagrado. Sobre hábito de consumo, tem costume de comprar as edições físicas, pois gosta de ter o livro em suas mãos e afirma que só de olhar a *Bhagavad-Gita* que fica na prateleira atrás da sua cama, já sente um bem-estar e fica contente por lembrar que a leitura foi prazerosa e que é um livro ao qual pode recorrer em seus momentos de aflição.



Acha que o acesso a esses livros no Brasil é difícil, embora os principais, como a *Bhagavad-Gita* seja mais fácil por causa das missões de traduções. Já outros não têm em português, tendo que serem lidos nas traduções disponíveis em inglês, geralmente em formato digital. Para ela, o fato de ler em inglês não tem problema, mas acredita que para algumas pessoas que não entendem o inglês isso se configure como um obstáculo.

O Sânscrito, em sua visão, é uma língua sagrada e tem um poder místico. Já aprendeu alguns mantras memorizados, mas tem noção de que sem dúvidas pronuncia errado, sendo um grande problema, pois a língua deve ser pronunciada corretamente, sem erros, pois a magia está na pronúncia. Pretende estudar com mais profundidade num futuro próximo pra aprender a pronunciar com a seriedade que a língua sânscrita merece.

Apesar de considerar os livros escritos em sânscrito mais sagrados, prefere fazer a leitura de obras com traduções fidedignas. Lembra que o hebraico também tem a mesma questão e os livros do judaísmo vêm com os versos no original, a transliteração e a tradução, mas acha que há muita perda quando chega ao português, podendo trazer problemas na prática espiritual, na própria crença.

Para a entrevistada, livro só com o texto traduzido em português não perderia o status de sagrado pois na tradução está a intenção de preservar o sagrado, isso se forem tradutores fidedignos. No entanto, sempre opta por traduções mais completas pois gosta de averiguar o vocabulário quando alguma parte não ficou muito clara.

A entrevistada afirma ter muito cuidado quando lê seus livros sagrados na rua, mudando o seu comportamento, não pela obra em si, mas pelo medo da segregação e do preconceito, do julgamento dos outros. Como hábito, procura esconder as capas, usar algo para evitar olhares questionadores ou até mesmo estranhos fazendo perguntas, pois é muito reservada em relação à sua crença.

Não gosta de emprestar seus livros sagrados e relata que ao emprestar uma vez a *Bhagavad-Gita* à sua irmã, que estava passando por um momento difícil, sentiu que o carinho e afeto que ela tinha pela obra não é o mesmo no caso de um livro de literatura ou outro qualquer, provavelmente devido ao seu vínculo com a obra, narrado anteriormente.

Sobre sua prática de leitura diária, afirma estudar com mais seriedade em casa depois que faz as tarefas do dia para poder se dedicar completamente sem preocupações. Dependendo da intenção, pode considerar uma simples leitura ou um

estudo, varia de acordo com a intensidade da leitura. Afirma também que não tem nenhum ritual antes da leitura, apenas lê.

A entrevistada costuma marcar, interagir com o livro físico e fazer anotações, mas jamais dobra página. Sobre as obras, costuma ler bastante livros digitais, mas também os livros sagrados no *Kindle* pela pouca disponibilidade desses livros no Brasil. Encontra mais no formato digital e tem o costume de baixar em PDF e mandar pro *Kindle*, como o *Garga Samhita*, livro que só encontrou uma única versão digital traduzida para o inglês. A maioria tem tradução do Sânscrito para o Hindi e acha que tem poucos livros de Hinduísmo em português para vender.

Em relação à sua biblioteca, tem mais livros impressos que digitais, mas percebe que este quadro vai mudar, pois ultimamente tem feito muitos downloads de livros digitais conforme o interesse vem aumentando nessas leituras nos últimos anos.

Para ela, há diferença sim entre o livro sagrado impresso e o digital, mas confessa que acha contraditória esta forma de pensamento, já que em sua mente, o que importa é o conteúdo. No entanto, apesar do conteúdo ser o mais importante, pensa que tudo que é digital é mais volátil, e cita que "tudo que é sólido se desmancha no ar", mas reflete que este pensamento não é racional. Chega à conclusão de que talvez, pela facilidade de adquirir o digital, este acabe se banalizando.

Em sua prática de leitura, separa os momentos da leitura digital e do físico. Para ela, ler digital é menos ritualizado, mais simples, pois é muito fácil ligar o *Kindle* e ler qualquer coisa que estiver ali, e conta que gosta de fechar metas de "ler só mais 5% ou mais 10%". No entanto, com livro físico não tem essa relação, pois acha que é um momento mais íntimo.

Sobre a difusão desses textos atualmente, acha que é importante sermos aos brâmanes por preservarem o conhecimento até os dias atuais, mas que é importante no mundo de hoje, globalizado, com a informação tão acessível, ter tais obras disponibilizadas para qualquer pessoa que queira ler o texto original na sua íntegra.

No entanto, acha que os comentários destes textos têm que ser bem claros de que se trata de uma das diversas interpretações, para que os leitores não achem que aquela é a verdade absoluta, já que uma das características da tradição védica são as várias formas de pensar sobre um mesmo objeto, as diferentes visões. É importante que, ao ter a obra publicada em português, que seja deixado o texto original em sânscrito, a tradução e o comentário, mostrando com clareza a qual linha de pensamento influenciou aquela explicação. É bom que as pessoas no Brasil

saibam que existem várias escolas e que apenas uma está presente aqui de forma institucionalizada.

A disponibilidade e difusão destas obras pela internet a anima muito, pois desta forma os leitores podem conhecer outras tradições, mudar de religião, transitar entre diferentes fés e se encontrar espiritualmente, citando a própria como um exemplo: nascida judia e hoje transitando para outros saberes e se sentindo muito beneficiada.

#### 4.3.2 Entrevistado 2

O Entrevistado 2 é do sexo masculino, tem 57 anos e cursa a graduação em história na UERJ. Considera o *Vaishnavismo* não como uma religião, mas como uma filosofia de vida. *Vaishnava* há 25 anos, afirma que quando alguém pergunta qual sua religião, diz apenas que é um devoto de *Krishna*. Não se considera Hindu apesar de saber que a prática pertence ao Hinduísmo, e que às vezes para uma pessoa leiga diz ser Hindu para que o outro compreenda melhor.

Para o entrevistado, os livros védicos são considerados sagrados por terem sua origem em uma tradição milenar de sucessão discipular, o que é chamado *Guru-Parampara*, ou seja, de mestre para discípulo. Todas as escrituras paralelas que não sejam védicas e que foram escritas por mestres espirituais versados nas escrituras são consideradas também sagradas, pois quando um mestre tem esse conhecimento, sua produção também é sacra.

Para o entrevistado, todos os livros da tradição são importantes, não havendo uma hierarquia. Comenta que a *Bhagavad-Gita*, no caso, é um livro introduzido na humanidade sendo o único no planeta ditado pelo próprio Deus. Comenta que outros livros podem ser mais detalhados e mais avançados na transmissão do conhecimento, como o *Srimad Bhagavatam*, mas que gosta de ouvir as escrituras sagradas através dos mestres realizados ao invés de ler sozinho. Comenta que seu mestre ensinou que se tiver que fazer a leitura de um único livro, que este deve ser o *Jaiva Dharma*, ou seja, a “atividade da alma”, contendo em seu conteúdo as instruções para a realização da alma, e por este motivo o escolheria como livro de cabeceira por ser a recomendação do seu mestre espiritual.

Sobre biblioteca pessoal, comenta que já chegou a ter a maioria dos livros de sua tradição que foram traduzidos pro português, mas que, no entanto, devido a uma

mudança de residência, teve que se desfazer deles. Atualmente tem em sua residência a *Bhagavad-Gita*, que é o livro básico, o *Srimad Bhagavatam*, que considera como um superior, ou até mesmo uma pós-graduação em termos filosóficos.

Seus livros são guardados em um lugar reservado, especial. Como cursa graduação em História, em sua casa há muitos livros, mas que considera os de sua tradição especiais, os guardando com mais carinho. Considera que esses livros são sagrados não apenas por mencionar tópicos espirituais elevados, mas porque o próprio Deus os entregou à humanidade. Significa que ali, naqueles textos e obras, Deus se manifesta em forma de palavras. É a manifestação de Deus no planeta Terra, não sendo o livro algo diferente de Deus.

Sobre os diferentes tipos de produção, afirma não haver diferença entre os livros trazidos por Deus e escritos pelo mestre espiritual, devido ao princípio do *Guru*. Segundo ele, todas as escrituras consideradas sagradas introduzidas na Terra, têm a essência de *Nityananda*, que representa o primeiro *Guru*, a expansão primária do próprio Deus original. Todos os mestres dentro da sucessão discipular representam esse mesmo mestre, não estando o *Guru* na pessoa, mas sim na representação.

O entrevistado afirma que o Sânscrito é uma língua sagrada porque foi a língua escolhida como manifestação da palavra de Deus, compilado posteriormente por Vyasa Deva na escrita *Devanagari*, a escrita dos deuses. Em uma situação em que há um verso em sânscrito e outro traduzido, considera o verso sânscrito mais sagrado pois não existem, em outros idiomas, palavras suficientes para traduzir com perfeição o vocabulário em sânscrito, uma das mais ricas línguas do mundo. Em outros idiomas deve ser feito um esforço apenas para se aproximar do sentido original.

Dentro das instituições religiosas, posturas e comportamentos específicos são mencionados. Sentar-se com as solas dos pés apontadas para o altar, por exemplo, é configurado como uma ofensa. Se ocorre sem a pessoa perceber, não significa que haverá uma punição, mas muitos comportamentos são desaconselhados. Afirma que há processos védicos para anular determinadas ofensas cometidas, como entoação de mantras específicos. Já em relação aos livros, o templo é um local sagrado e a instrução védica é a de não colocar os livros diretamente no chão. No entanto, reflete, o templo sendo um local sagrado, por que não se pode colocar um livro sagrado no chão que também o é?

O entrevistado confessa ter dúvidas se algumas orientações recebidas nos templos são de origem da tradição na Índia ou se são apenas direcionadas aos ocidentais, que não consideram a própria casa como local sagrado, já que a maioria não tira os sapatos quando chega da rua. Neste caso, ao se fazer a leitura em casa jamais se deveria colocar o livro sagrado no chão, pois isso configuraria uma ofensa grave por causa da sujeira e também por não ser um ambiente sagrado como o templo.

Quanto aos livros impressos, não tem preferência de leitura, pois prefere ouvir alguém lendo ou falando sobre, mas que também lê em casa. Quando lê, não considera nem leitura e nem estudo, mas uma revelação divina. Ensina que antes de pegar nos livros, é recomendado que se lave as mãos por ser um livro sagrado. No entanto, em casa normalmente já tem o hábito de manter a higiene lavando as mãos sempre, então não acha necessário. Comenta ainda que não tem um ritual específico antes da leitura, como entoar mantras, mas que no templo é de praxe realizar as reverências antes da leitura.

Sobre interação com os livros, afirma jamais interagir usando caneta, marca-texto ou anotar em um livro sagrado. O entrevistado narrou uma história tradicional na qual certa vez, um devoto discordou com um verso de um livro védico em que *Krishna* dizia que todos os seus discípulos eram prósperos. Como ele era muito pobre, riscou esse verso o rejeitando, com raiva, e neste momento o próprio Deus se manifestou em sua frente provendo tudo o que lhe faltava. Sobre esta história, afirma que interagir com o livro é como modifica-lo, como riscar no próprio Deus e que suas anotações sempre são feitas em um caderno.

Sobre o conteúdo digital, afirma ter a *Bhagavad-Gita* no smartphone, mas tem também outras obras no computador. Prefere ler o impresso por manter na cabeceira, facilitando o início da leitura e o fazendo lembrar sempre de ler, por estar em um local visível. Para ele, não é o livro em si que é sagrado, mas o seu conteúdo. Tanto faz ser digital, papel ou papiro, desde que reproduza fielmente o conteúdo produzido há milênios. Comenta ainda que não é o papel que é sagrado e que o suporte se torna sagrado quando tem o conteúdo sagrado. Questionado se um celular se torna sagrado se tiver um livro nele, respondeu que sim, mas só no momento da leitura. Não colocaria o celular no chão, por exemplo, se estivesse com o arquivo do livro aberto lendo no momento.

Sobre a disponibilidade na internet, comenta que é muito bom ter livros digitais para fazer o download, pois mais pessoas podem acessar esse conhecimento. Sabe que muitos assuntos filosóficos são profundos e mais confidenciais, e que talvez este tipo de conteúdo ainda não esteja no formato digital, mas que não pode afirmar. Quanto à este conteúdo, não adiantaria estar no digital ou no formato impresso em diferentes línguas, pois são tópicos mais ocultos e secretos que dependem de um mestre para guiar na perfeita compreensão.

O entrevistado pensa ser benéfico que tudo seja disponibilizado para a humanidade, pois uma pessoa que encontra uma informação que é confidencial, só vai encontrar se estiver em um nível de compreensão sobre o que está procurando. O leitor pode não entender o real significado daquela obra, mas que o próprio conteúdo se autoprotege. Na própria Bhakti Yoga há tópicos muito elevados dos quais as primeiras instituições que chegaram no ocidente, como a ISKCON, não falavam sobre. Comenta que Swami *Prabhupada* trouxe com a ISKCON um conhecimento mais básico sem revelar os tópicos mais profundos por considerar que o público ocidental não tinha preparação espiritual e que determinadas obras poderiam ser mal interpretadas. Finaliza a entrevista alertando que, não é através da leitura que se pode desfrutar e experimentar a verdadeira devoção, mas sim através da entoação dos mantras sagrados, pois nenhum conhecimento obtido através de um livro é capaz de provocar a experiência espiritual.

#### 4.3.3 Entrevistado 3

O Entrevistado 3 é do sexo masculino, tem 24 anos e instrução de nível médio. Coursou Metalurgia e trabalha no templo. Pertence ao *Gaudiya Vaishnavismo* há 5 anos e vem de uma família cristã. Conta que desde pequeno sempre foi muito questionador e que sempre buscou sua própria religião, se encontrando no *Vaishnavismo*.

Sua função no templo é o de administrador, organizando todo o trabalho devocional. Quando perguntado sobre como se refere em relação à religião, diz ser pertencente à comunidade *Hare Krishna*, mas não se considera Hindu.

Sobre os livros sagrados, afirma que o que faz um livro ser sagrado é o fato de não terem sido escritos por pessoas comuns, pois vêm desde Deus, *Krishna*, até os

dias atuais através da tradição da sucessão discipular, não tendo sofrido alterações desde então.

Segundo seu mestre espiritual, o *Srimad Bhagavatam* é o livro mais importante da tradição, apesar de ter mais afeição pelo *Caitanya Caritamrita*, que narra a vida de *Caitanya Mahaprabhu*. Em seu quarto, não tem um espaço sagrado reservado, já que mora no templo e considera toda a parte do altar e das deidades como sendo sua própria casa. Comenta ter algumas imagens devocionais em quarto, mas nada especial. Sobre a biblioteca pessoal, tem alguns livros próprios que adquiriu, mas faz bastante uso dos livros disponíveis no templo. Não muito frequentemente pega algum livro emprestado com seus amigos, como na época em que fez a leitura do *Caitanya Caritamrita*.

Sobre os livros que tem em seu quarto, os guarda no armário e tem alguns cuidados com eles: não os coloca no chão e nem na cama, não passa os pés por cima, usa um pano sob o livro no momento da leitura, não coloca sobre as suas roupas sujas e, quando no momento da leitura usa uma mesa em que outras pessoas comem, cobre a mesa pra não entrar em contato diretamente. Explica que o livro sagrado é a própria manifestação de Deus e que tem muito respeito por ele.

Para o entrevistado, os livros escritos pelo mestre espiritual também são sagrados, da mesma forma que os védicos. Comenta que há bastante disponibilidade de títulos em português, apesar de ainda faltarem muitos a serem traduzidos. Aliás, algumas obras até o momento presente ainda nem saíram do Hindi ou Bengali. No entanto, se observarmos o trabalho que os devotos brasileiros já fizeram em relação às traduções, percebe-se que já é o suficiente para se ler em uma única vida fazendo um estudo bastante aprofundado. Apesar disso, particularmente sente falta de alguns títulos até mesmo em inglês, cujos tópicos são mais profundos e que só têm edições em Hindi ou Bengali.

Para ele, o sânscrito é uma língua sagrada. Afirma que mesmo não sabendo o significado, ao se entoar um verso em sânscrito, seu som já tem potência espiritual. Sobre a língua, já estudou um pouco e sabe algumas palavras e que, quando escuta algum verso consegue identificar superficialmente sobre qual assunto o verso citado se refere.

Sempre prefere ler os livros que têm o sânscrito junto à tradução por causa da potência e pela referência que pode ser feita citando o verso posteriormente. Quanto à sua rotina morando no templo, ao acordar toma um banho por causa das cerimônias,

mas faria o mesmo antes de pegar um livro sagrado. Lavar as mãos também é importante no caso de não ser possível tomar um banho. Quanto aos livros comuns, não se importa em deixá-los no chão, mas essa prática jamais seria feita com um livro sagrado. Comenta que caso um livro caia no chão, pede perdão ao livro como se estivesse falando com o próprio Deus.

O entrevistado lê quando tem um espaço de tempo, não tem uma rotina fixa de estudos e leituras. Afirma que em se tratando da literatura védica nunca considera uma leitura simples, sempre vê como um estudo aprofundado, uma leitura intensiva. Sobre interações com o livro impresso, prefere os deixar intactos, mantendo um caderno apenas para as anotações, jamais escrevendo no próprio livro ou fazendo outros tipos de marcações.

Quanto aos livros sagrados no formato digital, conta que já leu alguns livros, principalmente o *Caitanya Caritamrita* que é um volume grande, como foi o caso de uma viagem na qual o colocou no *Kindle* pra não carregar o peso do livro físico. Sua preferência de leitura é pelo livro físico, mas de acordo com as circunstâncias lê sem problemas no formato digital. Considera o livro digital também como sagrado, pois em sua opinião, não é o papel que o faz sagrado, mas sim o seu conteúdo. Se está no celular, folha de palmeira ou papel, não importa, todos são sagrados da mesma maneira sem distinção.

O entrevistado tem o costume de prestar reverências (*Pranama*) ao seu mestre espiritual antes de pegar qualquer livro sagrado pra iniciar a leitura, para que tenha as bênçãos e a possibilidade de ler e compreender, sendo a leitura no celular ou no livro físico.

Em seu ver, quanto mais se espalharem os textos da literatura védica pela internet, melhor, pois o conteúdo que está ali não é um texto mundano. Se chegou em qualquer pessoa, de alguma forma é uma misericórdia, não importando se está em livro físico ou digital. Mesmo que o novo leitor não compreenda corretamente e absorva os ensinamentos de forma um pouco distorcida, de alguma forma o texto irá tocá-la nesse primeiro contato. O importante é saberem que esta tradição védica existe e que é composta de uma coleção imensa de livros sagrados milenares, uma das mais antigas literaturas sagradas do mundo.

#### 4.3.4 Entrevistado 4



O Entrevistado 4 é do sexo masculino, tem 30 anos, estudante da graduação de Gastronomia da UFRJ e é devoto *Vaishnava* desde 2010. Para ele, religião ou tradição são apenas termos, então não faz diferença. Ao chegar no templo, aos seus 19 anos, identificou-se com a cozinha e, ali, começou a fazer seu serviço devocional, o que o guiou a seguir a carreira profissional atual.

Quando perguntado sobre qual sua religião, para ser didático, responde que é um *Hare Krishna*, mesmo sabendo que não é o correto, já que o certo seria responder *Gaudiya Vaishnava*. Explica que *Hare Krishna* é um termo mais popular e o usa para que as pessoas entendam seu pensamento religioso. Não se considera Hindu pois acha que é um termo com muitos estigmas e preconceitos.

Lembra que pro movimento *Vaishnava* houve o antes e o depois da novela “Caminhos das Índias”, apresentado pela Globo, mas de forma muito distorcida. Comenta que a partir dessa novela, as pessoas passaram a compreender melhor o Hinduísmo, a aceitá-lo, mas com muitos erros, já que não foi representado de forma fidedigna, mas sim caricata, o que por um lado é positivo pela divulgação mas por outro é negativo por não ser transmitida a tradição como ela realmente é.

Para o entrevistado, o que faz um livro ser sagrado é o fato dele ser aconselhado pelo mestre espiritual. Acredita que sendo ocidental, seja mas difícil enxergar um livro como sagrado por causa da cultura. A situação ideal, segundo ele, é que a obra seja indicada pelo mestre espiritual e com explicações dadas em seguida. Sendo assim, prefere fazer a leitura dos livros que tenham os versos em sânscrito seguidos das explicações do mestre.

Segundo ele, a tradição afirma que a *Bhagavad-Gita*, o *Srimad Bhagavatam* e o *Caitanya Caritamrita* são os livros mais importantes. A *Bhagavad-Gita* é por si só a obra mais popular e de fácil digestão, apesar do seu preferido ser O caminho do Amor, um livro pequeno, porém o primeiro que leu. Afirma que este livro é importante pois quando se dá o primeiro contato com a tradição védica, é tudo muito novo e confuso por se tratar de uma nova cultura. Gosta deste livro por ser objetivo, de fácil leitura e por esclarecer parcialmente a base do que é ser um *Vaishnava*, o que é servir à *Krishna*, qual a missão do homem na Terra e por responder a outros questionamentos.

O entrevistado tem uma biblioteca dividida em 3 partes: livros comuns, livros de culinária vegetariana e livros sagrados, sendo este último o de maior volume. Se considera um devorador de livros, mas que gostaria de ter mais tempo para dedicar-se às leituras. Com o passar dos anos, desfez-se de muitos livros considerados

mundanos e adquiriu mais livros devocionais. Para ele, todos os seus livros são especiais, mas há um local em sua casa reservado apenas aos livros sagrados pelo fato de estarem presentes em maior quantidade.

Em sua opinião, tanto os livros escritos pelo mestre espiritual quanto a literatura védica têm o mesmo peso, não havendo diferença entre eles. Os considera importantes da mesma forma, observando que apenas a didática muda por causa do tempo e do público-alvo diferente. Afirma que é muito mais fácil ler livros de um mestre espiritual contemporâneo, pois, além da linguagem ser mais clara, também é como um filtro, explicando os tópicos relevantes de forma mais didática.

O entrevistado tem o hábito de comprar livros, mas também pega muitos emprestados no templo ou com amigos. Acredita que nos *Vedas* há assunto sobre todos os tópicos da humanidade e para todos os estágios de vida. Sendo assim, quando se procura conselhos, certamente as respostas encontram-se nos *Vedas*, e que havendo alguém qualificado pra indicar um livro adequado em cada situação é fundamental.

Sobre o idioma, o entrevistado não fala inglês e depende dos livros traduzidos para o português. Conta que quando conheceu a tradição, em 2010, o acesso aos livros em português era muito mais difícil, porém, atualmente há em maior quantidade. Comenta que a internet ajudou bastante a comunidade que, através da comunicação nas plataformas digitais, tornou-se possível a realização de traduções e revisões dos principais textos para o português, pois sempre havia um grupo de voluntários disponíveis pra traduzir as obras do inglês e publicar.

Sobre a língua sânscrita, acredita ser a ideal para manter-se como suporte do conhecimento védico pois, sendo uma língua morta não há mais a alteração do significado no decorrer do tempo, diferentemente das línguas faladas que estão em constante modificação. Acha muito benéfico todo o cuidado dos brâmanes em se preservar os versos sendo entoados de forma fidedigna ao longo de tantos milênios. Sobre seu conhecimento, sabe entoar alguns mantras, mas não compreende muito o sânscrito. Em suas próprias palavras, afirma que decora os mantras, mesmo não sabendo exatamente o que significam.

Em sua opinião, os livros que têm o sânscrito são os melhores, pois o som da língua sagrada carrega em si a energia e o poder, além de que, quando se cita os textos, sempre é feita a citação dos versos em sânscrito e não as suas traduções, o que faz com que a informação seja validada.

Sua rotina de leitura se configura através da leitura diária, que segue um ritual. Lê de dez a vinte minutos, geralmente a *Bhagavad-Gita*. Afirmar que esta é uma forma de estar sempre conectado com o conhecimento, pois o seu dia é sempre muito atarefado e não tem como passar muito tempo se dedicando aos estudos védicos e, como o estudo é contínuo, prefere manter a constância e ler um pouco todos os dias.

Além disso, os *Vedas* têm um tipo de conhecimento muito pesado que causa um certo desconforto, um estranhamento, e que mexe com as certezas fazendo sair da zona de conforto. Sendo assim, é preciso digerir com calma e por isso gosta de ler em pequenas doses diárias. Para isso, faz um pequeno ritual para se preparar para a leitura tomando um banho antes dos estudos. Lembra ainda que lavar as mãos é imprescindível para se começar a ler um livro sagrado.

O entrevistado afirma que pequeno aprendeu que todos os livros são importantes, mas hoje sabe que os *Vedas* são a personificação das pessoas que os compuseram e do próprio Deus, *Krishna*. Apesar dessa visão espiritual em relação aos livros sagrados, cuida bem de todos os seus livros, independentemente se são religiosos ou não. Sobre a prática de leitura, não faz interações com os seus livros pois não gosta de danificá-lo e, para registros de trechos importantes, tem um caderno de anotações. Como os *Vedas* são a personificação de entidades espirituais e do próprio *Krishna*, acredita que escrever em um livro seria como rabiscar no próprio corpo de Deus.

Para o entrevistado, o livro digital apesar de ser uma facilidade, nunca vai substituir o livro impresso, já que são dois tipos de mídias totalmente diferentes. Costuma ter alguns livros digitais no smartphone, como o livro de canções do templo. Para uma consulta rápida, quando está no ônibus, abre o arquivo e lê onde quer que esteja, e comenta que participa também de um grupo dos devotos brasileiros no WhatsApp no qual diariamente são trocadas informações sobre a tradição, versos, áudios, aulas etc.

Segundo ele, os livros digitais também são sagrados pois são parte dos *Vedas*, não havendo diferença, já que o sagrado está no conteúdo dos livros e não no suporte. Sendo assim, não há diferença entre o livro físico e digital quanto à sacralidade, pois o conteúdo é o que importa. Ainda complementa contando que pela manhã gosta de ler os livros físicos, fazendo todo o ritual de purificação. Já no celular não há a necessidade de fazer o ritual.

Questionado sobre os livros disponibilizados em plataformas digitais, afirma que há dois vieses: por um lado, os próprios textos sagrados contam sobre seres demoníacos que eram versados nos *Vedas* com a finalidade de deturpá-lo. Por outro lado, acha maravilhoso ter todo este conteúdo disponível na internet para que todos possam ler, pois desta forma mais pessoas terão acesso à tradição védica e terão a oportunidade de aproximarem-se do *Vaishnavismo* com mais esclarecimento e, portanto, com menos preconceito.

#### 4.3.5 Entrevistado 5

A Entrevistada 5 é do sexo feminino, tem 20 anos, é moradora do templo há 4 meses e *Vaishnava* há dois anos e meio. Veio previamente da ISKCON e recebeu iniciação *Diksha* com o mestre espiritual *Vana Maharaj*. Atualmente trabalha nas atividades do templo.

Se alguém leigo pergunta qual a religião, fala que é *Hare Krishna*, e explica que é uma filosofia que fala sobre como amar todas as entidades vivas e como se relacionar com Deus. Não se considera Hindu. Segundo ela, “*Prabhupada* fala que não somos corpo, somos almas espirituais, então essa filosofia fala sobre a ciência da autorrealização, não Hinduísmo, pois somos ocidentais. O corpo é só a matéria”.

Em sua visão, um livro é considerado sagrado porque seu conteúdo tem milhares de anos e porque foram compostos e recitados por grandes santos, e no caso da *Gaudiya*, desde 1500 com *Caitanya Mahaprabhu*. Estas obras vêm de uma sucessão discipular desde *Suryadeva* até os dias atuais. Ao ser perguntada sobre o livro mais importante da tradição, afirma que seu mestre espiritual recomenda a *Bhagavad-Gita*, mas que ela não tem um livro preferido. Para ela, cada um destes livros têm um assunto específico, mas os que mais a atraem são os que narram os passatempos de *Krishna*.

Sobre coleção de livros, afirma não ter uma biblioteca, pois com a facilidade, lê mais os livros disponíveis no templo. No entanto, em seu quarto tem um altar, sobre o qual guarda alguns poucos livros. Afirma que os livros escritos pelos mestres espirituais também são sagrados pois, segundo a entrevistada, “o *Guru* é uma alma diferente, ele está no mundo espiritual e desce pra vir à terra para nos ensinar”.

Sobre a oferta de livros na língua portuguesa, conta que está começando a estudar inglês, mas acha que há bastante variedade de obras traduzidas para o

português. E, sobre as línguas, afirma que o som do sânscrito é sagrado. Já estudou algumas palavras, mas aprende mesmo com a repetição dos mantras diariamente.

Sobre o cuidado com os livros sagrados, conta que o livro em si é a manifestação de *Krishna*, de Deus, e tem que ver como se fosse o próprio. É importante cuidar, não podendo jogar no chão, tem que haver uma maneira delicada de manipular, e que antes de ler é recomendável estar limpo antes de começar a leitura.

Sobre os livros digitais, costuma fazer download no celular e também os considera sagrados, pois o conteúdo é o mesmo e é isso o que importa: o conteúdo. Em sua opinião, os livros sagrados devem ser abertos na internet para que todos tenham a oportunidade de ler, mesmo que o leitor não entenda ou até mesmo critique, pois é bom que a pessoa tenha o primeiro contato com a filosofia. Ainda completa que dependendo da pessoa que vai ler, pode ter a mente fechada e não ser tão receptiva, mas isso não configura um problema.

Em uma situação de escolha, afirma que em sua opinião, não há diferença alguma entre o livro sagrado digital e o impresso, mas que escolheria a versão em papel por ser mais confortável, e que não tem como prática interagir com o livro fazendo anotações ou marcações, prefere que o livro se mantenha como novo.

#### 4.3.6 Entrevistado 6

O Entrevistado 6 é do sexo masculino, 57 anos e trabalha com produtos indianos. Em sua opinião, no ocidente se separa muito as coisas, já na Índia, a filosofia e a religião andam de mãos dadas. Pertencente ao *Gaudiya Vaishnavismo* há 20 anos, atualmente toma conta da loja do templo e dá aulas de *Bhagavad-Gita* e outras escrituras semanalmente.

A um leigo que lhe pergunte sobre a qual religião pertence, o entrevistado busca explicar de maneira mais completa possível o que é o *Vaishnavismo*, já que esta tradição não é como as outras presentes no Brasil, de forma institucionalizada.

Em suas palavras, “o *Vaishnavismo* se refere à expressão do próprio eu, por isso é difícil de explicar de forma sintética”. Afirma também não gostar de usar o termo *Hare Krishna*, já que não é o nome correto, mas duas palavras que iniciam o mantra entoado diariamente. “É o mesmo que chamar um umbandista de macumbeiro”, afirma.

Tendo como mestre espiritual *Srila Narayana Maharaja*, não se considera Hindu, pois explica que Hinduísmo é um conceito novo nascido pelos invasores da Índia na região do rio *Sindhu*. Explica ainda que a partir deste momento, o povo que vivia lá passou a ser chamados de Hindus e o território como Hindustão. Hindu, portanto, virou sinônimo de indiano e não necessariamente da religião em si.

Sobre os livros sagrados, considera que o que faz um livro ser sagrado é este ser proferido por Deus ou por uma pessoa pura, que não esteja envolvida nos ditames dos limites da matéria. Sendo assim, se o texto é narrado por esta pessoa pura, também é considerado sagrado.

Para ele todos os livros são importantes, já que um complementa o outro. Como o tema abarcado pela tradição védica é ilimitado, não há um livro único que aborde tudo, e por isso se necessita uma vasta literatura com muitos comentaristas qualificados.

Ao ser indagado sobre sua obra preferida, afirmou ter preferência pelo *Krishna Bhavanam*. Afirma também que tem muitos livros em casa e os guarda em um local separado dos livros comuns, estes últimos presentes apenas no banheiro, já que em sua residência praticamente todos os livros são sagrados. Afirma ainda que jamais levaria um livro sagrado pro banheiro, pois não se coloca nem no chão, quanto mais em um local impuro.

Sobre os rituais, comenta que antes de tocar em qualquer objeto sagrado, pelo menos lava a boca e as mãos. Se possível, toma um banho antes, o que seria o ideal, mas nem sempre é viável. Entoa mantras antes de começar a leitura e imagina que seu mestre está ao seu lado esquerdo, o lado do coração.

Segundo o entrevistado, seu *Guru* afirmava não ter diferença entre os livros tradicionais e os livros de sua própria autoria. Para ele, os mestres aprofundam o conhecimento, dando uma visão a mais, complementar às escrituras tradicionais: "há um livro que é doce, um outro mais doce e o outro docíssimo, no final todos são importantes". Afirma ainda que tem muita afeição pelos seus livros impressos e que gostaria de ter todos, mas como mora em um lugar pequeno, está pensando na possibilidade de comprar um leitor digital e migrar sua coleção pra *e-book*.

Para ele, a leitura em inglês é importante, pois quanto mais próximo à fonte melhor, já que os livros passam por várias traduções até chegar ao português. Se tivesse conhecimento suficiente, realizaria as leituras em hindi, ou até mesmo o sânscrito, diretamente da fonte em se tratando dos versos originais. Em sua opinião,

a disponibilidade de livros em português é ainda bem carente, se comparado à Rússia, por exemplo, que há uma vasta oferta de livros da tradição védicas traduzidos para o idioma russo.

Perguntado sobre a língua sânscrita, considera sagrada, e explica que a escrita é *Devanagari*, “a língua onde os habitantes divinos habitam”. Em sua trajetória já estudou o sânscrito e dá aulas a nível básico em cursos de formação de professores de yoga no Brasil.

Entre escolher os livros apenas traduzidos ou contendo os versos originais, prefere ler os livros que tenham os versos e mais a explicação dos versos, pois afirma que cada mestre dá uma explicação de acordo com a sua visão, “como se estivesse abrindo uma flor e cada pétala (mestre) nos traz um perfume diferente” - comenta. Conclui, também, que o livro com o texto em sânscrito fica mais bonito e traz um aspecto de veracidade, apesar de não achar que o livro se torne mais sagrado apenas por conter os versos originais.

Sobre as práticas de leitura, prefere ler pela manhã, pois a mente está mais fresca, e o dia fica permeado pela leitura, o fazendo refletir sobre o tema durante o dia. Gosta de fazer diferentes tipos de leitura: leitura comum ou como um estudo, mais aprofundada, e não tem pena de fazer anotações nos livros, marcar, sublinhar, pois gosta de interagir bastante e ainda tem um caderno pra escrever mais informações e reflexões.

Sobre a prática de leitura no digital, ainda não lê muito, mas vai começar agora por causa da escassez do espaço físico. Comentou que quer comprar um *Kindle* e que não vê diferença entre o livro físico e o digital, e que apenas não tem o hábito de ler no digital por ainda não ter adquirido o dispositivo.

Segundo ele, ter livros digitais disponibilizados na internet é positivo, pois qualquer contato, por menor que seja, com essa filosofia, é benéfico para o leitor. Ainda que as pessoas interpretem de sua própria maneira, sem a guia de um mestre, afirma que o importante é o contato com a literatura sagrada, pois o leitor será tocado de alguma forma mesmo que não neste momento ou nesta vida.

#### 4.3.7 Entrevistado 7

A Entrevistada 7 é do sexo feminino, tem 35 anos e é graduada em Comunicação Social e Relações Internacionais. Está inserida no *Vaishnavismo* há 1

ano e meio e ainda não tem iniciação formal, pois foi instruída a ter muito critério na escolha de um mestre espiritual. Afirma que tem muita afinidade com as instruções de um determinado *Guru* que já faleceu, então ainda busca um bom mestre para dar continuidade aos seus estudos.

Sobre religião, afirma que dependendo da pessoa que perguntar, ela explica de uma forma diferente. Para uns, diz que é *Hare Krishna*, para outros, que é *Vaishnava*, isso varia de acordo com o entendimento de cada um, mas evita dizer que tem uma religião, pois geralmente diz que segue uma linha filosófica védica ou do *Vedanta*.

Sobre o Hinduísmo, comenta que já ouviu falar que o *Vaishnavismo* não faz parte do Hinduísmo, mas que por motivo de simplificar a compreensão, algumas vezes diz que é Hindu e reconhece a complexidade do termo.

Para a entrevistada, sobre os inúmeros livros sagrados da tradição védica, afirma que para que um livro seja considerado sagrado, ele precisa não ter sido escrito pelo homem, sendo ele de origem divina e que sua biblioteca é composta de livros impressos e digitais, enxergando os *e-books* também como um livro sagrado. Também confessa que gostaria de estudar o sânscrito, pois reconhece sua importância no estudo dos *Vedas* e que ainda tem muito a estudar.

No entanto, a entrevistada afirma que tem a coleção completa do *Srimad Bhagavatam* em PDF mas que já a avisaram que seria melhor tê-lo em formato físico, impresso, e que está pensando em investir na coleção física desta escritura. Para ela, ter a edição impressa seria melhor pois as escrituras são as personificações do próprio *Bhagavan* (Deus), então seria como tê-lo presente, como se o próprio Deus estivesse manifesto no livro.

Afirma ainda, que realiza *puja* (cerimônia) para seus livros impressos da *Bhagavad-Gita* e que mantém 3 edições no altar. Sobre rituais, conta que sempre lava as mãos antes de realizar a leitura ou *puja*, mas que tem se policiado a tomar banho antes dos estudos, pois é o mais adequado.

Sua interação com os livros sagrados se dá através de anotações com lápis, mas afirma que não o faz de forma grosseira, como costuma fazer com outros livros comuns, e sobre a disponibilidade da literatura védica na internet, não enxerga como um risco, pois acha que é natural que o conhecimento se expanda, até porque não há mesmo um controle rígido sobre o que se propaga na internet. Afirma, ainda, que mesmo que alguém aprenda errado e depois venha a ter um *Guru*, por exemplo, ou



alguém que ensine melhor, a pessoa irá aprender o correto no momento certo. De todo modo, explica que estamos na *Kali-Yuga* (era da escuridão, das desavenças), e que deturpações acerca dos *Vedas* já era esperado, faz parte.

A entrevistada encerra lembrando que há um trecho na *Bhagavad-Gita* em que *Krishna* diz que há enganadores porque há aqueles que querem ser enganados. Então, ela conclui que faz parte do processo deste mundo material.

#### 4.4 Entrevista com o sacerdote indiano: Acharya Bhuvnesh Shukla

Na ocasião das viagens para a Índia, além da observação e da imersão na cultura local tradicional védica de uma das cidades mais sagradas da Índia (Vrindavana, no estado de Uttar Pradesh), também tive a oportunidade de conviver com uma família de brâmanes que, por gerações mantêm a tradição das cerimônias e dos estudos do *Sanatana Dharma*.

Nesta família foi possível, além de viver a tradição no dia-a-dia, entrevistar um dos representantes do *Vaishnavismo* tradicional de Vrindavana, o Acharya Bhuvnesh Shukla, professor e sacerdote do templo de Yamuna (*Yamuna Mandir*), localizado no *Keshighat*, uma construção sagrada e relevante para a tradição.

A entrevista foi realizada presencialmente em sua casa, localizada próxima ao templo de Yamuna. As perguntas feitas foram planejadas anteriormente seguindo a ideia principal contida nas entrevistas realizadas no Brasil, porém com adaptações por se tratar da Índia. As questões foram do tipo abertas para que o máximo de informações fossem coletadas sobre a cultura, para que se compreenda melhor como a cultura local influencia no hábito de leitura dos livros sagrados e a devoção pelos livros.

A entrevista foi realizada após a cerimônia do *Deepdan*, na qual se oferecem lamparinas ao Rio Yamuna e onde se realizam orações (Figura 21), no qual foi possível observar e anotar mais informações sobre os rituais envolvendo livros sagrados, revelados com mais detalhes anteriormente no tópico sobre a observação participante na Índia.

Figura 21: Acharya Bhuvnesh Shukla lendo mantras em sânscrito durante uma cerimônia no rio Yamuna



Fonte: Autora, novembro de 2019

As primeiras perguntas abordam a identificação, e o entrevistado começa explicando sobre sua posição dentro da tradição. O título de Acharya significa professor, sendo ele um mestre na transmissão da tradição védica, mais especificamente *Vaishnava*, da escola *Nimbarka*. Revela ainda que dentro da classificação como Brâmane, casta a qual pertence, há outras classificações, sendo ele um Brâmane Goswami, cuja família tem como responsabilidade manter a tradição viva através das cerimônias e do serviço devocional nos templos.

Acharya também se refere àquele que tem o título de mestrado, uma posição acima do graduado nos estudos védicos. No entanto, ressalta a importância de não confundir com as titulações acadêmicas utilizadas nas universidades no modelo ocidental de estudos. Segundo conta, no ensino védico tradicional, há também as graduações, quando o estudante conclui seus estudos, e o mestrado, quando torna-se um professor e está apto a transmitir os ensinamentos. Um mestre, neste caso, deve ter total conhecimento dos versos, do sânscrito e dos tópicos espirituais, além da boa pronúncia e o aprofundamento na literatura védica, ou *shastras*.

Além disso, afirma que não vê problema em ser considerado um Hindu, pois é desta forma que o mundo conhece sua tradição, mas que, na verdade eles vivem os

ensinamentos do *Sanatana Dharma*, a primeira religião do mundo e base não apenas para o Hinduísmo como se conhece hoje no mundo, mas para outras religiões por ser muito antiga.

Afirma ainda que devido ao *Sanatana Dharma* ser considerado uma Lei Eterna, Realidade ou Verdade Eterna, está presente em todas as formas de crenças do mundo que levam um devoto a se aproximar de Deus, pois é esta a mensagem singular de todas as religiões. Complementa também que toda esta literatura dá boas instruções para que o ser humano tenha uma vida digna.

Ainda sobre a história do *Sanatana Dharma*, revela que toda essa tradição foi trazida ao planeta através dos *Rishis*, os grandes sábios videntes do passado que, por meio de técnicas de transe meditativo acessaram essa verdade e compuseram os versos em sânscrito, cujo conhecimento foi transcrito posteriormente com a escrita *Devanagari* e que permanece até os dias atuais de forma inalterada.

Acrescenta, ainda, que a oralidade foi um dos principais fatores da preservação dos *Vedas*, mais do que a própria escrita, já que é muito mais fácil alterar textos durante suas cópias ao longo do tempo do que os cânticos e entoações dos mantras que seguem uma rígida norma de pronúncia, ritmo, métrica, melodia e tempo.

Sobre o livro mais importante, afirma que todos têm a mesma importância, desde o *Rigveda* até os livros mais recentes, pois todos formam o corpus da literatura védica, cada um explicando sobre um tópico ou acrescentando outros pontos de vistas de sábios que conviveram na mesma época e narraram o mesmo evento de forma complementar. Este é o caso do *Srimad Bhagavatam* e do *Garga Samhita*, cujos autores narram as mesmas histórias de *Krishna* com seus pontos de vista. Afirma ser interessante pois um mesmo evento narrado por várias pessoas tem mais riqueza de detalhes.

No entanto, se tivesse que escolher uma única obra como a mais importante para aprofundar os estudos, escolheria a *Bhagavad-Gita*, pois nela estão presentes todos os sentimentos e conflitos do homem, ou seja, tudo que há na vida humana, está presente nesta obra, sendo como um manual.

Sobre os livros sagrados em versão digital, afirma que são completamente diferentes do livro impresso, sem dúvidas, pois na produção destes arquivos falta controle sobre as publicações. Qualquer um pode escrever, editar, modificar e publicar em sites as obras védicas, sem termos a certeza de quem está por trás dessa produção. Para ele, não há garantia alguma de que o livro digital foi revisado por um

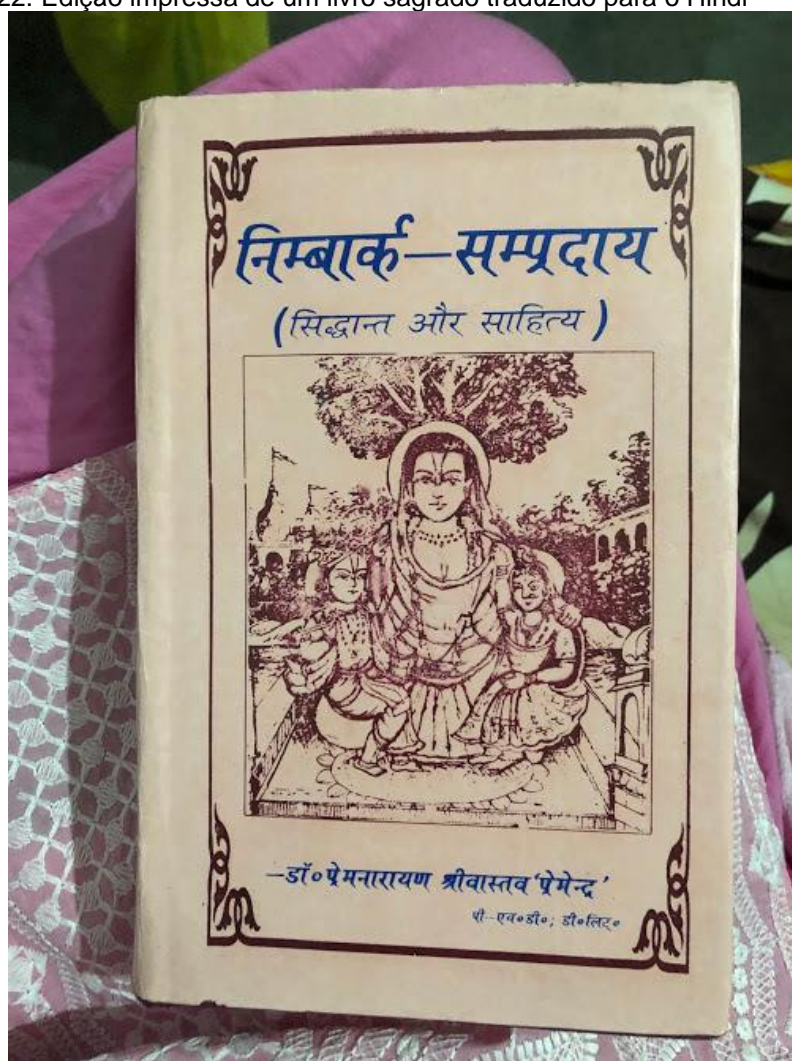
mestre qualificado e comenta um exemplo que aconteceu com ele próprio: “Uma vez peguei um PDF do *Yamunastakam* cujo verso tinha duas vezes a palavra *Sargamaha*, quando na verdade um deles deveria ser *Sargamaha* e o outro *Sangamaha*. Isso para nós é um erro muito grave, pois muda completamente o significado da oração. Alguém havia mudado na internet, talvez por distração, e cheguei a comentar sobre isso com o meu mestre e discutimos exatamente sobre como nossas obras estão sendo modificadas. Em um mantra, se muda uma palavra, ou uma letra, altera todo o sentido da oração e isso é o fim para a nossa tradição”.

Ainda sobre livros digitais, comenta que não lê e nem recomenda a seus alunos, pois a chance de conter erros é grande e eles estão aprendendo. Diz que se tem receio com algumas edições impressas traduzidas para o inglês, a qual certamente passou por uma revisão, mas que ainda assim contêm erros, tem muito mais receio quando se trata de um livro digital. No entanto, lembra que há uma diferença entre os livros que são escritos e publicados na internet daqueles que são digitalizações dos livros físicos. Estes sim, são confiáveis, e neste caso não há diferença para o impresso, pois são como uma fotografia.

Indagado sobre a produção dos livros impressos na Índia, o sacerdote contou como são realizadas as publicações destes livros sagrados pelas editoras mais confiáveis, e revelou ainda que rejeita algumas publicações de determinadas editoras por não considerá-las confiáveis, já que não passam pelo processo correto de revisão.

Este processo, segundo o entrevistado, confere a legitimidade à obra, pois para se imprimir um livro da tradição védica, principalmente os que contêm os mantras sagrados, é necessária uma checagem minuciosa e revisão por uma equipe de Acharyas especialistas na obra a ser impressa que farão a leitura atenta para garantir que nenhum mantra foi alterado e que não há erros na explicação e/ou tradução para o idioma Hindi. Só após passar pelo crivo dos revisores é que a impressão dos livros é autorizada.

Figura 22: Edição impressa de um livro sagrado traduzido para o Hindi



Fonte: a autora, novembro de 2019

O entrevistado ainda comenta que jamais pode-se pronunciar um mantra errado, pois altera todo o seu efeito, e que os esforços para preservá-los intactos nas obras impressas devem ser feitos com mais dedicação, pois quando se tem os versos memorizados, é mais fácil identificar nos livros quaisquer erros de digitação, mas para aqueles que estão aprendendo é mais perigoso, pois uma vez aprendido a entoar o mantra de forma errada é mais difícil corrigi-los para a forma correta.

Sobre sua experiência pessoal com os *e-books*, afirma que os poucos que leu, encontrou erros, e por este motivo prefere não usá-los. Nestes casos, só foi possível identificar os erros nos versos porque os tem memorizados, mas caso fosse uma literatura com a qual ainda não teve muito contato, não teria como identificar e aprenderia errado.

Já com a tradução é pior, principalmente quando são traduzidas obras do Hindi para o Inglês, já que as edições impressas em sua língua, o Hindi, ainda têm o processo minucioso de revisão contado anteriormente, mas com os livros em inglês não, pois sua maioria são textos traduzidos por escolas que foram para o ocidente e nem sempre o tradutor é indiano ou com total domínio sobre o Hindi, sendo eles muitas vezes estrangeiros que, além do Hindi, muitos não têm aprofundamento no sânscrito.

Acredita que obras que são traduzidas, por exemplo, para o Português se não houver o cuidado adequado, acabam perdendo muito sua essência por passarem por vários tradutores diferentes e muitas vezes em épocas distintas. No entanto, não acha que uma obra perca sua essência e sua sacralidade apenas por estar traduzida para outra língua, afirmando que todos os idiomas são iguais, contanto que transmita as sutilezas dos textos de forma correta. Revela, ainda, que quando se compreende a realidade destes livros, percebe-se que estão além das línguas, da escrita ou da oralidade.

Sobre o aprendizado do Sânscrito, explicou que algumas escolas têm o ensino da língua para as crianças em sua grade curricular sendo, portanto, alguns os nativos alfabetizados em sua língua local e também no Sânscrito. Alguns complementam seus estudos em *Gurukula*, escolas especializadas no ensino da tradição védica.

Retornando ao tópico sobre o livro digital, o Acharya opina que um livro em formato PDF não é, de fato, um livro. Para ele, é apenas um material de consulta superficial, e não uma obra a ser lida, portanto, não o considera nem livro e nem sagrado. Afirma ainda que um livro só se torna sagrado no momento da impressão, no qual o próprio Deus se torna manifesto no papel.

Comenta, ainda, que os livros são manifestações da Deusa *Saraswati*, representação divina do conhecimento, sendo de extrema importância, portanto, honrar aquele papel como sagrado. Desta forma, é comum se observar, antes de qualquer leitura – de qualquer texto, não apenas de literatura religiosa – o leitor tocando a cabeça no livro demonstrando respeito e reverência. Segundo ele, *Saraswati* está presente em todos os livros, não apenas na literatura sagrada, pois cada leitura realizada é uma oportunidade de aprendizado.

Ainda sobre sua tradição, contou que há uma história em que foi perguntado a *Krishna*, no momento de sua morte, como seus devotos poderiam vê-lo a partir

daquele momento. *Krishna* então respondeu que estaria eternamente situado e manifesto através das palavras dos livros sagrados.

Sua rotina de leitura é dividida em dois tipos: a leitura durante a cerimônia matinal em sua casa e seus estudos noturnos. Diariamente, o Acharya acorda cedo pela manhã, toma seu banho e inicia o *puja*. Após recitar uma série de mantras, inicia a recitação de um capítulo do *Srimad Bhagavatam* (Figura 23). Explica que todos os estudantes devem fazer essa leitura com a finalidade de memorização, e que repete, diariamente, 7 vezes um capítulo do livro sagrado. Já em dias ou períodos especiais, a repetição deve ser de 11 vezes e conta que neste momento de recitação não há a intenção de compreender a história sobre a qual está lendo, mas apenas de memorizar os versos e treinar a pronúncia.

Figura 23: Momento da leitura dos livros sagrados pela manhã pelo Acharya Bhuvnesh Shukla



Fonte: A autora, novembro de 2019.

Já os estudos aprofundados se dão também em sua casa, mais especificamente em seu quarto no período da noite. Neste momento ele senta-se concentrado e faz a leitura das escrituras, na maioria das vezes a mesma que recita pela manhã.

Explica também, que, para se ter um bom estudos da literatura védica, durante o período de dedicação intensiva de determinada escritura, além da repetição, é

importante seguir uma série de rituais diários, como não comer muito, não dormir muito, ser pontual, estar sempre limpo e não dar muita ênfase ao corpo e às roupas que veste, para que o foco mantenha-se nos estudos evitando distrações. A concentração e dedicação total ao que se está estudando reverbera pelo restante do dia, facilitando o aprendizado através da disciplina.

Sobre sua cultura, também comenta que não se coloca um livro no chão. O Acharya explica que não é porque o chão não seja sagrado, pois ele o é: “Aqui tudo é sagrado, inclusive o chão que pisamos. Tocamos a cabeça no chão quando acordamos pois o chão representa a Mãe Terra, a Deusa-mãe *Bhumi*. Não colocamos o livro no chão por ele ser contaminado ou impuro, mas porque é frio e desconfortável. Vemos Deus em tudo, inclusive no livro e da mesma forma que não colocaríamos um bebê sem roupas num chão, também não o fazemos com nossos livros.”

Sobre sua opinião acerca do impacto do livro digital na tradição védica, comenta que o papel, de certa forma, tem uma vida curta, diferente do arquivo digital que pode auxiliar na preservação da cultura védica. Se há a digitalização em forma de imagens dos livros, como estão sendo feitos com os manuscritos, é muito positivo para manter a tradição viva para as futuras gerações, que naturalmente são mais inseridas na cultura digital. No entanto, se torna perigoso quando muitas pessoas começam a produzir conteúdo digital de sua própria autoria, explicando por seus pontos de vista ou traduzindo sem um conhecimento profundo das escrituras. Mas afirma, para concluir, que o buscador sincero certamente vai chegar nas fontes confiáveis, mesmo que passe antes por um material duvidoso.

#### 4.5 Entrevista com o devoto indiano Rasaraj Gaura Das

O entrevistado indiano Rasaraj tem 30 anos, é arquiteto e mora em Nova Délhi. Quando perguntado sobre sua religião, afirma ser um *Hare Krishna* pertencente à ISKCON por mais de dez anos, mas que só foi iniciado formalmente (*Diksha*) há dois anos. Conta que por morar em Délhi, frequenta os templos de sua cidade, mas que ao menos um fim de semana por mês viaja para Vrindavana, a cidade sagrada, hospedando-se no ashram da sua tradição.

O devoto diz que não tem lido muitos livros ultimamente pois em seu tempo livre prefere se dedicar à parte dos *Kirtan*, ou seja, o canto dos mantras no templo, mas que no passado se dedicou mais às leituras. Para ele, o livro mais sagrado de



sua tradição é a *Bhagavad-Gita*, simplesmente pelo fato de todo conhecimento das outras obras estarem condensadas nessa literatura. Também afirma que todos os livros que contém qualquer tipo de conhecimento são considerados sagrados, não apenas os védicos, uma visão observada com frequência entre os indianos. Para ele, se há conhecimento, é sagrado, opinião compartilhada pela sua instituição ISKCON e pelo seu mestre espiritual, que também indica a *Bhagavad-Gita* como o principal e mais importante texto da literatura védica.

Quanto à prática de leitura, Rasaraj tem a *Bhagavad-Gita* em casa e diariamente faz a leitura de algum trecho, mas confessa que gostaria de ter a mesma dedicação que sua mãe, que tem uma rotina da leitura maior, lendo, além da Gita, outros livros, como o *Srimad Bhagavatam*. Comenta que ela já leu 50 ou mais vezes, durante toda sua vida, e diz conhecer todas as histórias da coletânea. Atualmente, além da leitura da *Bhagavad-Gita*, Rasaraj também acompanha as publicações diárias de seu mestre espiritual pelas redes sociais.

Em sua casa tem um lugar separado só para os livros sagrados e instrumentos musicais (usados para o *Kirtan*), que são guardados abaixo de seu altar em uma prateleira. Para ele, esses livros são muito importantes e merecem um armazenamento diferente dos outros livros. Como o altar é sagrado, ali é o local ideal, pois assim que faz a cerimônia (*puja*) diária, pode começar a leitura da *Bhagavad-Gita*.

Para ele, o motivo de serem considerados livros sagrados é porque são *shastras*, ou seja, contém todo o conhecimento dos *Vedas*, sua cultura, e esta literatura tem o poder de transformar o coração das pessoas, pois a tradição Hinduísta é muito antiga, conhecido oficialmente como *Sanatana Dharma*, ou a Lei Eterna.

O devoto conta que não tem interesse por livros no formato digital e que tem poucos em seu smartphone, pois gosta de carregar os livros físicos. Acrescenta que não é uma rejeição pela modernidade e reconhece a facilidade que o livro digital oferece a quem lê muito, mas que, em sua opinião, o livro sagrado deve ser lido no papel. Conta que tem alguns aplicativos instalados no smartphone, como o Gita Base e o *Desire Tree*, além de algumas aulas em vídeo de seu mestre espiritual, as quais assiste quando tem tempo ou quando está em algum transporte público. Apesar de achar que a leitura dos textos védicos deve ser feita no papel, não nega que o digital também pode ser considerado sagrado por causa do conteúdo.

Sobre as traduções, Rasaraj alerta que deve haver cuidado por parte do leitor com as traduções, tanto para o Hindi quanto para o Inglês, pois em algumas leituras já encontrou muita diferença do original do sânscrito, língua que aprendeu na escola. Comenta que quando criança, em Délhi, teve dez disciplinas de Sânscrito nos anos equivalentes ao ensino fundamental e médio no Brasil e que acha muito importante que os indianos não se percam de suas origens.

Ainda sobre a tradução, completa que dependendo de quem a faz, pode mudar o significado dos versos originais e que algumas editoras não têm o cuidado necessário na hora de publicar seus livros traduzidos para o Hindi.

#### 4.6 Análise das entrevistas e discussão final

A seguir, será apresentada uma análise das entrevistas tanto no Brasil como na Índia, ressaltando os pontos importantes que se destacam a fim de se entender como se dá a relação do leitor *Vaishnava* com seus livros sagrados. O texto apresentado seguirá o roteiro das perguntas das entrevistas realizadas no Brasil fazendo um comparativo com o que foi apresentado pelo sacerdote indiano Acharya Bhuvnesh Shukla e pelo devoto indiano Rasaraj Gaura Das.

Vale lembrar que o recorte da pesquisa se firma na comunidade *Vaishnava* brasileira e no livro como objeto de comunicação, embora se tenham coletado informações valiosas sobre como pensam os *Vaishnavas* indianos: tanto um devoto que apenas frequenta o templo quanto um representante oficial da tradição da cidade de Vrindavana, local de origem da devoção por *Krishna* e principal destino de devotos do mundo para festivais e peregrinações.

É interessante notar que, embora haja uma etiqueta a ser seguida acerca do comportamento do leitor com seus livros sagrados, a partir do momento em que as entrevistas acontecem de forma individual garantindo o anonimato, outros discursos, reflexões próprias e alguns questionamentos podem ser observados.

No entanto, apesar de em alguns pontos haver uma diferença de opiniões pessoais sobre o tópico abordado, em outras há a unanimidade, o que ajuda a formar a ideia sobre como os devotos brasileiros foram ensinados sobre a tradição por seus mestres espirituais e religiosos mais antigos. Outro ponto importante a ser lembrado é que as entrevistas em profundidade foram realizadas com sete devotos da cidade do Rio de Janeiro e que este trabalho não tem a intenção de chegar a uma conclusão

sobre como pensa toda comunidade *Vaishnava* no Brasil, mas sim de observar as percepções acerca do livro sagrado impresso e digital.

Dos sete entrevistados, 2 moram no templo e 4 participam ativamente das atividades, ou tendo algum cargo, ou prestando um serviço devocional de aulas, cozinha e manutenção do espaço. Os outros 3 entrevistados são frequentadores, não tendo um vínculo tão formal. Por este motivo, foi escolhido o mesmo critério para as duas entrevistas na Índia: um dos entrevistados ocupando um cargo de responsabilidade com o templo e outro sendo um frequentador.

No Brasil, a maioria dos entrevistados diz não se considerar Hinduísta, embora na Índia os entrevistados afirmam pertencer à tradição Hindu. Percebe-se que no Brasil o termo Hinduísmo carrega uma conotação diferente, como se para pertencer à comunidade Hinduísta fosse necessário ter nascido na Índia ou seguir seus costumes no dia-a-dia. Durante as entrevistas também, em alguns casos, foi notado uma reação negativa ao ter sido feita a pergunta, embora alguns entrevistados terem afirmado que não há problema em usarem esse termo.

Como já discutido anteriormente, a palavra Hinduísmo carrega em si uma ambiguidade sendo de difícil definição não apenas no Brasil, mas também entre os indianos. Como afirma Narayan,

o termo Hinduísmo é um tanto difícil de definir. A religião não tem um fundador único, um credo único, um mestre ou profeta único, reconhecidos por todos os Hindus como elementos ou figuras centrais para a religião, e não existe um livro sagrado único reconhecido universalmente como de importância primordial. (NARAYAN, 2009, p. 7)

Porém, entre os entrevistados, se em sua opinião fazer parte da tradição Hindu é estar inserido no local e na cultura, há também a dúvida entre os entrevistados brasileiros se o *Vaishnavismo* pertence, de fato, à tradição Hinduísta.

Se em alguns tópicos há uma divergência de pensamentos, em outros há uma unanimidade, como o caso da pergunta sobre o que, de fato, é sagrado: se é o suporte do livro ou o conteúdo, tendo como resultado a resposta de que o conteúdo é o que importa, independentemente do suporte no qual se apresenta. Para eles, o conteúdo do livro, sendo ele digital ou impresso, é a palavra de Deus, ou ele próprio manifesto nos textos e estando sempre presente em qualquer suporte.

No entanto, ao final da entrevista, ao ser perguntado novamente sobre as diferenças do impresso para o digital, dois dos entrevistados brasileiros responderam que há diferença na prática e na experiência de leitura, havendo uma hierarquia entre

ambos, pois não podem ser considerados iguais. O impresso foi visto como mais importante que a obra no formato digital.

Neste caso, observamos como se dá a relevância da materialidade para a dimensão afetiva do leitor e para o modo como este se relaciona com os textos. É interessante observar que, na história do livro, a valorização da materialidade deu início após a chegada de uma série de inovações tecnológicas ligadas às tecnologias digitais. Segundo Gonçalves, “o interesse pela anatomia do livro, seus usos, leitores, diferenças e por sua história material começa com o surgimento das tecnologias eletrônicas” (GONÇALVES E GONÇALVES, 2015, p. 5). Isso mostra que quando o livro físico, em papel, não tinha concorrentes, era mais difícil pensar o objeto sob o conceito da materialidade (MELOT *apud* GONÇALVES E GONÇALVES, 2015, p. 5).

É importante ressaltar também que é comum haver respostas ambíguas durante a entrevista e que não deve ser vista como um problema, já que é intrínseco ao ser humano. Sobre essa diferença, também se observou nas entrevistas na Índia que o devoto Rasaraj afirmou que o conteúdo é sagrado, não importando o suporte utilizado, mas depois respondeu que há diferença na leitura entre ambos, havendo uma hierarquia entre o impresso e o digital, diferentemente do sacerdote que manteve-se com a afirmação de que o livro impresso é sempre o mais importante.

Vale lembrar que a prática de leitura e os sentidos que ela produz não é algo fixo e está sempre regida pela subjetividade de seu leitor. Ainda que algumas respostas sejam semelhantes entre si, as experiências de leitura são diferentes entre os indivíduos, entre as obras lidas e até mesmo, entre as releituras, já que cada ato de ler é influenciado por diversos fatores, não apenas pelo suporte, sendo ele o papel, um leitor digital ou um smartphone. Neste caso, além da materialidade do suporte, o próprio corpo do leitor é uma peça fundamental na relação afetiva entre os livros e os leitores (GONÇALVES E GONÇALVES, 2015) influenciando a forma como ele lê e como o possui.

A hierarquização das leituras também é um fenômeno subjetivo, já que mesmo que uma autoridade indique qual livro é mais importante para a tradição, o leitor acaba por escolher as suas obras preferidas devido ao afeto e outros fatores emocionais, devido à produção do sentido que cada obra faz no seu leitor. As mínimas modificações na forma de ler possibilitam uma experiência de leitura diferente.

Sobre a formação da biblioteca e da posse do livro impresso, a maioria respondeu que tem uma biblioteca com seus livros sagrados em sua residência e que

tem preferência por possuir o livro, por comprá-lo, e que em poucas vezes fez uso do livro emprestado. Na Índia foi observado que há a valorização por edições mais antigas, como se estes fossem os mais sagrados. Sendo assim,

se o livro é um objeto e isso pressupões que ele possa ser possuído, ser possuído, por sua vez, implica em poder ser acumulado, cobiçado, colecionado, amado e ser, até mesmo, alvo de ciúmes e/ou adoração. (PEARCE apud GONÇALVES E GONÇALVES, 2015).

Um fato interessante a ser registrado é que durante a produção da escrita desta dissertação, um novo contato por telefone foi feito com o Acharya Bhuvnesh Shukla, em janeiro de 2020, e ele contou que havia ganhado recentemente uma edição do *Srimad Bhagavatam* de um mestre espiritual de Vrindavana cujo livro pertencia aos seus antepassados. Comentou que além de ser uma raridade, por ser uma edição antiga, ainda havia anotações e comentários feitos pelos antigos donos, o que tornava aquele objeto ainda mais sagrado que qualquer outra edição comprada em uma livraria, mesmo que fosse exatamente igual.

Visto isso, é interessante pensar sobre como o próprio processo da produção do manuscrito carrega em si uma aura de magia e sacralidade, já que pelo fato de um mestre ter feito suas próprias anotações em uma edição a torna mais importante e com um valor inestimável. Isso faz lembrar sobre o período da história dos livros cujos monges copistas produziam os manuscritos sagrados, não apenas da literatura védica indiana, mas também a budista com seus sutras, a cristã com suas bíblias entre outras.

Com isso, é interessante lembrar da importância do momento da escrita que também é visto como sagrado e o cuidado com o material a ser usado, além do perfeccionismo e cuidado em tornar o papel um objeto sagrado, apresentados por Lyons, no caso dos textos budistas, onde:

Mesmo depois de iniciada a produção de textos, os budistas continuaram a valorizar a arte de memorizar e recitar os sutras, que eram ensinamentos doutrinários em forma de aforismos e narrativas. Os textos budistas eram objetos sagrados e venerados. O ato de copiá-los podia levar um escriba à perfeição e dar-lhe mérito aos olhos da divindade. Os escribas mongóis e chineses usavam um pincel de escrever e desenvolveram ilustrações em tinta colorida usando o cinábrio, ouro e prata em várias substâncias preciosas como a turquesa, o lápis-lazuli e a madrepérola. No século XVIII, os mongóis chegaram a usar tinta perfumada para inspirar mais respeito pelo texto. (LYONS, 2011, p. 33)

Retornando ao ponto sobre as bibliotecas pessoais, a maioria dos entrevistados respondeu guardar seus livros em um local especial, separado dos livros

considerados “comuns”. Isso leva a pensar que há uma visão mística sobre estas obras que os diferenciam das outras literaturas, quase como um corpo vivo que demanda um cuidado especial.

Ao serem perguntados sobre as principais obras para a tradição *Vaishnava*, a *Bhagavad-Gita*, o *Srimad Bhagavatam (Bhagavata Purana)* e o *Caitanya Caritamrita* foram citados como os mais importantes. No entanto, se tivessem que escolher apenas uma obra, a *Bhagavad-Gita* é vista, tanto no Brasil quanto na Índia como o cânone principal da tradição, tanto porque é um discurso do próprio Deus (*Krishna*), quanto porque seu discurso engloba todas as questões humanas, sendo como um manual completo para a vida na Terra.

Outra unanimidade observada entre as respostas obtidas na entrevista é sobre a separação nítida entre o que é sagrado e o que é profano. Na tradição *Vaishnava*, ainda que Deus seja visto como estando presente em toda criação, há atos e comportamentos que são considerados impuros e inadequados ao se tratar de locais e objetos sagrados. Os mais citados pelos entrevistados são: nunca colocar os livros no chão ou sobre a cama, mantê-los em um local adequado, fazer a higiene completa do corpo antes de tocá-los ou lê-los, ou pelo menos higienizar as mãos e a boca.

Há rituais de purificação observadas durante as leituras nos templos que nem sempre são seguidas de forma individual nas residências dos devotos. No entanto, na Índia foi observado que a comunidade religiosa segue tais rituais de forma rígida tanto pelos devotos quanto pelos monges. Isso foi observado e aprendido pela pesquisadora durante sua estadia em Vrindavana, na qual aprendeu a entoar os mantras de purificação para iniciar o estudo dos textos *Védicos*. Visto isso, é claro que os livros impressos são tratados como uma entidade viva, a própria manifestação de Deus em suas páginas e palavras.

Um fato curioso é a resposta do Entrevistado 2 ao responder sobre atos profanos. Em sua fala, afirma que o templo é um local sagrado e que a instrução institucional é a de não colocar os livros no chão. No entanto, questiona ele: “se o templo é um local sagrado, por que não se pode colocar um livro sagrado num chão que também é sagrado?” É notório que, para este entrevistado, há um conflito entre o que a tradição diz sobre o que é o correto e seu raciocínio sobre o que é sagrado, já que não vê o chão do templo como um local impuro, a não ser que seja em outro local, como em residências onde as pessoas entram de sapato. Neste último caso, jamais

se deveria colocar um livro sagrado no chão, pois isso se configuraria uma ofensa muito grave.

Como rituais de leituras, além dos mantras de purificação do corpo, mente e alma, também são realizadas reverências aos mestres, como um pedido para que este tenha clareza mental e capacidade para aprender de forma adequada os ensinamentos contidos naquele livro. No entanto, ao se perguntar sobre as versões digitais, apenas dois entrevistados brasileiros afirmaram que prestam reverências antes da leitura. Sobre a purificação, nenhum afirmou realizar ao fazer uso de um leitor digital, *smartphone* ou computador, apesar de todos afirmarem fazer uso do livro digital, diferentemente dos indianos que responderam não gostar deste tipo de leitura.

A maioria dos devotos brasileiros faz leitura através do *smartphone*, quando estão no trânsito, em viagens e principalmente em transporte público. Há também uma peculiaridade em relação à literatura védica, que o tamanho de cada texto, como é o caso do *Srimad Bhagavatam*, obra extensa distribuída em 18 ou 19 volumes e com valor muito elevado para quem quer adquirir a edição impressa, sendo encontrada hoje apenas em lojas especializadas em livros antigos e usados.

Além disso, esta obra ocupa muito espaço físico, já que cada edição tem em torno de 800 páginas pesando, em sua totalidade, aproximadamente 14 quilos toda a coleção. Por este motivo, a forma mais acessível de se fazer a leitura desta obra é através do material digital, já que as edições traduzidas para o português dificilmente são encontradas à venda atualmente e há websites oficiais que disponibilizam a obra completa para download em formato PDF.

Aqui reparamos que dependendo do formato do livro, a prática de leitura pode ser diferente, assim como seu ambiente de leitura. Seus usos variam de acordo com o suporte, alterando não apenas a forma de leitura, ou seja, como a pessoa lê, mas também o ambiente. Apesar da prática de leitura ser mutável, algumas edições permitem pouco movimento, como o caso citado acima do *Srimad Bhagavatam*, que pelo seu tamanho, forma e peso, não permite ser carregado facilmente, exigindo, essencialmente, uma leitura sentada, dificilmente sendo realizada em um transporte público, por exemplo, diferentemente do digital que pode ser lido em qualquer lugar. Sobre as formas de leitura,

determinados livros exigem um contraste entre conteúdo e ambiente; há os que parecem exigir determinadas posições de leitura, posturas do corpo do leitor que, por sua vez, exigem locais de leitura apropriados a essas posturas. [...] Com frequência, o prazer derivado da leitura depende em larga medida

do conforto corporal do leitor (MANGUEL apud GONÇALVES E GONÇALVES, 2015).

Assim, dependendo do tipo suporte, os usos e as experiências de leitura também são diferentes, assim como os motivos pelos quais se faz a opção pela leitura digital e não pelo livro impresso.

Este fato é diferente na Índia, que tem ampla distribuição desta literatura em diferentes línguas nativas e de forma acessível, não sendo necessário recorrer à edição digital como no Brasil. É visto, também, que facilmente se encontra este livro em uma edição única quando escrita apenas os versos originais em sânscrito, o que é a preferência para a maioria dos estudantes védicos, não precisando de traduções nem dos comentários, embora haja muitas publicações com extensos comentários de acordo com cada escola filosófica. Outro fato observado é que esta obra, em específico, assim como a *Bhagavad-Gita* parece estar presente em todos os lares das famílias *Vaishnavas* indianas e que são tratados como objetos sagrados transmitidos de geração em geração.

Sobre os hábitos de leitura, para a maioria dos brasileiros entrevistados, fazer uma leitura de um livro sagrado não é algo superficial. Para eles, a leitura mais aprofundada é necessária pois se trata de um estudo denso e que demanda atenção. Foi citado entre os entrevistados que ao se fazer a leitura de um trecho destes livros pela manhã, a mente permanece refletindo sobre os ensinamentos durante todo o dia, o que mostra a preferência dos estudos no início do dia para os brasileiros.

O mesmo se confirma entre os indianos, os quais seguem o ritual diariamente pela manhã seguido da leitura de uma escritura sagrada. Para Rasaraj, a leitura da *Bhagavad-Gita* após a cerimônia da manhã é obrigatório, já para o Acharya Bhuvnesh, a leitura obrigatória realizada diariamente pela manhã é o *Srimad Bhagavatam* e à noite outras obras de acordo com sua necessidade que se divide entre estudo pessoal, preparo de aulas ou preparação de *Pravacham*, ou seja, palestras realizadas durante eventos que podem durar dias.

Sobre o cuidado com os livros, o local de armazenamento é visto como algo importante. Foram citados nas entrevistas como locais de preferências as estantes, as prateleiras da casa ou altares, destacando para a resposta da Entrevistada 7 que afirmou ter 3 edições da *Bhagavad-Gita* no seu altar e que realiza o *puja* (cerimônia) para os livros diariamente, não os vendo como diferentes das deidades e imagens que estão presentes no altar.



Neste exemplo, aqui observa-se que o livro tornou-se um objeto de adoração, não apenas um objeto de leitura. Ele está, portanto, além das suas funções óbvias, tendo outros usos, mostrando que livro pode ser possuído não apenas como um objeto de leitura, mas com outras funções para além das imediatas (ALTIERI, 2020, p. 5). Assim como para os entrevistados indianos, o livro em papel tem sua importância como objeto sagrado, tanto que os mantém, em suas residências, guardados em seus altares.

Em relação à interação com os livros, a maioria dos entrevistados brasileiros prefere não interagir por diferentes motivos, um deles sendo por que os livros sagrados são a palavra de Deus, no caso dos *Vaishnavas*, *Krishna*, sendo portanto, a sua própria manifestação materializada em forma de objeto-livro, e que fazer anotações, riscar, sublinhar ou dobrar páginas seria o mesmo que cometer tais atos com o corpo de *Krishna*, o que se configuraria uma ofensa.

No entanto, ao se fazer a mesma pergunta aos indianos, a resposta foi diferente. De acordo com a explicação do Acharya Bhuvnesh Shukla, todos os livros, sagrados ou não, são a manifestação da Deusa *Saraswati*, a manifestação do conhecimento e protetora dos estudantes. Por este motivo, eles não enxergam os livros como manifestações de *Krishna*, mas sim da deidade que representa os estudos. Ambos os entrevistados indianos responderam fazer anotações em seus livros sagrados, sendo que o Acharya enfatizou que para a tradição, um bom estudante deve sempre anotar em seus livros. Vale lembrar do episódio relatado anteriormente sobre o livro herdado por ele com anotações de um mestre, cujo valor tornou-se inestimável devido aos registros manuscritos.

Nestes casos, observamos as apropriações de leituras bem diferentes entre os brasileiros e os indianos. Se para estes, é importante dialogar com o texto, anotar, grifar, e interagir com a obra, visto que é importante para um bom estudante pois significa uma leitura mais profunda e dedicada, no Brasil já se observa um receio em cometer alguma ofensa, fazendo com que os leitores mantenham suas obras intactas.

Aqui também pode-se pensar sobre os movimentos de apropriação dos textos apresentados por Chartier (ALTIERI, 2013), onde parece que no Brasil há uma maior coerção sobre a prática de leitura da tradição védica, talvez aprendido, talvez imaginado. Na Índia, no entanto, apesar de toda concepção de respeito pela obra sagrada e por todo manejo do livro ser de forma especial e diferenciado de uma obra

comum, parece haver uma maior liberdade, podendo se desenvolver uma leitura com anotações sem o sentimento de culpa.

Para concluir as entrevistas, foi comentado sobre a difusão da literatura védica na internet. Se por um lado é benéfico por dar a oportunidade a mais leitores terem acesso a esta tradição e cultura, por outro, pode ser visto como um risco para a tradição, já que nos estudos védicos é exigida a presença de um mestre espiritual que ensinará de acordo com a tradição e com as bases da sucessão discipular com a finalidade de não se cometer mal-entendidos e nem distorções no entendimento das obras.

Sobre essa visão, foi unanimidade entre os entrevistados brasileiros o pensamento de que é benéfica a difusão das obras em formato digital pela internet, já que a palavra de Deus estaria sendo espalhada a qualquer pessoa que entre em contato, e vários argumentos foram apresentados, desde que o mais importante é o primeiro contato, em uma visão mais mística, atuando como uma bênção de Deus sobre a pessoa, até a opinião de que quem realmente for um buscador e quiser se aprofundar nestes estudos, num futuro encontrará um mestre espiritual qualificado para prováveis correções e aprofundamento filosófico.

Esta opinião é contestada pelo Acharya Bhuvnesh Shukla, o qual apresenta a ideia de que uma leitura despreparada seria prejudicial para a tradição, pois há tópicos filosóficos e espirituais muito profundos e diferentes gradações de compreensão, e que uma pessoa leiga não teria o discernimento para identifica-los e manter-se apenas nas informações mais básicas.

Além disso, embora as novas gerações estejam imersas na cultura digital, é de extrema importância que se mantenha o ensino védico de acordo com a tradição e que as obras não corram o risco de serem alteradas, como ele mesmo já presenciou durante algumas leituras em *e-book*.

No entanto, ele ressalta uma diferença: se é para se difundir a literatura védica, que não seja através de publicações de livros digitais, mas sim através do escaneamento dos impressos, única forma de assegurar que as informações ali contidas estão corretas e mais próximas aos originais. Neste caso, afirma que seria muito benéfico para as novas gerações que talvez tenham mais afinidade com a leitura em seus dispositivos móveis, ao invés do livro impresso em papel.

Vale lembrar este fenômeno que também ocorreu com o impresso no seu início, e que os materiais estabeleceram, com o tempo, padrões de confiança, visto que

a falta de confiança no impresso foi debelada ao longo do tempo em razão das relações e acordos firmados entre indivíduos responsáveis pela produção e comercialização desse material, os quais puderam estabelecer padrões de confiabilidade no livro impresso, representados pela forma material do livro, sua qualidade, selo de editoras e distribuidoras, formatações e etc (ALTIERI, 2013, p. 10).

Resta saber se com o livro digital, se desenvolverão também os padrões de confiabilidade da mesma forma que foram estabelecidas com o livro impresso ao longo de sua história.

## CONCLUSÃO

Apesar de não representar a totalidade dos devotos *Vaishnavas* no Brasil e toda comunidade na Índia, a pesquisa realizada conseguiu identificar alguns pontos interessantes em relação ao comportamento dos leitores de livros sagrados da tradição védica. Foi observado que para todos há a certeza de que o conteúdo destas obras é sagrado devido à sua origem divina, segundo a crença desta comunidade. As obras, narradas pelo próprio Deus e recebidas através de sábios, fazem com que estas se tornem uma referência e autoridade na tradição.

Em relação ao suporte, o objeto-livro também carrega essa aura de sacralidade da mesma forma que seu conteúdo. No entanto, ao se transportar a obra para o suporte eletrônico, transformando o conteúdo em digital, as opiniões dos entrevistados começam a mudar e respostas diferentes são coletadas, já que é muito forte a influência da subjetividade ao se tratar de livros, leitores e hábitos de leitura.

Muitas questões acerca da materialidade são percebidas tanto nas entrevistas quanto na observação do comportamento destes devotos. O afeto, a responsabilidade, o respeito e a devoção estão muito presentes no livro físico, já que para eles, este carrega não apenas o conteúdo sagrado, mas representa a própria manifestação de Deus em suas páginas.

Sendo assim o livro impresso seria visto como a materialização do sagrado, tornando possível uma aproximação do devoto, seja ele leitor ou não, com Deus. Isso é interessante, pois para se obter esse contato, não é preciso, necessariamente, que a obra seja lida. Ela pode estar presente em um altar e ser adorada como os outros elementos representantes da fé.

Com a presença dessa aura sacra nos livros impressos, há a demanda de um cuidado maior com estes objetos. Regras de comportamento e manejo são estabelecidos no preparo da leitura e estudos, mas que, no entanto, não são repetidas quando o livro está em um formato digital. Não se lavam as mãos e nem se cria um ambiente e momento especial para se realizar a leitura no digital. Se com uma obra impressa é necessário, por exemplo, um suporte para apoiá-lo, uma postura corporal adequada, um momento sagrado do dia ou até mesmo a entoação de orações e reverências antes da sua leitura, o digital pode ser lido nos transportes públicos ou em qualquer lugar, exigindo, quando muito, reverências antes de se iniciar a leitura.

Comparando o comportamento dos brasileiros com os indianos, percebe-se uma rejeição maior do digital entre estes, que chegam a afirmar que uma obra em suporte eletrônico não chega a ser, sequer, um livro. Nota-se com as observações, que a importância da materialidade para a tradição na Índia tem um peso maior, já que há um costume inato de reverência a rios sagrados, deidades, pedras, entre outros objetos que são percebidos como a manifestação divina. Com o livro não se esperava que fosse diferente este olhar.

Já no Brasil, a aceitação do livro digital é maior, mas ainda assim há uma distância afetiva ao se comparar com o impresso. Não pode-se negar que há a presença do afeto no livro digital, talvez mais relacionada à importância que a obra tem para a tradição, porém, os hábitos de leituras não são transferidos, dando a impressão de que o impresso permite uma maior intimidade com seus leitores.

Em relação às bibliotecas, o visual é importante, assim como ter um livro posicionado em um altar e adorá-lo como o próprio Deus, ainda que não seja lido. Assim, o livro desperta diferentes sensações em seus leitores e folhear suas páginas é como tocar no corpo do próprio Deus materializado. Ainda que não se leia a obra, há a sensação da presença do divino no ambiente, seja para proteção, seja para adoração. Neste caso, o afeto desenvolvido pelo devoto em relação ao seu livro pode se manifestar de diferentes maneiras:

a história do livro, enquanto objeto, não deve ser confundida com a história de seu conteúdo, o afeto desenvolvido pelos leitores em relação aos livros não pode ser definido apenas em relação ao prazer pela leitura, que, por sua vez, também não deve ser entendida como ligada somente a fatores intelectuais, ainda que tradicionalmente estes sejam privilegiados. (GONÇALVES E GONÇALVES, 2015)

Livro digital e sua materialidade é um tema atual no campo acadêmico, mas quando se trata da tradição védica no Brasil, os estudos ainda são muito recentes, já que no país não há uma expressão forte se compararmos às outras religiões.

No entanto, devido ao grande volume literário produzido ao longo de milênios nesta tradição e pela relevância dos cânones para a história dos livros e das religiões, é importante direcionar o olhar para este objeto, assim como para as questões do livro impresso e o digital e para tópicos acerca do sagrado. Afinal, muito se debate atualmente sobre a materialidade do livro físico e a passagem para o digital, e muitas pesquisas são produzidas com debates acerca da fé, porém, ao unirmos os dois pilares, ainda há uma lacuna a ser preenchida.

## REFERÊNCIAS

- ALTIERI, Júlio. **Ler no tempo**: as formas de leitura em ambientes digitais. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historiada-midia-digital/ler-no-tempo-as-formas-de-leitura-em-ambientes-digitais> (Acesso em 18 de janeiro 2020).
- BARBIER, Frédéric. **História do Livro**. São Paulo: Paulistana, 2008.
- BAUMAN, Zygmund. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BUCK, William. **O Mahabharata**: o clássico poema épico indiano recontado em prosa por William Buck. São Paulo: Cultrix, 2014.
- BÜHLER, George. **The laws of Manu**: Sacred books of the east. Disponível em: <http://www.sacred-texts.com/hin/manu.htm>. Acesso em 15 agosto 2018.
- CARDOSO, Silas Klein. **Religião do livro, não da leitura**: concepções da Torá no Israel Antigo. Revista Pistis & Praxis: teologia e pastoral, Curitiba, v.9, n.1, 329-350, jan./abr. 2017.
- CHARTIER, Roger. **Do códice ao monitor**: a trajetória do escrito. Estudos Avançados. [on-line], vol.8, n.21, p.185-199, 2014.
- CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: UNESP, 2003.
- DASGUPTA, Surendranath. **A History of Indian Philosophy**. Delhi: Motilal Baranarsidass, 1992.
- FEUERSTEIN, Georg; FEUERSTEIN, Brenda. **O Bhagavad-Gita**: uma nova tradução. São Paulo: Pensamento, 2015.
- FEUERSTEIN, Georg. **Enciclopédia de Yoga da Pensamento**. São Paulo: Pensamento, 2005.
- FEUERSTEIN, Georg. **Introduction to the Bhagavad-Gita**: its philosophy and cultural setting. London: RIDER & COMPANY LONDON, 1974.
- FEUERSTEIN, Georg. **A Tradição do Yoga**: História, Literatura, Filosofia e Prática. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla; 11a. Ed. São Paulo: Pensamento, 2016.
- FISCHER, Steven Roger. **História da leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- FURTADO, José Afonso. **O papel e o pixel**. Do impresso ao digital: continuidades e transformações. Florianópolis: Escritório do Livro, 2006.
- GONÇALVES, Márcio Souza. GONÇALVES, Thays G. **Um livro pra chamar de meu**: afeto e materialidade. In: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da

Comunicação - INTERCOM, 2015, Rio de Janeiro. Anais do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM. São Paulo: Intercom, 2015. v. 1. p. 1-15.

HAVELOCK, Erick. **A musa aprende a escrever**: reflexões sobre a oralidade e a literacia da Antiguidade ao presente. Lisboa: Gradiva, 1996.

HOUBEN, Jan. **A Tradição Sânscrita entre Memética Védica e Cultura Literária**. Linguagem & Ensino, Pelotas, v.17, n.2, 2014.

LYONS, Martin. **Livro**: uma história viva. São Paulo: Editora Senac, 2011.

MACDONELL, Arthur A. **A History of Sanskrit Literature**. New Delhi: Munshirama Manoharlal, 1972.

McKENZIE, Donald F. **Bibliography and the sociology of texts**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

NARAYAN, Vasudha. **Conhecendo o Hinduísmo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

OLIVEIRA, Gisele. **Rituais de fogo na Índia antiga**. IV Congresso Internacional de História. Maringá, 2009.

ONG, Walter J. **Orality and Literacy**: the technologizing of the world. New York: Taylor & Francis e-Library, 2005.

PILLAI, P. Govinda. **The Bhakti Movement**: renaissance or revivalism? Delhi: Aakar Books, 2013.

PRASOON, Shrikant. **Indian scriptures**. Delhi: Hindology Books, 2008.

SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

SILVESTRE, Ricardo Souza. **Filosofia e teologia da Bhagavad-Gita, Hinduísmo e Vaishnavismo de Caitanya**: Homenagem a Howard J. Resnick. Curitiba: Juruá, 2015.

THAPAR, Romila. **Readings in Early Indian History**. New Delhi: Oxford University Press, 2013.

TINÔCO, Carlos Alberto. **As Upanishad**. São Paulo: IBRASA, 1996.

VARELLA, Francisco J. **A mente corpórea**: ciência cognitiva e experiência humana. Lisboa, Instituto Piaget, 1991.

VECCHIO, Pollyanna de Mattos Moura. Leitura religiosa e novas tecnologias: um estudo sobre o uso de versões digitais da Bíblia, do Alcorão, do livro de Mórmon e da Torá. **Texto Livre: Linguagem e Tecnologia**, [S.l.], v. 6, n. 2, p. 125-140, out. 2013. ISSN 1983-3652. Disponível em:

<<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/5111>>. Acesso em: 04 fev. 2020. doi:<http://dx.doi.org/10.17851/1983-3652.6.2.125-140>.

WILKINS, W. J. Hindu **Mythology**. New Delhi: Rupa & Co, 1994.

ZIMMER, Heinrich. **Filosofias da Índia**. São Paulo: Palas Athena, 2018.



## ANEXO A: QUESTIONÁRIO DA PESQUISA

IDENTIFICAÇÃO: Nome, idade, grau de instrução e área de formação/trabalho

### SOBRE A TRADIÇÃO

1. Qual o nome oficial da sua religião?
2. Qual a sua posição nesta religião? (ocupa algum cargo, é frequentador, há quanto tempo...)
3. Se uma pessoa leiga te pergunta qual sua religião, o que você responde?
4. Quem é seu mestre espiritual?
5. Você se considera pertencente à comunidade Hinduísta do Brasil?

### SOBRE O LIVRO SAGRADO

1. Em sua religião há vários livros sagrados. O que faz um livro ser sagrado?
2. Para a sua tradição, qual a literatura mais importante?
3. Na sua opinião, qual o mais importante?
4. Na sua casa tem algum espaço reservado com objetos que representem a sua fé e que o torne um lugar sagrado?
5. Em que local de sua casa você guarda seus livros sagrados? Como os guarda?
6. Qual a importância dos livros escritos pelo seu mestre espiritual em relação ao citado como principal da sua religião?
7. Os livros escritos por seu mestre também são sagrados? Por quê?
8. Você costuma comprar os livros sagrados ou empresta?
9. Qual a facilidade de acesso aos livros sagrados da sua tradição? Existem obras traduzidas para o português? São fáceis de comprar?

### O SÂNSCRITO

1. Para a tradição védica, o Sânscrito e a escrita *Devanagari* são sagrados. Qual sua opinião sobre isso?
2. Você tem conhecimento do sânscrito? Já estudou alguma vez, tem algum conhecimento?

3. Em sua opinião, um livro com versos em sânscrito é mais sagrado que o mesmo livro com os versos traduzidos para o inglês ou português?
4. Qual versão você prefere realizar a leitura: livros com versos em sânscrito ou apenas traduzidos?
5. Na sua religião há alguma divisão de atos vistos como sagrados ou profanos?
6. Como se dá o sagrado e o profano em relação aos livros?
7. A forma como você manipula um livro comum é diferente da forma como manipula um livro sagrado? Por quê?
8. O que você costuma fazer com um livro comum que jamais faria com um livro sagrado?

### PRÁTICA DE LEITURA (IMPRESSO)

1. Em qual circunstância costuma fazer a leitura dos livros sagrados?
2. Ao ler um livro sagrado, considera uma leitura ou um estudo?
3. Há algum ritual de leitura que deve ser feito antes de ler um livro sagrado? E depois?
4. Como você lê? (há algum momento do dia específico de leitura, lê deitado, sentado.)
5. Você costuma interagir com seus livros fazendo anotações ou usando marca-textos?

### SOBRE OS LIVROS DIGITAIS

1. Você costuma fazer leitura de livros digitais no geral?
2. Se sim, como se dá o seu hábito de leitura digital? Em que suporte costuma fazer as leituras?
3. Quanto aos livros sagrados, costuma ler na versão digital?
4. Em sua biblioteca espiritual há mais livros impressos ou digitais? Em que situação lê cada um deles?
5. Na sua opinião, o livro digital também é sagrado? Por quê?
6. Para você há alguma diferença entre o livro sagrado impresso e o digital?

7. Caso faça algum ritual de leitura com o livro sagrado impresso, ele se repete no digital?
8. Você acha que a disponibilidade de um livro sagrado na internet ajuda ou prejudica a tradição védica?